ANTÔNIO RENATO GUSSO

PREFÁCIO
TÉRCIO MACHADO SIQUEIRA

OS PROFETAS MENORES

INTRODUÇÃO FUNDAMENTAL E AUXÍLIOS PARA A INTERPRETAÇÃO

OSEIAS - JOEL - AMÓS
OBADIAS - JONAS - MIQUEIAS
NAUM - HABACUQUE
SOFONIAS - AGEU
ZACARIAS - MALAQUIAS

SANTOS

OS PROFETAS MENORES

INTRODUÇÃO FUNDAMENTAL E AUXÍLIOS PARA A INTERPRETAÇÃO

Copyright©2017 por
Antônio Renato Gusso
Todos os direitos reservados por:
A. D. Santos Editora
Al. Júlia da Costa, 215
80410-070
Curitiba – Paraná – Brasil
+55(41)3207-8585
www.adsantos.com.br
editora@adsantos.com.br
Capa:
Igor Braga
Editoração:
Manoel Menezes
Acompanhamento Editorial:
Priscila Laranjeira
Impressão e acabamento:
Gráfica Exklusiva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

GUSSO, Antônio Renato.

Os Profetas Menores – Introdução fundamental e auxílios para a interpretação / Antônio Renato Gusso – A.D. Santos Editora, Curitiba, 2017. 184 páginas.
ISBN – 978.85.7459-411-8
CDD – 221
1. O Antigo Testamento – História do Antigo Testamento.

CDD – 240
1. Preceitos Bíblicos; Casuística moral cristã.
2. Os dez mandamentos.

1ª edição. 2ª reimpressão. Maio de 2017.
Proibida a reprodução total ou parcial, por quaisquer meios a não ser em citações breves, com indicação da fonte.
Edição e Distribuição:

SANTOS EDITORA

Dedicatória

Não haveria Livros Proféticos sem os profetas, mas também não existiriam profetas se o Senhor não os chamasse e lhes entregasse a mensagem que o povo precisa ouvir. Assim, quem profetiza é o profeta, mas quem fala é o próprio Deus por intermédio dele, como muito bem reconheceu o profeta Amós ao dizer: "O leão rugiu, quem não temerá?

O SENHOR Deus falou, quem não profetizará?". Desta forma, meus louvores e reconhecimentos, mais do que para os profetas em si, instrumentos de Deus, vão para o próprio Deus soberano, criador e sustentador de todo o universo.

A Ele, grato pelo privilégio de também ser um instrumento na divulgação de sua Palavra, dedico mais este livro, fruto de meu esforço e estudo, sim, mas, muito mais do que isto, resultado da graça e da misericórdia de Deus em minha vida.

> "Se o teu inimigo estiver faminto, dá-lhe de comer pão, e se estiver sedento, dá-lhe de beber água; pois agindo assim, tu serás como um que amontoa brasas sobre a cabeça dele, e Yavé te recompensará". (Provérbios 25.21-22)[Nota 1]

Nota 1 - GUSSO, Antônio Renato. O Livro de Provérbios analítico e interlinear: curso prático para aprimorar o conhecimento do hebraico bíblico. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013. [Voltar]

Prefácio

Todo esforço para interpretar o texto bíblico de forma séria e responsável merece aplausos dos leitores e das leitoras da Bíblia. A razão deste entusiasmo está no esforço do autor de "Profetas Menores" por diminuir a distância entre nós e a produção do Texto Sagrado: distância no tempo, na geografia, na forma de cultuar, na língua, na cultura, entre outras dificuldades. Quando alguém, com competência, se propõe diminuir essas distâncias e iluminar esse lado obscuro da literatura bíblica, devemos aplaudir.

Este livro procura analisar os Doze Profetas Menores, e meu entusiasmo, também, se manifesta pela forma com que o autor estuda a Bíblia, particularmente, os profetas cujos livros possuem poucos capítulos. Sabemos que estes doze livros proféticos formam um só livro no texto original, a Bíblia Hebraica. Apesar destes livros serem incluídos no texto original como uma coleção separada, cada livro profético guarda sua própria identidade: eles têm seus próprios cabeçalhos ou narrativas introdutórias que identifica cada profeta e providencia informações sobre o contexto histórico de cada livro. Enfim, não há material literário comum aos Doze Profetas. Todavia, há detalhes, nestes livros proféticos, que mostram certa unidade: eles compartilham a mesma fé no Deus, Javé. Apesar das diferentes épocas de atuação e modos de compreender o significado dos eventos do mundo, eles confessam a mesma fé e a esperança no mesmo Deus. A beleza desta coleção de livros proféticos está na diversidade teológica. O profeta Oseias não interpretava teologicamente Judá e Israel da mesma forma que o profeta Miqueias, vivendo na mesma época. São lições eternas que a Bíblia insiste ensinar à Igreja Cristã.

Felizmente, o povo cristão procura, com maior intensidade, o estudo da Bíblia em suas comunidades locais. Estudos, como "Profetas Menores", vão alimentar a carência do povo pela espiritualidade e conhecimento intelectual da Bíblia. Portanto, é animador perceber a chegada deste livro, "Profetas Menores", que vem preencher um lugar especial e esperado nos diferentes cursos de teologia e, porque não dizer, nas escolas dominicais das comunidades cristãs. Hoje, as comunidades cristãs, fartas da superficialidade, estão carentes de estudos bíblicos com a seriedade deste livro que apresentamos.

Dr. Tércio Machado Siqueira
Universidade Metodista de São Paulo

Sumário

Introdução
1. INTRODUÇÃO AOS PROFETAS MENORES
2. O LIVRO DE OSEIAS
3. O LIVRO DE JOEL
4. O LIVRO DE AMÓS
5. O LIVRO DE OBADIAS
6. O LIVRO DE JONAS
7. O LIVRO DE MIQUEIAS
8. O LIVRO DE NAUM
9. O LIVRO DE HABACUQUE
10. O LIVRO DE SOFONIAS
11. O LIVRO DE AGEU
12. O LIVRO DE ZACARIAS
13. O LIVRO DE MALAQUIAS
Referências Bibliográficas
Índice de Nomes e Temas
Índice de Palavras e Expressões Hebraicas

Introdução

Este é o meu quinto livro que tem como subtítulo o explicativo "introdução fundamental e auxílios para a interpretação". Com este mesmo subtítulo já foram colocados à disposição dos leitores "O Pentateuco", "Os Livros Históricos", "Os Livros Poéticos e os da Sabedoria", e "Os Profetas Maiores". Como se vê, só estava faltando um chamado de "Os Profetas Maiores", para que cobríssemos todos os livros do Antigo Testamento em sua ordem natural do Cânon Evangélico. Agora não falta mais!

Este, em sua forma, é bastante semelhante aos anteriores.

Os que já os conhecem sabem, mas nunca é demais explicar, que não se trata de uma introdução tradicional aos livros do Antigo Testamento e nem mesmo de um comentário de seus livros. Este livro, assim como os anteriores desta coleção, é o que o seu nome está dizendo, uma introdução fundamental.

Ou seja, aborda as questões indispensáveis para que o leitor entenda o livro bíblico, o alvo que temos em mente. Também não segue a linha dos comentários tradicionais, os quais analisam todos os textos de cada livro. Nele são tratadas as dificuldades que, normalmente, os estudantes enfrentam para entender os livros em foco. Assim, aquilo que está claro não será abordado, mas aquilo que tem um grau elevado de dificuldade, e que durante as aulas que ministro eu percebi que causa estranheza aos leitores, certamente será tratado.

Desta forma, não será comentada parte por parte dos livros bíblicos, mas serão trabalhados textos e particularidades que auxiliem na interpretação, tentando esclarecer, dentro do possível, aquilo que, normalmente, o leitor tem dificuldade para compreender. Dai o subtítulo "auxílios para a interpretação".

É sempre bom lembrar que livros desta natureza não são para serem apenas lidos, mas foram criados para serem estudados. Portanto, a leitura deve ser feita com tempo e sempre acompanhada da leitura do próprio texto bíblico de cada livro profético aqui estudado. Quando não identificada a versão que normalmente é utilizada nas citações é a conhecida como Almeida Século 21. As demais, quando aparecerem, são identificadas.

Muitas palavras hebraicas e algumas gregas são citadas no decorrer do livro. A intenção de colocar estas palavras é sempre ajudar o leitor. Este, inclusive, poderá aprofundar o seu estudo utilizando dicionários. Para facilitar a leitura destas palavras por parte dos leitores que não estão familiarizados com estas línguas, as palavras aparecerão em suas formas originais, hebraicas e gregas, mas sempre acompanhadas da respectiva transliteração, a representação da leitura delas com as letras do nosso alfabeto. Para a transliteração das palavras hebraicas utilizo as sugestões que eu mesmo dou em minha "Gramática Instrumental do Hebraico"[Nota 2], e do grego, as que estão em minha "Gramática Instrumental do Grego"[Nota 3].

A apresentação dos assuntos é feita em duas partes gerais.

A primeira parte é uma breve introdução ao estudo do grupo todo dos livros conhecidos como Profetas Menores.

A segunda, a qual é dividida em outras doze, trata um por um destes livros, com uma introdução

específica, a chamada introdução fundamental, e dos detalhes que, normalmente, necessitam de esclarecimentos, os aqui chamados auxílios para a interpretação. A abordagem, dentro do possível, será muito semelhante para cada um dos livros bíblicos analisados, mas com algumas possíveis diferenças, pois, ainda que todos sejam chamados de livros proféticos, cada um possui suas próprias peculiaridades.

Um minucioso, mas gratificante trabalho nos espera.

Pegue a sua Bíblia e vamos aos estudos!

Nota 2 - GUSSO, Antônio Renato. Gramática Instrumental do Hebraico. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2008. [Voltar]
Nota 3 - GUSSO, Antônio Renato. Gramática Instrumental do Hebraico. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2008. [Voltar]

1.

INTRODUÇÃO AOS PROFETAS MENORES

Nesta introdução geral ao conjunto de livros proféticos conhecidos como Profetas Menores, antes de partir para cada um dos livros individualmente, desejo destacar, principalmente: 1) Os componentes do conjunto; 2) O nome do conjunto e 3) a Posição nos Cânones principais. Vejamos parte por parte.

1.1. Os Componentes do Conjunto de Livros Chamado de Profetas Menores

Os livros que compõem o conjunto conhecido como Profetas Menores são 12. Não é fácil determinar a data aproximada de alguns deles, como será visto mais adiante quando tratarmos de cada um, mas, no geral, eles tratam de acontecimentos dos períodos Pré-exílico, Exílico e Pós-exílico, entre o século VIII e o V a.C., escritos por vários autores, alguns conhecidos, porém outros não.

Os livros, na ordem em que se encontram na Bíblia, não na cronológica, seja dos escritos ou dos acontecimentos, são os seguintes: 1) Oseias; 2) Joel; 3) Amós; 4) Obadias; 5) Jonas; 6) Miqueias; 7) Naum; 8) Habacuque; 9) Sofonias; 10) Ageu; 11) Zacarias e 12) Malaquias.

1.2. O Nome do Conjunto de Livros Chamado de Profetas Menores

O nome deste conjunto de livros, "Profetas Menores", não tem nenhuma ligação com a autoridade ou qualidade dos mesmos. Eles são chamados de menores, simplesmente, para que se diferenciem dos livros proféticos maiores em volume, como Isaías, Jeremias e Ezequiel. Ou seja, os livros proféticos mais volumosos são chamados de "Profetas Maiores" e o menos volumosos de "Profetas Menores".

Esta nomenclatura, "Profetas Menores", vem, pelo menos, da época de Agostinho, quando assim os denominou em sua obra conhecida como "Cidade de Deus". Eles também são conhecidos no meio judaico, em conjunto, como "O Livro dos Doze Profetas". Isto graças a uma citação de Eclesiástico 49 que os considera reunidos em um único livro conhecido como *Dodekapropheton*.[Nota 4] O texto de Eclesiástico citando os doze é o seguinte, de acordo com a versão Bíblia de Jerusalém: "...Quanto aos doze profetas, que seus ossos floresçam no sepulcro, porque eles consolaram Jacó, eles o resgataram na fé e na esperança" (49.11-12).

1.3. A Posição dos Profetas Menores nos Cânones

Como é de amplo conhecimento o Cânon Hebraico divide-se em três partes que são: 1) Lei (*Tôrâ* תּוֹרָה –), 2) Profetas (*Nebî'îm* – נביאים) e 3) Escritos (*Ketûbîm* – כתובים). Nele estes livros que aqui estudaremos se encontram na segunda parte da segunda divisão, na chamada "Profetas Posteriores", juntamente com Isaías, Jeremias e Ezequiel. Já no Cânon Evangélico, da mesma forma que o Católico, eles se encontram separados como a última parte do Antigo Testamento, conhecida

pelo nome de “Profetas Menores”.

Nota 4 - SELLIN, Ernst e FOHRER, Georg. Introdução ao Antigo Testamento. São Paulo: Edições Paulina, 1977, p.543. [Voltar]

2.

O LIVRO DE OSEIAS

O Livro de Oseias é pouco conhecido. Seus três primeiros capítulos, com razão, devido aos claros problemas de interpretação que apresentam, têm chamado a atenção dos estudantes da Bíblia, mas o restante dele, os capítulos 4-14, quase não têm sido estudados. Portanto, a sugestão neste estudo é que, após a leitura atenciosa dos três primeiros capítulos, o esforço seja ainda maior na leitura dos demais, buscando-se seus ensinos para a época do profeta e para os dias atuais. Também é importante, antes de passar à leitura do texto que segue, acompanhada do texto bíblico de Oseias, fazer uma leitura preliminar de Oseias como um todo.

2.1. O Profeta

Oseias viveu e pregou no Reino do Norte, Israel. Alguns pensam que há uma possibilidade de que ele tenha sido padeiro, pois existem referências ao cozer pão no capítulo sete do livro. Porém, também existem referências relativas à agricultura o que poderia ser uma pista de que a profissão dele era outra.[Nota 5] Na verdade, não se sabe se ele tinha alguma profissão em especial ou apenas atuava como profeta. A tradição judaica afirma que Oseias é o primeiro profeta canônico, mas isto não tem sido aceito pela maioria dos estudiosos atuais que optam por Amós.[Nota 6]

Seu nome em hebraico é *hôshēa‘* (הוֹשֵׁעַ), e aparece já no início do livro em 1.1, ao lado do nome de seu pai *be’ērî* (בְּאֵרִי). A presença do nome do pai do profeta pode ser um indício de sua posição social. Ao menos, o nome de seu pai era digno de ser citado.[Nota 7] Além de profeta, percebe-se pelos indícios preservados no próprio livro que ele se apresenta como um hábil poeta.[Nota 8]

2.2. A Situação Histórica, a Autoria e a Data de Oseias

As mensagens de Oseias devem ter sido pregadas poucos anos após a expulsão do profeta Amós do Reino do Norte, o chamado Israel, próximo à época em que Tiglate Pileser III usurpou o trono da Assíria, isto por volta de 745 a.C. Em Israel, Reino do Norte, houve uma grande confusão política neste período. Sendo que depois do longo reinado de Jeroboão II os reis iam sendo sucedidos rapidamente e, na maioria das vezes lançando mão de assassinatos para isto. Após Jeroboão II, seis reis foram substituídos em um período de apenas 30 anos, o que bem mostra a instabilidade política da época. Veja na sequência quais foram os reis e por quanto tempo governaram.

Jeroboão II 793-753

Zacarias 753 – Filho de Jeroboão II

Salum 752 – Assassinou Zacarias

Menaém 752-742 – Assassinou Salum

Pecaías 742-740 – Filho de Menaém

Peca 740-732 – Assassinou Pecaías

Oseias 732-723 – Assassinou Peca

Israel estava, de forma geral, confuso e vacilante diante de tantas dificuldades. Além dos problemas internos, no desespero, não sabia se pendia para o lado da Assíria ou para o lado do Egito, as potências que os pressionavam no momento. O profeta Oseias critica esta posição de indecisão dos líderes de Israel, pois buscavam apoio em outras nações, mas nem se lembravam de procurar ajuda em seu Deus (Os 5.13, 7.11, 12.1).[Nota 9] Veja o que ele diz: "Quando Efraim viu a sua enfermidade, e Judá a sua chaga, Efraim recorreu à Assíria e mandou buscar ajuda do grande rei; mas ele não vos pôde curar, nem sarar a vossa chaga" (Os 5.13). É bom lembrar que neste texto a palavra Efraim é um sinônimo para Israel.

Logo mais adiante o profeta mostra que a nação esta vacilante, recorrendo ao Egito e à Assíria ao mesmo tempo. Ele disse: "Efraim é como uma pomba, insensata, sem entendimento; invocam o Egito, vão para a Assíria" (Os 7.11).

E mais adiante declarou: "Efraim se alimenta de vento; segue o vento oriental o dia todo; multiplica a mentira e a destruição; e fazem aliança com a Assíria e mandam o azeite para o Egito" (Os 12.1).

O autor do livro deve ter sido o próprio profeta Oseias.

Seus escritos são os únicos relativos aos profetas do Reino do Norte que foram preservados.[Nota 10] Contudo, deve-se levar em conta que alguns consideram o livro como uma coleção de sermões a qual teria sido composta por mensagens de Oseias proferidas em um período de aproximadamente vinte e cinco anos e que por fim foram compiladas em 725 a.C.[Nota 11]

Ainda existem outros estudiosos que pensam que apenas algumas partes do livro procedem diretamente do profeta, e que o arranjo final, ou o trabalho de recompilação, deve ser atribuído aos seus discípulos.[Nota 12]

2.3. Características Gerais do Livro de Oseias

Nesta parte queremos destacar apenas dois pontos que chamam a atenção, o primeiro é a questão do texto em si, e o segundo a dos significados dos nomes próprios que aparecem no texto. Eles podem ser importantes na hora da interpretação.

2.3.1. O texto de Oseias

O texto de Oseias é considerado por alguns como o livro que sofreu maior corrupção textual em todo o Antigo Testamento. Daí a grande variedade de interpretações como, por exemplo, as tiradas do capítulo 11, onde muitos percebem muitas esperanças para o futuro enquanto outros não encontram nenhuma esperança.[Nota 13]

Clyde T. Francisco considera o texto de Oseias como sendo o mais confuso do Antigo Testamento e acha quase impossível esboçá-lo. Para ele, isto se deve às fortes emoções que o profeta sentia na ocasião da produção dos escritos.[Nota 14]

Contudo, deve ser levado em consideração que há a possibilidade dos problemas textuais em Oseias, provavelmente, serem mais devidos ao desconhecimento atual a respeito dele do que de uma corrupção do texto em si.[Nota 15] Por enquanto muitas de suas frases só podem ser traduzidas do texto em hebraico com base em hipóteses.[Nota 16]

2.3.2. Nomes e seus significados utilizados no Livro de Oseias

Alguns nomes no Livro de Oseias são utilizados claramente de forma simbólica para transmitir uma mensagem, como é o caso dos nomes dos filhos do profeta. Os significados deles, então, podem ajudar a entender melhor a mensagem. Provavelmente, nem todos os nomes que seguem estão ligados à mensagem em si, mas todos possuem elementos importantes a respeito do período histórico no qual o livro foi escrito. Os que seguem são interessantes:

a) Oseias (*hôshēa'* – הוֹשֵׁעַ) é o nome tanto do livro quanto do profeta. Ele é uma variante da forma que normalmente aparece nas versões em português como Josué e possui o significado de "Yavé salva";[Nota 17]

b) Beeri (*beerî* – בְּאֵרִי) é o nome do pai do profeta Oseias. Seu significado é "meu poço" ou "minha fonte";[Nota 18]

c) Gômer (*gōmer* – גֹּמֶר) é o nome da esposa do profeta, conforme aparece no texto de 1.3. Um possível significado deste nome é "completamento"[Nota 19], mas também pode ser da raiz *gmr* (גמר) e significar algo como estar no fim, terminar, cessar, retribuir ou vingar, todos nomes interessantes dentro do desenrolar da história apresentada no livro;

d) Diblaim (*diblāyim* – דִּבְלָיִם) é um nome que aparece identificando melhor Gômer (*gōmer* – (גמר)). Em Oseias 1.3 está escrito que ela é filha de Diblaim (*diblāyim* – דִּבְלָיִם). Deve ser levado em conta que a palavra filho, ou filha, que na maioria dos casos indica procedência ou filiação, também pode estar sugerindo adesão, ou, apontando para um seguidor de algo ou alguém.

Alguns têm pensado que o termo *diblāyim* (דִּבְלָיִם) é a forma do dual[Nota 20] da palavra *debēlâ* (דְּבֵלָה) , a qual significa "bolo de figos". Como os bolos de figos faziam parte da adoração ao deus Baal, a expressão "filha de *diblāyim*" poderia estar apontando para o fato de Gômer (*gōmer* – (גמר)) ser adoradora de Baal.[Nota 21]

e) *yizre'e'l* (יִזְרְעֶאל) , nome que normalmente aparece nas versões em português como Jezreel (Os 1.4), tem sido entendido de forma literal tanto como "Deus semeia"[Nota 22]

como também "Deus espalha".[Nota 23]○ Mas deve ser levado em conta, ainda, que este termo era o nome do lugar onde Jeú elevado ao poder para reinar sobre todo o Israel, em meio a uma impressionante carnificina (2 Rs 9.21-28,30-37; 10.1-10), o que pode estar indicando que uma boa tradução para esta palavra, dependendo do contexto, seria "carnificina".

f) Lo-Ruama (*lō' ruhāmâ* – לא רחמה), o qual aparece em 1.6 e 2.23, é um nome que tem sido entendido como "desfavorecida" ou "não amada". Ele é composto pelo advérbio de negação "não" (*lō'* – לא) mais o verbo *ruhāmâ* (רֻחָמָה), que é uma forma intensiva[Nota 24] e significa "encontrar misericórdia", "encontrar compaixão".

g) Lo-Ami (*lō' 'ammî* – לא עַמִּי), utilizado em 1.9 e 2.23, é composto pelo advérbio de negação "não" (*lō'* – לא) mais o substantivo "povo" (*'ām* – עַם) com o sufixo pronominal da primeira pessoa

do singular "*y*" (y) o que resulta na tradução literal "não povo meu", a qual pode ser melhorada para "não é meu povo".

h) Ami (*'ammî* – עַמִּי, o qual aparece nas versões em português em 2.1 e no texto em hebraico em 2.3, é o mesmo nome tratado no ponto anterior, letra g, sem o advérbio de negação. Seu significado então é o seguinte: "meu povo".

i) Ruama (*ruhāmâ* (רֻחָמָה) é o mesmo nome que apare-ceu no item f, mas, agora, no texto de 2.1, na maioria das versões em português, ou em 2.3 no Texto Hebraico, ele é apresentado sem o advérbio de negação. Aqui, então, tem o sentido positivo de "encontrar misericórdia" ou "encontrar favor".

2.4. A Mensagem de Oseias

É possível afirmar que a mensagem central do livro de Oseias é o amor imutável de Deus (*hesed* – חֶסֶד), pois apesar de estar sendo traído pelo seu povo, o qual merecia o castigo, ainda apresenta oportunidades para que o povo se arrependa, demonstrando estar pronto para perdoar e reatar o relacionamento. Contudo, não se pode deixar de observar que sua pregação também trata com clareza os seguintes assuntos: 1) graça; 2) pecado; 3) arrependimento e; 4) de uma maneira bastante profunda, a questão do conhecimento de Deus. Para o profeta, a falha principal que levou o povo à situação de calamidade na qual se encontrava, foi a falta de conhecimento a respeito de Deus.

2.5. O Esboço do Livro de Oseias

O esboço do Livro de Oseias que segue, dividido em duas partes principais, com pequenas alterações, é o apresentado por Clyde T. Francisco em seu livro "Introdução ao Antigo Testamento":

1. A INFIDELIDADE DE ISRAEL DESCRITA EM FORMA FIGURADA (1-3)
2. SELEÇÃO DAS PROFECIAS DE OSEIAS (4-14)
   - 2.1. Decadência Moral (4.1-7.7)
   - 2.2. Decadência Política (7.8-10.15)
   - 2.3. Compaixão de Deus (11.1-11)
   - 2.4. Apelo Final em Vão e Condenação Inevitável (11.12-13.16)
   - 2.5. Restauração Final, Seguida de Verdadeiro Arrependimento (14)[Nota 25]

2.6. O Problema dos Capítulos 1-3 do Livro de Oseias

Talvez a parte mais difícil para a interpretação esteja nos três primeiros capítulos do livro, os mais conhecidos. Pelo menos três formas principais de diferentes abordagens, entre outras, têm sido propostas com frequência para estes capítulos. São elas:

1) O texto deve ser entendido como uma visão;

2) O texto deve ser entendido como uma alegoria;

3) O texto deve ser entendido como a narrativa literal de um fato histórico.

Archer, Jr., entendendo que se trata aqui de uma narrativa literal argumenta que não há nenhum indício no texto que possa levá-la a ser caracterizada como uma espécie de parábola. Para ele, a melhor solução para o problema é supor que, na ocasião do casamento de Oseias, Gômer era pura, e

que só se desviou mais tarde.[Nota 26] O grande problema com esta suposição é que ela vai contra a ordem de Deus que diz ao profeta: "vai, toma uma mulher de prostituições" (Os 1.2).

Hubbard, destoando da maioria, também é da opinião que o gênero literário dos relatos dos três primeiros capítulos não é alegoria. Ele opta pelo que chama de profecia dramatizada. Segundo ele é necessário que lancemos mão de quatro diretrizes básicas para o entendimento destes capítulos:

> 1) O relato das experiências de Oseias é literal e não alegórico;
> 2) O relato biográfico do capítulo três é um desdobramento do relato biográfico do capítulo um;
> 3) Gômer ao casar-se com o profeta Oseias era uma mulher normal que mais tarde tornou-se adúltera e prostituta;
> 4) As mensagens do capítulo dois são comentários sobre os chamados à ação profética que estão descritos em 1.2 e 3.1.[Nota 27]

O que se pode afirmar é que existem ainda outras hipóteses a respeito da interpretação destes capítulos, e que todas elas apresentam barreiras para a sua aceitação completa. Talvez seja mais importante, nesta altura da pesquisa, procurar o sentido geral da passagem analisando-a de acordo com cada uma das teorias principais propostas para perceber o resultado global de todas elas. Feito isto, o mais importante é verificar a mensagem, ou ensino, que pode ser tirado da passagem, independentemente da teoria escolhida. O que fica claro é que Israel, a esposa de Yavé, estava agindo como uma prostituta, adulterando com outros deuses, mas, mesmo assim, Deus a continuava amando e chamando-a ao arrependimento. Este tema não está só nos primeiros capítulos, mas acaba percorrendo todo o livro.

2.7. Destaques que Ajudam na Interpretação do Livro de Oseias

1) Os dois primeiros capítulos não podem ser interpretados separadamente, os nomes dados aos filhos do profeta são fortes elementos de ligação entre eles.

2) A estrutura dos dois primeiros capítulos é a mesma, apresentando uma sequência básica de Pecado – Castigo e Perdão. Veja como fica:

a) Pecado 1.2
b) Castigo 1.4, 6 e 9
c) Perdão 1.10-2.1
a')Pecado 2.2-5
b')Castigo 2.6-13
c')Perdão 2.14-23

3) O capítulo 3 parece ser um ato profético que também descreve o pecado (vs. 1 e 2), o castigo (vs. 3 e 4) e o perdão (v. 5). Assim, pode-se afirmar que ele complementa os dois primeiros capítulos, apontando para uma unidade entre eles.

4) Gômer é claramente uma figura para Israel, tenha ela existido ou não (1-2).

5) A mãe citada em 2.2,5 é uma referência à nação de Israel, e o termo amantes (2.5,7,10,12,13)

indica os deuses que Israel estava adorando, cometendo, assim, adultério espiritual.

6) Deus estar sendo chamado de *ba'al* (בַּעַל), como é possível ver em 2.16, é uma amostra do grau de confusão religiosa que Israel estava vivendo. O texto diz o seguinte: "Naquele dia, diz o SENHOR, ela me chamará meu marido; e não me chamará mais meu Baal". O termo *ba'al* (בַּעַל), ainda que possa ser traduzido por senhor, dono ou marido, títulos utilizáveis para o Deus verdadeiro, também era o nome de um deus da fertilidade, ao qual o povo estava adorando.

7) Segundo a NTLH o preço pago pela mulher em 3.2 (quinze peças de prata e um ômer e meio de cevada) equivalia a "quinze barras de prata e cento e cinquenta quilos de cevada".

8) Basta uma leitura superficial nos textos que seguem para se perceber que a falta de conhecimento de Deus era um dos principais pontos combatidos por Oseias na segunda parte de seu livro: 4.1, 6, 14; 5.4; 6.3, 6; 7.11; 8.2; 9.7; 11.3; 13.4, 6; 14.9. Veja na lista seguinte um resumo do que os textos dizem:

a) "...porque não há verdade, nem bondade, nem conhecimento de Deus na terra" (4.1);
b) "O meu povo está sendo destruído porque lhe falta conhecimento" (4.6a);
c) "...Porque rejeitaste o conhecimento, eu te rejeita-rei..." (4.6b);
d) "...O povo que não tem entendimento será arruinado" (4.14b);
e) "...o espírito de prostituição está no meio deles, e não conhecem o SENHOR" (5.4b);
f) "Conheçamos e prossigamos em conhecer o SENHOR..." (6.3a);
g) "Pois quero misericórdia e não sacrifícios; e o conhecimento de Deus, mais do que holocaustos" (6.6);
h) "Efraim é como uma pomba insensata, sem entendimento..." (7.11a);
i) "E clamam a mim: Meu Deus, nós, Israel, te conhecemos" (8.2);
j) "...O profeta é um insensato, o homem inspirado é um louco..." (9.7);
k) "Porém eu ensinei Efraim a andar; eu o carreguei nos braços; mas eles não entendiam que era eu quem os curava" (11.3);
l) "...não conhecerás outro deus além de mim..." (13.4b);
m) "...por isso se esqueceram de mim..." (13.6b);
n) "Quem é sábio para entender essas coisas? E prudente, para compreendê-las?..." (14.9).

9) Em 4.8, os sacerdotes são acusados de se alimentarem do pecado do povo. O texto diz: "Eles se alimentam do pecado do meu povo e de coração desejam que eles pratiquem o mal". Isto pode ser uma referência às ofertas que o povo fazia pelo pecado e o costume dos sacerdotes de comê-las.

Para que tivessem mais ofertas eles acabavam incentivando o pecado.[Nota 28]

10) O termo "espírito de prostituição" que é utilizado em 4.12 e 5.4, na opinião de Crabtree, é simplesmente o desejo carnal do povo, da mesma forma como o "espírito de ciúmes" de Nm 5.14, o "espírito de perversidade", que aparece em Is 19.14, e o "espírito imundo", citado em Zc 13.2.[Nota 29]

11) Em 4.15 são citados dois locais de adoração em Israel, no Reino do Norte. O texto apela para que Judá, o Reino do Sul, não se faça semelhante a Israel, que seus habitantes não vão até estes santuários para cometer prostituição religiosa. O texto diz assim: "Ó Israel, ainda que queiras te

prostituir, não se faça Judá culpado; não venhais a Gilgal e não subais a Bete-Áven, nem jureis, dizendo: Vive o SENHOR".

12) Mudar os marcos de uma propriedade com a intenção de aumentar os limites do próprio terreno, invadindo o do próximo, fosse à força ou pela fraude, era uma ofensa intolerável (5.10). O praticante deste ato passava a ser um maldito em Israel. Assim, o ser como os que removem os marcos, o que era o caso dos chefes de Judá, era se colocar debaixo de maldição.[Nota 30] Veja o que diz sobre isto Deuteronômio 27.17: "Maldito aquele que remover os marcos do terreno do seu próximo. E todo o povo dirá: Amém".

13) O convite ao arrependimento de 6.1-3 tem sido entendido por alguns como uma referência à ressurreição de Cristo. Parece melhor entendê-la como referência à "ressurreição" da nação após a "morte" figurada no exílio, semelhante a Ez 37.

14) Efraim aparece no livro como sinônimo de Israel, Reino do Norte (6.10; 7.1,9-11).

15) O termo "o jumento montês anda solitário" (8.9) parece descrever a sorte de Israel em seu abandono. Segundo Asa Routh Crabtree, normalmente, o jumento montês gosta de andar em bandos. Mas, Israel, é o solitário que está a caminho do desastre.[Nota 31]

16) Os "dias de Gibea" (9.9 e 10.9) relembra a época dos juízes (Jz 19-21) quando um grande pecado foi cometido por seus moradores, em conjunto.

17) Em Oseias 10.1 Israel é comparada a uma videira viçosa. A figura da videira é um símbolo que descreve Israel (Sl 80.8, 14, 15; Jr 2.21). Assim, é interessante pensar na declaração de Jesus sobre ele mesmo, quando disse; "eu sou a videira verdadeira, e meu Pai é o agricultor" (João 15.1).

18) A passagem que está em 13.14 é uma das mais difíceis do livro. Não há acordo em relação à sua tradução e, consequentemente, a seu significado.[Nota 32] Alguns têm visto nela uma ameaça, pois os versículos anteriores e posteriores, claramente, são de ameaça. Ela está em um contexto de ameaça. Contudo, outros têm visto a passagem como uma promessa de livramento, assim como o apóstolo Paulo entendeu e aplicou no Novo Testamento, em 1Co 15.55.

O termo *sheol* (שאול) que aparece no texto deve ser entendido como "mundo dos mortos" ou "sepultura", e não "inferno", como algumas versões têm traduzido.

19) O último versículo do livro tem claras semelhanças com passagens de literatura de sabedoria, como provérbios 4.20-23, por exemplo. Como bem afirma David A. Hubbard, quer este final tenha sido acrescentado pelo profeta quer por um de seus seguidores, esta advertência já considerava o livro todo como Escritura Sagrada.[Nota 33]

Nota 5 - HEAVENOR, E. S. P. Oseias, livro de. Em: ed. ger. J. D. Douglas. O novo dicionário da Bíblia. São Paulo: Edições Vida Nova, 1983, p.1157. [Voltar]

Nota 6 - HEAVENOR, E. S. P. Oseias, livro de. Em: ed. ger. J. D. Douglas. O novo dicionário da Bíblia. São Paulo: Edições Vida Nova, 1983, p.1157. [Voltar]

Nota 7 - ARCHER, Jr. Gleason L. Merece confiança o Antigo Testamento?. 4.ed. São Paulo: Edições Vida Nova, 1986, p.253. [Voltar]

Nota 8 - HUBBARD, David Allan. Oseias: introdução e comentário. São Paulo: Edições Vida Nova, 1993, p.31. [Voltar]

Nota 9 - HEAVENOR, E. S. P. Oseias, livro de. Em: ed. ger. J. D. Douglas. O novo dicionário da Bíblia. São Paulo: Edições Vida Nova, 1983, p.1158. [Voltar]

Nota 10 - HEAVENOR, E. S. P. Oseias, livro de. Em: ed. ger. J. D. Douglas. O novo dicionário da Bíblia. São Paulo: Edições Vida Nova, 1983, p.1157. [Voltar]

Nota 11 - ARCHER, Jr., Gleason L. Merece confiança o Antigo Testamento? 4.ed. São Paulo: Edições Vida Nova, 1986, p.254. [Voltar]

Nota 12 - SHÖCKEL, Luis Alonso e DIAZ, J. L. Sicre. Profetas II: Ezequiel – Doze profetas menores – Daniel – Baruc – Carta de Jeremias. São Paulo: Paulinas, 1991, p.893. [Voltar]

Nota 13 - HEAVENOR, E. S. P. Oseias, livro de. Em: ed. ger. J. D. Douglas. O novo dicionário da Bíblia. São Paulo: Edições Vida Nova, 1983, p.1159. [Voltar]

Nota 14 - FRANCISCO, Clyde T. Itrodução ao Antigo Testamento. 2. ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1979, p.131. [Voltar]

Nota 15 - HUBBARD, David Allan. Oseias: introdução e comentário. São Paulo: Edições Vida Nova, 1993, p.36. [Voltar]

Nota 16 - SCHÖKEL, Luis Alonso & DIAZ, J. L. Profetas II. São Paulo: Edições Paulinas, 1991, p. 892. [Voltar]

Nota 17 - HUBBARD, David Allan. Oseias: introdução e comentário. São Paulo: Edições Vida Nova, 1993, p.64. [Voltar]

Nota 18 - HUBBARD, David Allan. Oseias: introdução e comentário. São Paulo: Edições Vida Nova, 1993, p.64. [Voltar]

Nota 19 - GROGAN, G. W. Gomer. Em: ed. ger. J. D. Douglas. O novo dicionário da Bíblia. São Paulo: Edições Vida Nova, 1983, p.676. [Voltar]

Nota 20 - Dual, aqui, deve ser entendido simplesmente como o plural de algumas palavras hebraicas. [Voltar]

Nota 21 - CRABTREE, Asa Routh. O livro de Oseias. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1961, p.48. [Voltar]

Nota 22 - DOUGLAS, J. D. Jezreel. Em: J. D. Douglas (ed. ger.) O novo dicionário da Bíblia. São Paulo: Edições Vida Nova, 1983, p.826. v.II. [Voltar]

Nota 23 - HUBBARD, David Allan. Oseias: introdução e comentário. São Paulo: Edições Vida Nova, 1993, p.70. [Voltar]

Nota 24 - ruhāmâ (hm;j;ru) está na forma do Pual. [Voltar]

Nota 25 - FRANCISCO, Clyde T. Itrodução ao Antigo Testamento. 2. ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1979, p.134. [Voltar]

Nota 26 - ARCHER, Jr., Gleason L. Merece confiança o Antigo Testamento?. 4.ed. São Paulo: Edições Vida Nova, 1986, p.254-255. [Voltar]

Nota 27 - David Allan Hubbard. Oseias: introdução e comentário. São Paulo: Edições Vida Nova, 1993, p.60-64. [Voltar]

Nota 28 - HUBBARD, David Allan. Oseias: introdução e comentário. São Paulo: Edições Vida Nova, 1993, p.111. [Voltar]

Nota 29 - CRABTREE, Asa Routh. O livro de Oseias. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1961, p.91. [Voltar]

Nota 30 - HUBBARD, David Allan. Oseias: introdução e comentário. São Paulo: Edições Vida Nova, 1993, p.133. [Voltar]

Nota 31 - CRABTREE, Asa Routh. O livro de Oseias. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1961, p.134. [Voltar]

Nota 32 - HUBBARD, David Allan. Oseias: introdução e comentário. São Paulo: Edições Vida Nova, 1993, p.234-236. [Voltar]

Nota 33 - HUBBARD, David Allan. Oseias: introdução e comentário. São Paulo: Edições Vida Nova, 1993, p.248. [Voltar]

3.

O LIVRO DE JOEL

Não adianta muito iniciar a leitura das notas que seguem sem antes ler o próprio livro de Joel. Assim, a sugestão neste momento é que seja feita uma leitura atenta do texto bíblico, já procurando seus detalhes e, em seguida, que se passe a ler estas orientações ainda com o texto bíblico à mão, para que possam ser verificadas as referências mencionadas.

3.1. O Profeta

O pouco que sabemos a respeito deste profeta está em seu próprio livro. Ele era chamado de *yô'el* (יוֹאֵל) o que pode significar Yavé é Deus, o mesmo significado do nome Elias (*'eliyahu* – אֵלִיָּהוּ) literalmente, Deus é Yavé. O nome Joel aparece com frequência em outras partes do Antigo Testamento, mas em nenhuma das ocasiões é possível identificar a pessoa assim chamada com o profeta que aqui estamos estudando.[Nota 34]

Além do profeta surge no livro, já no primeiro versículo do capítulo inicial, o nome de seu pai, *petu'el* (פְּתוּאֵל – Engrandecido de Deus). Isto demonstra que o pai do profeta era bastante conhecido na época. Contudo, atualmente não se sabe mais nada, com certeza absoluta, a respeito dele.

3.2. A Situação Histórica e a Data de Joel

Ainda não se pode chegar a uma conclusão totalmente segura quanto a estas questões. Os estudiosos modernos têm optado, principalmente, para uma época mais recente, pós-exílica, contudo ainda não há um consenso. Veja nos pontos que seguem algumas das possibilidades que têm sido oferecidas por alguns estudiosos do Antigo Testamento.

3.2.1. A Posição de Clyde T. Francisco

Este autor pensa que a data mais natural seria próxima do ano 400 a.C., mas demonstra que duas datas bem diferentes têm sido dadas como certas, 837 e 400 a.C. Ele apresenta seis pontos a favor de uma das datas e seis pontos a favor da outra, deixando a opção para o leitor. Veja, a seguir, um resumo dos pontos apresentados por ele.

a) Pontos Favoráveis à data mais recente

1) Não são encontradas no livro referências a algum rei que estivesse no poder;

2) O Reino do Norte (Israel) não é mencionado no livro;

3) É dada maior ênfase ao ritualismo do que à ética;

4) A liderança dos sacerdotes é do tipo da praticada no período pós-exílico;

5) Há uma referência aos gregos em 3.6, o que pode estar indicando uma data recente;

6) Existem evidências em 3.1, 2 e 17 de que o cativeiro já havia terminado.[Nota 35]

b) Pontos Favoráveis à data mais antiga

1) O sacerdote Joiada pode estar liderando no lugar do jovem rei Joás;

2) O argumento baseado no silêncio não tem muito valor. O profeta pode não estar preocupado com o que está acontecendo no Reino do Norte (Israel);

3) A ética está bem presente na expressão "rasgai os vossos corações, e não as vossas veste" (2.13);

4) O comércio entre Tiro e Grécia já poderia estar acontecendo por aquela época. Por outro lado, o termo Grécia também é aplicado a traficantes de escravos vindos de terras distantes;

5) Assim como em Jó 42.10, "fazer voltar os cativos" (3.1) é uma figura de linguagem para dizer que a situação vai ser modificada para melhor;

6) As nações citadas como inimigas (3.4-6) são mencionadas como tais no período pré-exílico. [Nota 36]

3.2.2. A Posição de Ernst Sellin & G. Fohrer

Estes estudiosos apresentam várias possibilidades quanto à data e optam claramente pelo período próximo de 400 a.C. após o exílio babilônico[Nota 37].

3.2.3. A Posição de Aage Bentzen

Bentezen apresenta várias possibilidades e também tende para o período pós-exílico.[Nota 38]

3.2.4. A Posição de Gleason L. Archer, Jr.

Autor extremamente conservador, que faz questão de se apresentar assim. Ele mostra as diferentes posições e opta por 835 a.C. [Nota 39]

3.2.5. A Posição de Raymond B. Dillard e Tremper Longman III

Estes autores se esforçaram bastante para apresentar uma data convincente. Depois de apresentarem vários argumentos que, segundo eles, apontam para o período pós-exílico, apresentam uma lista de sete datas diferentes, conforme propostas por vários estudiosos da questão. De acordo com eles B. Duhm defendeu como sendo do século II; M Treves do início do século III; A. Weiser e outros, do final do século V até metade do IV; W.F Albrigth do final do século VI até a metade do V; W. Rudolph defendeu como do início do século VI; A. S. Kapelrud e outros, no final do século VII; e K. A. Credener, E. J. Young, e outros, no tempo de Joás, no século IX.[Nota 40]

Não dá para esquecer, ainda, que existem autores que defendem datas diferentes para muitas das partes deste pequeno livro[Nota 41]. Assim, diante de tudo isto só fica claro, mesmo, que a data está em aberto.

3.3. O Esboço do Livro de Joel

O livro pode ser dividido em três partes claras, a introdução e mais duas. O que segue é o esboço proposto por David Allan Hubbard[Nota 42], com pequenas adaptações.

1. INTRODUÇÃO (1.1)
2. A PRAGA DE GAFANHOTOS E O DIA DO SENHOR (1.2-2-17)
   - 2.1. A Terrível Praga (1.2-20)
   - 2.1.1. Sua natureza peculiar (1.2-4)
   - 2.1.2. Seus efeitos sobre o povo (1.5-14)
   - 2.1.3. Sua relação com o Dia do Senhor (1.15-20)
   - 2.2. A Iminência do Dia do Senhor (2.1-17)
   - 2.2.1. O exército de destruição (2.1-11)
   - 2.2.2. A esperança de livramento (2.12-17)
3. A VITÓRIA VINDOURA (2.18-3.21)
   - 3.1. A Restauração dos Danos da Praga (2.18-3.21)
   - 3.2. O Derramamento do Espírito (2.28-32)
   - 3.3. A Derrota das Nações em Julgamento (3.1-14)
   - 3.4. O Resgate de Judá (3.15-21)

3.4. Características Gerais do Livro de Joel

É importante destacar pelo menos dois pontos a respeito da forma do livro. O primeiro deles é a diferença que existe entre o Texto Hebraico e as versões modernas. O segundo, a semelhança de algumas de suas partes com outros textos do Antigo Testamento. Vejamos.

3.4.1. Diferença entre o texto hebraico e as versões modernas de Joel

Diferindo da maioria das versões modernas o Texto Hebraico, ainda que assim não o fosse no original, pois não haviam divisões em capítulos e versículos nesta forma, está dividido em quatro capítulos e não em três. Veja, a seguir, como harmonizar o texto hebraico com as versões modernas.

Texto Hebraico		**Versões Modernas**
Capítulo 1	=	Capítulo 1
Capítulo 2	=	Capítulo 2.1-27
Capítulo 3	=	Capítulo 2. 28-32
Capítulo 4	=	Capítulo 3

O conhecimento destas diferenças nas divisões do Texto Hebraico em relação às versões modernas é importante para evitar algum mal entendido quando o texto está sendo citado com base em uma forma e o leitor tem em mãos outra diferente. Assim, ao lermos algum comentário a respeito do Livro de Joel devemos prestar atenção para distinguir o texto que está sendo utilizado pelo escritor. A versão conhecida como “A Bíblia de Jerusalém”, por exemplo, segue a divisão do Texto Massorético e não a normalmente utilizada nas outras versões em português. Assim, boa parte de seu material, quando citado, pode estar em referências diferentes das que os leitores evangélicos estão acostumados.

3.4.2. Alguns textos de Joel semelhantes à outras passagens bíblicas

Alguns autores têm chamado a atenção para o fato de vários textos de Joel aparecem de forma semelhante em outras partes da Bíblia. Não dá para saber ao certo se Joel está citando ou está sendo citado. Também não dá para concordar que as semelhanças sejam, em todos os casos, muito claras. Estes são alguns deles, entre outros:

Joel 1.4 – Amós 4.9
Joel 1.15 – Isaías 13.6, Ezequiel 30.2-3 e Sofonias 1.7
Joel 2.3 – Isaías 51.3 e Ezequiel 36.35
Joel 2.11 – Sofonias 1.14 e Malaquias 3.2
Joel 3.10 – Isaías 2.4
Joel 3.18 – Amós 9.13

Parece que os dois últimos citados são os mais convincentes. Contudo deve ser levado em conta, ainda, que Joel 3.10 e Isaías 2.4, mesmo que utilizando termos semelhantes, transmitem mensagens contrárias, e que Joel 3.18 com Amós 9.13, parecem ter, apenas, um vocabulário parcialmente comum. Compare os textos conforme aparecem na Versão Almeida Século 21, como segue:

> Forjai espadas das relhas dos vossos arados, e lanças das vossas podadeiras; diga o fraco: Sou forte (Joel 3.10).
> Ele julgará entre as nações e será juiz entre muitos povos; e estes converterão as suas espadas em lâminas de arado, e as suas lanças, em foices; uma nação não levantará espada contra outra nação, nem aprenderão mais a guerra (Isaías 2.4).
> Naquele dia, os montes destilarão vinho novo, e as montanhas darão leite, e todos os ribeiros de Judá estarão cheios de águas; e sairá uma fonte do templo do SENHOR, e regará o vale de Sitim (Joel 3.18).
> Dias virão, diz o SENHOR, em que o que lavra seguirá logo ao que colhe, e o que pisa as uvas, ao que lança a semente; e os montes destilarão vinho novo, e todas as colinas se derreterão (Amós 9.13).

3.5. Destaques que Ajudam na Interpretação do Livro de Joel

1) O tema principal do livro é o "Dia de Yavé". Esta expressão aparece apenas dezesseis vezes em todo o Antigo Testamento sendo que aqui, neste pequeno livro, é utilizada cinco vezes.[Nota 43] O Dia de Yavé é apresentado de duas formas: primeiramente como castigo para o próprio povo de Judá, em seguida, após o arrependimento, como dia de livramento para os fiéis, castigo e vingança para os inimigos da nação.

2) Alguns ficam na dúvida se o livro relata uma invasão de exércitos ou de insetos (Veja principalmente 2.1-11), mas o literal, gafanhotos, é preferível. Isto fica claro quando em 2.25 os gafanhotos são identificados com o exército de Deus. Veja o que ele diz: "Assim vos restituirei os anos consumidos pelo gafanhoto migrador, pelo assolador, pelo destruidor e pelo cortador, meu grande exército que enviei contra vós".

3) Também é necessário buscar saber se o que é descrito no livro aconteceu de fato ou é literatura

apocalíptica. Isto não está muito claro.[Nota 44]

4) Quando aconteceu ou acontecerá o Dia de Yavé? (Ao que parece em várias ocasiões, mas será que o profeta e mesmo o povo sabiam disso? Não se pode ter certeza.).

5) Ainda Dificultam a Interpretação: o desconhecimento do contexto histórico; as dúvidas em relação ao contexto literário; a farta utilização de figuras de linguagem.

6) Discute-se a respeito do significado das quatro palavras que descrevem os gafanhotos em 1.4 (cortador, migrador, assolador e destruidor). O texto completo, com destaques, diz assim:

> "O que o gafanhoto cortador deixou, o migrador comeu; e o que o gafanhoto migrador deixou, o gafanhoto assolador comeu; e o que o gafanhoto assolador deixou, o gafanhoto destruidor comeu".

Alguns defendem que são estágios do desenvolvimento destes insetos. Outros dizem que são quatro tipos diferentes de gafanhotos. Como diz Luis Alonso Schökel, isto é de pouca importância. [Nota 45] O que o autor quer destacar, lançando mão da poesia, é a gravidade das ondas de insetos vorazes que invadem a nação. Talvez o destaque maior da poesia, neste ponto, sejam as palavras deixou e comeu, destacando a gravidade da destruição

7) Não há razão plausível para tratar de forma alegórica as palavras "devorador" e "destruidor" (1.4 e 2.25), interpretando-as como figuras que descrevem demônios, como alguns têm feito no decorrer da história.

8) Além da praga de gafanhotos o livro trata do agravamento da situação pela seca que ocorreu em seguida, como se vê em 1.20: "Até os animais do campo suspiram por ti, porque as correntes de água secaram, e o fogo destruiu as pastagens secas".

9) O texto de 1.8 merece alguma explicação. Na Versão Revista e Atualizada de Almeida temos o seguinte: "Lamenta com a virgem que, pelo marido da sua mocidade, está cingida de pano de saco". O estranho para nós, na atualidade, é encontrar uma virgem que tem marido. Na verdade trata-se de uma moça que está prometida em casamento. O texto pressupõem a desgraça de um casamento arranjado há muito tempo, mas que não foi consumado porque o noivo morreu antes disso.

10) Tocar a trombeta e dar voz de rebate, como aparece em 2.1, eram formas de dar o alarme, avisar do perigo que se aproximava.

11) Rasgar as roupas em sinal de tristeza e arrependimento era um ato bastante comum entre o povo. O pedido para que sejam rasgados os corações e não as vestes, em 2.13, é uma figura que pede arrependimento sincero e não apenas demonstração externa, ritualística, de dor e sofrimento.

12) O profeta pede arrependimento sincero baseado na esperança de que Deus se arrependa do mal, ou seja, que ele volte atrás e mude a sentença de castigo que ele já havia determinado (2.13).

13) O apóstolo Pedro viu em Atos 2.17-21, o relato da descida do Espírito Santo, o cumprimento da profecia que está em Joel 2.28-32. Ele viu o cumprimento do ensino geral da passagem, aplicando-o para Jesus e para o ministério que Ele inaugurou, sem se importar com os detalhes e

as figuras que ela contém.

Nota 34 - DILLARD, Raymond B. e LONGMAN III, Tremper. Introdução ao Antigo Testamento. São Paulo: Edições Vida Nova, 2006, p.349. [Voltar]

Nota 35 - FRANCISCO, Clyde T. Introdução ao Antigo Testamento. 2.ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1979, p.119. [Voltar]

Nota 36 - FRANCISCO, Clyde T. Introdução ao Antigo Testamento. 2.ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1979, p.119. [Voltar]

Nota 37 - SELLIN, Ernst & FOHRER, Georg. Introdução ao Antigo Testamento. São Paulo: Edições Paulinas, 1977, p.640-647. [Voltar]

Nota 38 - BENTZEN, Aage. Introdução ao Antigo Testamento. São Paulo: ASTE, 1968, p.150-154. [Voltar]

Nota 39 - ARCHER, Jr., Gleason L. Merece confiança o Antigo Testamento?. 4.ed. São Paulo: Edições Vida Nova, 1986, p.232-236. [Voltar]

Nota 40 - DILLARD, Raymond B. e LONGMAN III, Tremper. Introdução ao Antigo Testamento. São Paulo: Edições Vida Nova, 2006, p.352. [Voltar]

Nota 41 - DIAZ, José Luis Sicre. Profetismo em Israel: o profeta: os profetas: a mensagem. Rio de Janeiro: Vozes, 1996, p.196. [Voltar]

Nota 42 - HUBBARD, David Allan. Joel e Amós: introdução e comentário. São Paulo: Edições vida Nova, 1996, p.45. [Voltar]

Nota 43 - BRATCHER, Margaret Dee. Joel. Em: ed. ger. E. W. Mills & R. F. Wilson. Mercer Commentary on the Bible. Macon, Georgia: Mercer University Press, 1994, p.736. [Voltar]

Nota 44 - FRANCISCO, Clyde T. Introdução ao Antigo Testamento. 2.ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1979, p.120. [Voltar]

Nota 45 - SCHÖCKEL, Luis Alonso e DIAZ, J. L. Sicre. Profetas II: Ezequiel – Doze profetas menores – Daniel – Baruc – Carta de Jeremias. São Paulo: Paulinas, 1991, p.963-964. [Voltar]

4.

O LIVRO DE AMÓS

O Livro de Amós pode ser considerado médio em termos de quantidade de material. São nove capítulos com um total de cento e quarenta e seis versículos, que resultam num texto formado por, aproximadamente, duas mil palavras.[Nota 46] Assim, ele pode ser lido, em uma leitura corrida, em pouco mais de meia hora. A sugestão neste ponto é que este tipo de leitura seja feita, buscando-se perceber o conteúdo geral do livro. Na sequência, parte-se para o texto que segue, voltando-se ao texto de Amós todas as vezes em que ele for citado.

4.1. O Profeta

O próprio livro nos dá várias informações a respeito do profeta. Aqui serão vistas algumas que mais importam para o momento.

4.1.1. O nome do Profeta

Em hebraico, o nome do profeta é *'ămôs* (עָמוֹס) e tem os possíveis significados: "sustentado" ou "carregador de fardos".

Deve-se tomar cuidado para não confundi-lo com o pai do profeta Isaías, que embora no hebraico possua uma grafia bastante diferente (*'amôts* – אָמוֹץ em nossas versões, normalmente, tem sido diferenciado apenas por um "z" no final, no lugar do "s". Ou seja, nas versões atuais, geralmente, nem sempre, o nome do profeta é escrito assim: Amós, enquanto o nome do pai do profeta Isaías é escrito da seguinte forma: Amoz (Is 1.1), o que os torna muito parecidos, ainda que no original não o sejam.

4.1.2. A profissão do profeta

Já no primeiro versículo do Livro de Amós surge um indício da profissão do profeta. Contudo, a palavra utilizada para descrevê-la não é muito clara. Ela também aparece em 2 Reis 3.4 onde descreve um criador de ovelhas. Ele é um *nōkēd* (נֹקֵד), o que à luz do texto que vimos em 2 Reis aponta para um pastor de ovelhas, mas outro texto (Amós 7.14) chama-o de *bôkēr* (בּוֹקֵר), alguém que trabalha com vacas e bois e, *bôlēs shiqmîm* (בּוֹלֵס שִׁקְמִים), aquele que arranha o fruto do sicômoro para provocar o seu amadurecimento.

É bom lembrar que o sicômoro (*shiqmah* – שִׁקְמָה) era uma árvore importante na época. Ela pode atingir de 10-13 metros de altura e cresce com mais naturalidade nas regiões baixas da Palestina e do Egito. Seus frutos são comestíveis e, na época de Davi, devem ter sido consideradas de grande valor econômico, pois este rei designou um administrador para tomar conta deste tipo de plantações. Veja o que diz 1 Crônicas 27.28: "Baal-Hanã, o gederita, era encarregado dos olivais e sicômoros que havia nas campinas, e Joás era encarregado dos depósitos de azeite".

No Salmo 78.[Nota 47] também se percebe um pouco desta importância do sicômoro. O salmista considerou uma calamidade os sicômoros do Egito terem sido destruídos pela geada.

Vendo tudo isto, ao que parece, Amós não era apenas um mero trabalhador rural. Ele deveria ser um proprietário de rebanhos de gado e cultivador de sicômoros, árvores importantes para a economia da época.

4.1.3. Procedência do profeta

Ainda que Amós apareça pregando em Israel, Reino do Norte, ele era de Judá. O livro o identifica como um dos moradores da cidade de Tecoa (*Teqôa'* – [æ/qT]), que ficava a 16 quilômetros de distância de Jerusalém e cerca de 10 quilômetros ao sul da cidade de Belém. Era uma cidade elevada o que a tornava ideal para a defesa.

Ela também era uma rota para passagem de caravanas e foi fortificada por Roboão (2 Cr 11.6). No Livro de Jeremias esta cidade aparece como lugar de se tocar a trombeta de alarme (Jr 6.1), avisando da proximidade do inimigo. O texto diz o seguinte: "Procurai abrigo, filhos de Benjamim; fugi de Jerusalém! Tocai a trombeta em Tecoa e levantai o sinal sobre Bete-Haquerém: porque do norte vem surgindo uma catástrofe, sim, uma grande destruição".

4.1.4. O chamado do profeta

Ainda que não se possa identificar hoje o momento do chamado de Amós para cumprir a sua missão profética, percebe-se pelo livro, que ele não tinha nenhuma dúvida em relação à isto. Ele tinha certeza que estava pregando em Israel por ordem divina (7.15). O texto de 7.14, onde ele afirma que não é profeta, nem seguidor, ou filho de profeta, mostra que ele não pertencia a nenhuma corporação, ou escola formal, de profetas, mas isto não significa que ele desconhecia o ofício. Ele era um profeta independente que não podia resistir ao mando de Yavé, como se vê em 3.7,8, que diz: "Certamente o SENHOR Deus não fará coisa alguma sem a revelar aos seus servos, os profetas. O leão rugiu, quem não temerá? O SENHOR falou, quem não profetizará?"..

4.1.5. Utilização da Torá pelo profeta

O Livro de Amós demonstra que o profeta conhecia muito bem a primeira parte do Cânon Hebraico, a chamada Torá. Segue, aqui, a relação de algumas das referências a fatos históricos, à Lei em si e às questões morais tratadas nesta parte que envolve os primeiros cinco livros da Bíblia.

1) Referências históricas

a) Conquista de Canaã 2.9

b) Referência ao êxodo 3.1

c) Destruição de Sodoma e Gomorra 4.11

d) Período de estadia no deserto 5.25

e) Alusões a respeito de Isaque, Jacó e José 3.13; 5.6 e 7.16

2) Referências a respeito da Lei

a) Sacrifícios e dízimos 4.4ss; 5.22

b) Sacrifício do que é levedado 4.5

c) Alusões ao ritual 5.21

d) Luas novas e sábados 8.5

3) Referências envolvendo questões morais

a) Não guardar a Lei (Dt 17.19) 2.4

b) Referência à prostituição religiosa (Dt 23.17,18) 2.7

c) Se deitar com roupas empenhadas (Êx 22.26) 2.8

d) Consagração dos nazireus (Nm 6.1-21) 2.12

e) Injustiça nas relações comerciais (Lv 19.35) 8.5

4.2. A Situação Histórica e a Data de Amós

Conhecer a situação histórica em que foi produzido o livro ou viveram seus personagens é uma grande ajuda para se entender a sua mensagem. A questão do contexto de produção do livro é bastante complexa e, ainda, não se pode chegar a uma conclusão em que exista acordo entre os estudiosos, mas quanto ao ambiente dos personagens não há muitas dificuldades, pois o livro mesmo apresenta vários detalhes que nos ajudam neste ponto. Vejamos.

4.2.1. Data de atuação de Amós

O texto de Amós 1.1 dá uma data bem definida para os acontecimentos do livro. A palavra de Deus veio a Amós na época de Uzias rei de Judá e Jeroboão filho de Joás, rei de Israel, dois anos antes do terremoto. Ainda, em outro texto, em Amós 7.10, está claro que este profeta profetizou diretamente contra o rei Jeroboão.

Este Jeroboão não deve ser confundido com outro do mesmo nome que foi o primeiro rei de Israel, Reino do Norte, por ocasião da divisão do reino após a morte de Salomão. Este, do Livro de Amós, é o também conhecido nos escritos modernos, para não confundir com o outro, pelo nome de Jeroboão II, 13o rei de Israel, o qual reinou no período aproximado de 781 até 753 a.C. O mesmo rei da época do profeta Jonas e Oseias.

Uzias, por sua vez, iniciou seu reinado em Judá, Reino do Sul, em aproximadamente 783. Ainda que ele tenha morrido mais tarde, em 746, passou o reino para o seu filho Jotão, ainda em 757, por motivos de saúde.

Jotão não é mencionado no Livro de Amós, o que leva a supor que o profeta atuou antes de 757. Como existem evidências arqueológicas de um terremoto em Samaria por volta do ano 760, e o próprio texto afirma que o profeta recebeu a mensagem dois anos antes do terremoto, a data de atuação dele não deve estar longe do início do reinado de Jotão.

4.2.2. Situação internacional na época de Amós

De 830 até 800 a.C., Arã (Síria) vinha oprimindo Israel (Reino do Norte). Aproximadamente na época que cobre o período que vai de 806-800 a.C., a Assíria conquista a Síria o que resultou em um conforto imediato para Israel que entrou em uma era de prosperidade. Israel conseguiu, inclusive, reconquistar, por intermédio de Joás, pai de Jeroboão II, algumas cidades que haviam sido perdidas para Ben-Hadade, rei da Síria (2 Reis 13.25).

A Assíria, na ocasião, não se preocupou com Israel. Desta forma, Jeroboão II, sucedendo a seu pai, pôde dar continuidade às obras que haviam sido iniciadas, administrando muito bem e reconquistando espaços perdidos em épocas passadas (2 Reis 14.23-29).

Egito por este tempo estava enfraquecido e não se constituía em grande perigo, seja para Judá, que estava mais perto, ou Israel na região norte.

Resumindo, pode-se dizer que havia muita calma no cenário internacional, o que levou Jeroboão II a conduzir Israel a um grande progresso econômico. Seu longo reinado, de quarenta e um anos (2 Rs 14.23), também deve ter influenciado de forma positiva nesta situação. A nação de Judá, como estava intimamente ligada à Israel, também gozou de prosperidade por esta época, ainda que não na mesma escala.

4.2.3. Aspectos marcantes da progressista sociedade israelita na época de Amós

A lista, a seguir, é uma amostra panorâmica da sociedade israelita para a qual o profeta Amós pregou. Veja-a com atenção conferindo os textos em sua Bíblia.

1) Os pobres eram vítimas da injustiça praticada pelos poderosos (2.6, 5.11,12);

2) A situação moral, em geral, estava muito ruim (2.7).

3) Os ricos possuíam mais de uma casa (3.15);

4) Os ricos viviam em prazeres (4.1, 6.6);

5) Os necessitados eram oprimidos (4.1, 8.4-6);

6) Os centros religiosos eram bem frequentados, mas Deus não se agradava com isto (4.4, 5.5, 5.21-23, 8.3,10);

7) Os santuários de Betel e Dã ainda funcionavam (4.4, 5.5, 8.14);

8) As casas dos ricos eram muito luxuosas (5.11, 6.8);

9) Além de casas especiais os ricos possuíam móveis de luxo (6.4);

10) A desonestidade imperava nas transações comerciais (8.5);

11) O principal sacerdote de Israel (Reino do Norte) se preocupava mais com a reputação da casa real do que com o cumprimento da Palavra de Deus (7.10-13).

4.2.4. Resumo geral da situação histórica de Amós

No exterior havia calma política. No país havia estabilidade política e progresso econômico, que acabaram por resultar em concentração de poder, opressão, imoralidade, desonestidade, culto falso,

suborno e injustiça.

4.3. Características Gerais do Livro de Amós

Neste ponto serão abordadas apenas três questões relativas ao Livro de Amós. Veremos a sua forma literária, sua mensagem central e a questão de sua unidade ou não.

4.3.1. A forma literária do Livro de Amós

Ao que parece a forma escrita do Livro de Amós deve ser entendida como um resumo de suas mensagens pregadas durante o seu ministério. A forma escrita é concisa e elegante, o que dificilmente apontaria para a maneira como foi proferida. É mais provável que elas, primeiramente, tenham sido pregadas e, depois, colocadas por escrito de maneira bem organizada.47 Isto aponta para certa unidade do texto, o que tem sido questionado por vários autores.

4.3.2. A mensagem do Livro de Amós

Como ponto de destaque no Livro de Amós está o chamado para a prática da justiça social. Ele deixa claro para seus ouvintes em Israel que o culto sem a prática da justiça para com o próximo não tem nenhum valor diante de Deus.

Ao contrário, é algo desprezível que aborrece ao Senhor (Am 5.21-23). Pode-se dizer que este texto que segue descreve bem o resumo da mensagem: “Corra porém a justiça como as águas, e a retidão, como o ribeiro perene” (Am 5.24).

4.3.3. A unidade do Livro de Amós

Assim como os demais livros do Antigo Testamento também este tem sofrido uma enxurrada de recortes por parte dos críticos. Creio que não vale a pena discutir seus muitos detalhes neste ponto, mas veja, por exemplo, o que dizem Raymond B. Dillard e Tremper Longman III a este respeito:

> Os esforços investigativos sobre a história redacional de Amós têm encarado o livro como se ele fosse uma torta de massa folhada, cujas várias finas camadas pudessem ser separadas e avaliadas. Como ocorre em geral com estudos redacionais de outros livros do Antigo Testamento, os críticos chegaram a uma ampla gama de conclusões sobre o número e a extensão das diversas camadas editoriais em Amós.[Nota 48]

Isto inviabiliza uma datação razoável do texto. Na verdade, os críticos têm utilizado o duvidoso artifício de datar partes da composição, colocando algumas, inclusive no período pós-exílico, como é o caso de Amós 9.11-15. Creio que o melhor mesmo ainda seja tomar o livro como uma unidade e escrito não muito distante da época em que viveu o próprio profeta Amós, apesar das dificuldades que possam surgir em algumas passagens.

4.4. O Esboço do Livro de Amós

1. PROFECIAS CONTRA CIDADES E NAÇÕES (1.1-2.16)
   1.1. Introdução Geral (1.1-2)
   1.2. Profecia Contra Damasco (1.3-5)
   1.3. Profecia Contra Gaza (1.6-8)
   1.4. Profecia Contra Tiro (1.9-10)
   1.5. Profecia Contra Edom (1.11-12)
   1.6. Profecia Contra Amom (1.13-15)
   1.7. Profecia Contra Moabe (2.1-3)
   1.8. Profecia Contra Judá (2.4-5)
   1.9. Profecia Contra Israel (2.6-16)
2. PROFECIAS DE JULGAMENTO CONTRA ISRAEL (3.1-6.14)
   2.1. A Descrição do Pecado e Maldade de Israel (3.1-15)
   2.2. A Opressão é a Causa do Castigo que Virá Sobre Israel (4.1-13)
   2.3. O Profeta Exorta Israel a Buscar o Senhor (5.1-17)
   2.4. O Dia de Yavé (5.18-27)
   2.5. A Corrupção Geral de Israel (6.1-14)
3. VISÕES DE JULGAMENTO CONTRA ISRAEL (7.1-9.10)
   3.1. A Descrição das Visões (7.1-9)
   3.2. Acusação de Conspiração Contra o Profeta (7.10-17)
   3.3. A Visão de Um Cesto de Frutos e Sua interpretação (8.1-14)
   3.4. A Visão da Destruição do Altar (9.1-10)
4. PROMESSAS DE RESTAURAÇÃO (9.11-15)

4.5. Destaques que Ajudam na Interpretação do Livro de Amós

1) A expressão “por três transgressões de..., e por quatro” que se encontra repetidamente no texto, nos dois primeiros capítulos, em 1.3,6,9,11,13, e 2.1,4 e 6, deve ser entendida como uma figura de linguagem para dizer “por todas as transgressões” ou “pelas muitas transgressões”. Muitas vezes, na Bíblia, os números são utilizados de forma simbólica e aqui é um destes casos. O resultado da soma de três e quatro transgressões é sete, número que, neste caso, está se referindo à todas as transgressões ou às muitas transgressões cometidas.

2) Em 2.8 condena-se o tirar vantagem financeira dos endividados. Roupas empenhadas não estavam sendo devolvi-das à noite para seus proprietários, como a Lei exigia, e o dinheiro daqueles que haviam sido multados para ressarcir algum prejuízo causado, não estava sendo repassado para quem tinha o direito de receber, mas era retido pelos juízes. Assim, como diz o texto, eles bebiam o

vinho dos que foram multados.

3) Deus levantou dentre o povo nazireus e profetas, homens consagrados ao Senhor. Mas o povo, além de não atentar para os seus exemplos, procurava desviá-los dos caminhos de Deus, pedindo aos profetas que não profetizassem e dando vinho aos nazireus (2.11-12), os quais não podiam beber, ou comer qualquer alimento que contivesse uvas, sem quebrar o voto de nazireado ao qual estavam sujeitos.

4) No capítulo 3 versículos 3-8, Amós está defendendo o seu ministério profético. Ele está se utilizando de uma técnica empregada na literatura de sabedoria e com nove perguntas retóricas e uma afirmação demonstra, pela causa e efeito, que está pregando porque Deus lhe falou e Israel será destruído por causa daquilo que vem praticando.

5) Ser salvo apenas duas pernas ou um pedacinho da orelha, como se vê em 3.12, não deve ser entendido verdadeiramente como salvação, mas, apenas, como prova da destruição. O pastor que tivesse o rebanho aos seus cuidados atacado por algum animal selvagem deveria tentar recuperar alguma parte do animal devorado, por menor que fosse esta parte, para poder apresentá-la ao proprietário do rebanho como prova do que havia acontecido. Assim, o livrar um pedacinho da orelha da ovelha não significava salvar a ovelha, mas, simplesmente, comprovar que ela foi devorada. Fazendo isso o pastor ficava livre de pagar o prejuízo.

6) Em 3.13-15 Amós utiliza a palavra casa seis vezes. Isto não deve ser apenas acaso. Talvez, para ele que, provavelmente, morava em tendas, as casas luxuosas, bem como os palácios citados quatro vezes nos versículos 9-11, eram uma afronta. Veja como ele utilizou os termos:

Palácios de Asdode (v. 9)
Palácios do Egito (v.9)
Palácios de Israel (v. 10 e 11)
Casa de Jacó (v. 13)
Casa de Deus (v. 14) (Transliterado Betel)
Casa de inverno (v.15)
Casa de verão (v. 15)
Casas de marfim (v.15)
Casas grandes (v.15)

7) Basã era uma região própria para a criação de gado. O profeta, ao chamar as mulheres de Samaria de "vacas de Basã" classifica-as como bem nutridas, vistosas, como vacas criadas em região apropriada (4.1). Veja o que o texto diz: "Ouvi esta palavra, vacas de Basã, que estais no monte de Samaria, que oprimis os pobres, esmagais os necessitados e dizeis aos seus senhores: Trazei-nos bebidas". A palavra neste texto de Amós 4.1 traduzida por senhores (*'ădōn* - אדון), neste contexto, poderia ser melhor traduzida por "maridos".

8) A expressão "vos deixei de dentes limpos" indica falta de alimentos. O texto de 4.6 apresenta um claro paralelo onde "dentes limpos" e "falta de pão" são termos equivalentes. Veja como ficou o texto na versão Almeida Revista e Corrigida, com destaques para os paralelos: "...vos deixei de dentes limpos *em todas* as vossas **cidades** e com falta de pão *em todos* os vossos **lugares**

9) Em Amós 5.3 surge uma dificuldade para as versões bíblicas que utilizam o termo "SENHOR"

para o nome de Deus (*YHWH* – יהוה), pois junto ao nome, no original deste texto, também aparece o termo "o meu senhor" (*'ădōnāy* - yn;doa}). Assim, se fosse traduzido como normalmente é feito ficaria sendo "Assim disse o meu senhor SENHOR", o que seria muito estranho para o leitor. Por isso a AS21 traduziu: "assim diz o SENHOR Deus".

10) Não há certeza absoluta, mas parece que em 5.8, da mesma forma que em Jó 9.9 e 38.31, Sete-estrelo e Órion são nomes de constelações que eram usadas para indicar mudanças de estações.[Nota 49]

11) Não há em 6.5 nenhuma condenação ao rei Davi, como poderia parecer, mas sim àqueles que só pensam em festas desconsiderando a situação dos mais fracos.

12) O Antigo Testamento não proíbe o juramento. Proíbe juramento em nome de outro Deus que não Yavé. Aqui, em Amós 6.8, Yavé jura por Ele mesmo, pois não há nada nem ninguém maior do que Ele, por quem se possa jurar.

13) A frase "Deus se arrependeu" (7.4,6), semelhante a outras passagens bíblicas, mostra que Deus pode voltar atrás em suas decisões.

14) A figura do prumo que aparece em 7.7-8 representa a avaliação que Yavé está fazendo de Israel. O prumo era utilizado para verificar a retidão de um muro, ou parede. Se ele está ou não dentro do padrão esperado. Aqui ele serve para verificar como está a vida de Israel. Por meio dele, na visão, verifica-se que a vida de Israel (o muro) está torta e, assim, perdão e livramento não se justificam para o povo.[Nota 50]

15) Para que se entenda melhor a mensagem da visão registrada em 8.1-2 é bom notar que há uma ligação sonora, no texto original hebraico, entre as palavras verão (*kāyits* – קַיִץ) e fim (*haqets* – הַקֵּץ). Quando Amós viu um cesto de frutos de verão (*kāyits* – קַיִץ), imediatamente, deve ter vindo à mente dele a mensagem do fim (*haqets* – הַקֵּץ).

16) Em Amós 8.5 aparecem as palavras efa e siclo. Efa é uma medida de volume de aproximadamente 22 litros e siclo uma medida de peso. O siclo é uma peça metálica de aproximadamente onze gramas.[Nota 51]

17) A expressão "fome de ouvir a palavra de Deus" (Am 8.11) deve ser entendida como uma previsão de desgraça que aponta para a escassez da manifestação divina junto ao seu povo e não como algo positivo, como, por exemplo, um desejo intenso de obter comunhão com o Senhor.

18) A afirmação "vi o Senhor", de Amós 9.1, deve ser entendida como uma experiência de visão e não física. Ninguém viu a Deus em sua totalidade.

Nota 46 - Raymond B. Dillard & Tremper Longman III. Introdução ao Antigo Testamento. São Paulo: Edições Vida Nova, 2006, p.358. [Voltar]

Nota 47 - LASOR, William S. e HUBBARD, David A. e BUSH, Frederic W. Introdução ao Antigo Testamento. São Paulo: Edições Vida Nova, 1999. p.266. [Voltar]

Nota 48 - DILLARD, Raymond B. e LONGMAN III, Tremper. Introdução ao Antigo Testamento. São Paulo: Edições Vida Nova, 2006, p.361. [Voltar]

Nota 49 - HUBBARD, David Allan. Joel e Amós: introdução e comentário. São Paulo: Edições Vida Nova, 1996, p.191. [Voltar]

Nota 50 - HUBBARD, David Allan. Joel e Amós: introdução e comentário. São Paulo: Edições Vida Nova, 1996, p.235. [Voltar]

Nota 51 - HUBBARD, David Allan. Joel e Amós: introdução e comentário. São Paulo: Edições Vida Nova, 1996, p.247. [Voltar]

5.

O LIVRO DE OBADIAS

Antes de ler as linhas que seguem é de fundamental importância que se faça uma primeira leitura bastante atenta do próprio Livro de Obadias, para familiarizar-se com seu conteúdo geral. Feito isto, os pontos que seguem serão de grande ajuda para a compreensão de suas mensagens nas próximas leituras. Então, o melhor a fazer neste ponto do estudo é mesmo parar e ler o texto bíblico. Só depois disto segue-se em frente.

5.1. O Profeta

Nada se sabe, com certeza, a respeito de sua vida ou até mesmo de quem era. A Bíblia não nos fornece informações a respeito de seus antepassados ou de seus possíveis descendentes, se é que os teve, e nem mesmo de onde ele era, ainda que se possa inferir que fosse de Judá.

O nome Obadias, o qual pode ser traduzido por "O Servo de Yavé" ou, de forma mais literal, "O Servo de Yá", é composto por um substantivo comum (*'ebed* – עֶבֶד mais o nome próprio de Deus em sua forma abreviada (*Yh* – יה.

Foi esta junção de *Yhvh* + *'ebed* que resultou em *'ōbadyah* (עבדיה = עבד + יהוה) ou Obadias como é mais conhecido na versões em português. Como o verbo hebraico servir também pode conter o significado de adorar alguns têm interpretado seu nome como "o adorador"[Nota 52] de Yavé.

Talvez nem seja um nome de pessoa, mas sim um título ou pseudônimo utilizado pelo autor deste pequeno livro.

Falta na identificação qualquer menção a seu pai ou localidade de nascimento como, normalmente, se utiliza nas apresentações dos profetas. Contudo, deve ser levado em conta que em 1 Reis 18.1-16 é narrada uma história que tem uma pessoa com este mesmo nome. Ainda que ela não deva ser confundida com o autor desta profecia é importante por mostrar que o termo era utilizado como um nome próprio naquela época.

5.2. A Situação Histórica e a Data de Obadias

É muito difícil de se chegar a um acordo quanto ao período histórico a que pertence esta profecia. Os estudiosos da questão discordam entre si e mesmo autores conservadores não conseguem chegar a uma conclusão parecida entre eles. Veja, por exemplo, as opiniões de Clyde Francisco[Nota 53] e, também, as de Archer Jr[Nota 54], dois autores conservadores.

Francisco, partindo do princípio de que esta profecia foi escrita por ocasião de uma invasão devastadora contra Judá, sugere que, antes de mais nada, para se chegar à data de escrita, sejam analisadas as quatro ocasiões em que isto aconteceu. A primeira invasão foi efetuada pelo Egito sob a liderança de seu rei Sisaque, quando da divisão do reino, após a morte de Salomão (931 a.C.). Porém, sendo que nesta época os edomitas estavam sujeitos aos israelitas, não parece ser a época da

profecia aqui em foco. Outra aconteceu por meio do rei de Israel chamado Joás, ou Jeoás, o qual reinou entre 797 e 782 a.C. Ele saqueou Jerusalém e levou cativos para Samaria (2 Reis 14.1-15). Contudo, como no versículo 11 de Obadias os agressores são chamados de estranhos, fica difícil de se afirmar que se trata dos israelitas, o povo do Reino do Norte, pois estes eram aparentados com Judá. A escolha então deve ficar entre a devastação causada pelos árabes e filisteus, isto na época do rei Jorão de Judá, por volta de 845 a.C., e a destruição de Jerusalém causada por Nabucodonozor[Nota 55], por volta de 587 a.C.

Depois de separar estas duas ocasiões e apresentar os pontos a favor de cada uma delas, mesmo reconhecendo que elas estão bem contrabalançadas, Francisco opta pela data mais recente, ou seja, por ocasião da invasão de Nabucodonozor. Segundo ele, entre outros, os pontos que seguem apontam para a data de 845 a.C., ou para as proximidades de 587 a.C.:

a) Pontos a Favor da Primeira Data – 845 a.C.

1) Nenhuma referência em relação à destruição do Templo de Jerusalém;

2) Nenhuma referência quanto à possibilidade da cidade voltar a ser invadida;

3) Ausência de palavras aramaicas;

4) Citação dos versículos 1-6 de Obadias em Jeremias 49;

5) As nações vizinhas de Israel são seus antigos inimigos e não os da época do cativeiro babilônico;

6) Amós se refere a Edom em termos semelhantes aos de Obadias (Am 1.6,9,11).

b) Pontos a Favor da Segunda Data – 587 a.C.

1) As referências às desgraças e calamidades se aplicam de forma natural à destruição ocasionada por Nabucodonozor;

2) Há uma ideia bem aceita de que a animosidade entre israelitas e edomitas provém da época do cativeiro efetuado pela Babilônia;

3) O fato de a invasão de 845 a.C. não ser mencionada no Livro dos Reis, mas apenas em 2 Crônicas 21.16 e 17, parece diminuir a gravidade do acontecimento, o qual poderia ter se tratado apenas de um problema fronteiriço e não de uma invasão propriamente dita;

4) Existe a possibilidade de Jeremias 49, bem como Obadias 1-6, serem citações de algum profeta mais antigo.[Nota 56]

Archer, Jr., por seu lado, afirma que a data mais recente é a preferida pela maioria dos autores liberais, mas ele acaba ficando com grande parte dos autores evangélicos que optam pela data mais antiga. Contudo, ele também deixa claro que não há acordo mesmo entre os chamados por ele de conservadores.[Nota 57]

Como foi visto até aqui as datas propostas têm variado normalmente entre 845 até 587 a.C., mas alguns autores, baseados em termos como Exilados e Sefarade (v.20) têm sugerido mesmo a época pós-exílica.[Nota 58] A. Bentzen, por exemplo, em seu livro Introdução ao Antigo Testamento, na p.160, sugere uma data entre 587 e 312 a.C. Isto tudo mostra que a questão ainda está em aberto e que o intérprete deve levar em consideração as várias possibilidades.

O que pode ser visto pelo próprio livro é que está havendo um tratamento em relação às ações de Edom contra Israel.

Mas isto aconteceu em várias épocas da história. São bem conhecidas as confusões entre os irmãos Esaú (Edom) e Jacó (Israel). Os dois iniciaram uma rixa que se estendeu para os descendentes até mesmo para o período depois do Antigo Testamento.

Os edomitas achavam que estavam seguros em suas fortalezas. Eles habitavam o monte Seir e estavam rodeados por outros altos montes. Para chegar até a região principal de Edom era necessário passar por um corredor entre estes montes, o qual era muito estreito e servia de defesa natural contra os exércitos inimigos. Poucos se atreveriam a expor a vida naquele verdadeiro corredor da morte.

Em 312 a.C., finalmente, os árabes conseguiram desalojá-los da fortaleza e, mais tarde, ao se unirem a outros povos, se tornaram no que conhecemos como os Idumeus do Novo Testamento. [Nota 59]

Ainda no Período conhecido como Intertestamentário eles foram também conquistados pelos Macabeus, que acabaram por circuncidar à força os Idumeus, o que os tornou, tecnicamente, meio que judeus. Um possível resultado negativo disto foi a possibilidade de Herodes o Grande, um idumeu, mais tarde, acabar se tornando o rei dos Judeus, representante oficial do povo junto ao governo central do Império Romano.

5.3. O Esboço do Livro de Obadias

Ainda que o livro seja minúsculo podemos dividi-lo em três partes principais e mais duas subdivisões na terceira delas. São elas:

1. DEUS CONDENA EDOM (1-4)
2. A FUTURA CALAMIDADE SOBRE EDOM (5-9)
3. OS MOTIVOS DA CONDENAÇÃO DE EDOM (10-21)
   - 3.1. Agiram Maldosamente Contra Israel (10-16)
   - 3.2. Deus Faz Justiça (17-21)

5.4. Descrição Básica do Livro de Obadias

É o menor de todo o Antigo Testamento. Possui apenas 21 versículos que descrevem, em uma unidade em forma de oráculo, a visão que veio ao profeta por parte do Senhor Yavé.

5.5. Destaques que Ajudam na Interpretação do Livro de Obadias

1) Embora a mensagem toda esteja falando do castigo que Yavé infligirá sobre Edom, não é sábio interpretar que esta é uma mensagem dirigida diretamente aos edomitas. Não é fácil de encontrar uma maneira viável para que o profeta pudesse transmitir um recado duro como este a um povo inimigo, sem sofrer as consequências deste ato. Também esta não era a forma normal de se entregar uma mensagem. Como destaca Baker "até mesmo Jonas, que contém o único registro de profecia voltada diretamente para não israelitas (Jn 3.4), destina-se na totalidade para o uso de Israel". [Nota 60]

2) Apesar de toda a dureza da mensagem para Edom, ela é uma palavra de esperança para Israel.

Ela mostra claramente que Deus não os deixou nas mãos dos inimigos e que Ele está pronto para castigar o opressor e a fazer justiça.

3) Não deve ser descartada, também, a possibilidade desta mensagem, provavelmente proferida em Judá, carregar em si a intenção do profeta de concretizar sobre o país inimigo o mal que ela continha. Na mente hebraica a palavra tinha este poder e, desta forma, estaria criando a situação de desgraça descrita contra Edom.

4) O livro possui um título composto por apenas duas palavras, que formam a expressão *hăzôn ʿōbadyāh* (חֲזוֹן עֹבַדְיָה) que, normalmente, aparece traduzida nas versões em português por "Visão de Obadias". O título "Visão de Obadias" não indica que a mensagem proceda do profeta que assim é chamado. A palavra *hăzôn* (חָזוֹן), além do significado de visão, também possui o sentido de revelação. Assim, aponta para uma comunicação divina por intermédio dele. Desta forma, o que segue logo após o título é a descrição da revelação que Deus deu por intermédio de Obadias.

5) O nome próprio "Esaú" aparece nos vs. 6, 8, 9, 18, 19 e 21, sempre como um sinônimo de Edom. Como os edomitas são descendentes de Esaú, é normal que sejam identificados pelo seu nome em muitas ocasiões, assim como os descendentes de Jacó são chamados pelo nome de Jacó, o irmão de Esaú, conforme o v.10, onde está escrito: "Ficarás coberto de vergonha por causa da violência feita a teu irmão Jacó e serás exterminado para sempre".

6) Deitar sortes sobre a cidade (v.11) indica a partilha dos bens dos conquistados pelos conquistadores.[Nota 61] Os edomitas também participaram do sorteio realizado para dividir os bens de Jerusalém vencida.

7) A palavra dia (*yôm* – יום) é destaque no livro (vs. 8, 11, 12, 13, 14 e 15), em especial descrevendo época, tempo, e não período de 24 horas.

8) A figura "a casa de Jacó será fogo", em paralelo com "a casa de José chama", aponta claramente para o instrumento que será utilizado para destruir o país de Edom, descrito como "resto-lho" (v.18). Em outras palavras: Judá, aqui descrito como casa de Jacó e a casa de José, que pode estar representando as demais antigas tribos, destruirá completamente a Edom, aqui denominado de "casa de Esaú". Poderia ser dito: O que sobrou do povo de Deus destruiria Edom.

9) A lei de talião é um unificador teológico deste livro. O castigo de Edom é "legal" e corresponde a seu crime. No v. 15 isto fica bem claro, quando registra: "...como tu fizeste, assim se fará contigo...". De forma semelhante, também destaca este princípio ao mostrar que o soberbo é humilhado (vs.2 e 3); que aqueles que presenciaram a pilhagem de Israel, eles mesmos serão pilhados (vs.11-14 e 5-9); que não restará nada aos que hostilizaram os sobreviventes (v.14); e que os despojadores serão despojados (vs.7 e 19).[Nota 62]

Nota 52 - DILLARD, Raymond B. e LONGMAN III, Tremper. Introdução ao Antigo Testamento. São Paulo: Edições Vida Nova, 2006, p.369. [Voltar]

Nota 53 - FRANCISCO, Clyde T. Introdução ao Antigo Testamento. 2.ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1979, p.115, 116. [Voltar]

Nota 54 - ARCHER, Jr. Gleason L. Merece confiança o Antigo Testamento?. 4.ed. São Paulo: Edições Vida Nova, 1986, p.227-231. [Voltar]

Nota 55 - FRANCISCO, Clyde T. Introdução ao Antigo Testamento. 2.ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1979, p.115. [Voltar]

Nota 56 - FRANCISCO, Clyde T. Introdução ao Antigo Testamento. 2.ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1979, p.116. [Voltar]

Nota 57 - ARCHER, Jr. Gleason. Merece confiança o Antigo Testamento?. 4.ed. São Paulo: Edições Vida Nova, 1986, p.227-228. [Voltar]

Nota 58 - LASOR, William S. e HUBBARD, David A. e BUSH, Frederic W. Introdução ao Antigo Testamento. São Paulo: Edições Vida Nova, 1999, p.403. [Voltar]

Nota 59 - FRANCISCO, Clyde T. Introdução ao Antigo Testamento. 2.ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1979, p.116, 117. [Voltar]

Nota 60 - BAKER, David W. Obadias. Em: David W. Baker, T. Desmond Alexander e Richard J. Sturz. Obadias, Jonas, Miqwueias, Naum, Habacuque e Sofonias: introdução e comentário. São Paulo: Edições Vida Nova, 2001, p.35. [Voltar]

Nota 61 - SHÖCKEL, Luis Alonso e DIAZ, J. L. Sicre. Profetas II: Ezequiel – Doze profetas menores – Daniel – Baruc – Carta de Jeremias. São Paulo: Pauilinas, 1991, p.1034. [Voltar]

Nota 62 - BAKER, David W. Obadias. Em: David W. Baker, T. Desmond Alexander e Richard J. Sturz. Obadias, Jonas, Miqueias, Naum, Habacuque e Sofonias: introdução e comentário. São Paulo: Edições Vida Nova, 2001, p.30. [Voltar]

6.

O LIVRO DE JONAS

Jonas deve ser um dos livros mais conhecidos do Antigo Testamento. A história cativante de um homem que tentou fugir de Deus, que foi engolido por um peixe, e que sobreviveu para se tornar o pregador mais eficiente, em termos de adesão à sua mensagem, que a Bíblia apresenta, tem maravilhado a muitos desde a infância. Contudo, estas facetas extraordinárias da narrativa, na maioria dos casos, acabam desviando o leitor do mais importante, da mensagem que o autor procurou passar para seus leitores. Assim, neste ponto, ainda que o livro já tenha sido lido várias vezes, é salutar convidar os leitores a lerem mais uma vez este texto, buscando, em especial, as mensagens espirituais que ele contém. Depois disto pode-se seguir adiante.

6.1. O Profeta

O personagem principal deste livro é o profeta Jonas filho de Amitai. Seu nome, no Antigo Testamento, aparece, além de neste livro, apenas em 2 Reis 14.25. Por esta referência em Reis pode-se perceber que ele era da região da Galileia, de um local chamado Gate-Hefer (lagar do buraco)[Nota 63], situado a, aproximadamente, uns 7 quilômetros da cidade de Nazaré. Assim, era um dos profetas do Reino do Norte.

O nome do profeta, *yônâ* (יוֹנָה), significa pomba e, aparentemente, não tem nenhuma relação com seu ministério.

Ele viveu na época de Jeroboão II, o qual reinou entre 781-753 a.C., e profetizou a respeito das conquistas deste rei de Israel. Esta foi uma época de grande prosperidade econômica para Israel como Estado, mas, também, de muita imoralidade e injustiça social,[Nota 64] como se vê, por exemplo, no Livro de Amós.

6.2. A Autoria do Livro de Jonas

Mesmo escritores evangélicos de notória ortodoxia aceitam que dificilmente o autor do livro tenha sido o próprio profeta Jonas. Na verdade, o autor é desconhecido e as evidências internas apontam para outra pessoa que não o profeta da época de Jeroboão II.

Os seguintes pontos têm sido utilizados para defender a autoria do livro por outra pessoa que não o profeta Jonas:

a) O livro não declara que Jonas é o autor;

b) O estilo é marcado por aramaísmos;

c) O nome do rei assírio não é mencionado;

d) Nínive era uma grande cidade – 3.3 (Na época da escrita não era mais?);

e) Jonas é mencionado na 3ª pessoa.[Nota 65]

6.3. Características Gerais do Livro de Jonas

Aqui serão destacadas algumas das características gerais do Livro de Jonas. Trataremos das seguintes questões: forma literária; mensagem e unidade.

6.3.1. A forma literária do Livro de Jonas

Uma das maiores dificuldades do Livro de Jonas tem sido estabelecer, com certeza, qual é o tipo de literatura empregada pelo autor. Aqui veremos algumas das possibilidades propostas por estudiosos do assunto.

a) A posição de Silas Alves Falcão

Este autor, procurando seguir ao máximo a tradição evangélica, interpretou o livro como sendo composto por narrativas históricas. Segundo ele, a interpretação como parábola ou alegoria, como outros interpretam, é imaginosa e não suporta uma análise sincera; em sua opinião é uma maneira de fugir do sobrenatural presente nas Escrituras. A base de seus argumentos é o seguinte:

1) Jonas é um personagem histórico, citado tanto no Antigo (2 Reis 14.25) quanto no Novo Testamento (Mateus 12.38-41 e Lucas 11.29-30). Isto vai contra o costume de não se utilizar personagens históricos em parábolas nas Escrituras.[Nota 66]

2) Os críticos modernos não possuem maior conhecimento a respeito de Jonas do que Jesus possuía, e Ele o considerou histórico.

3) Não há impossibilidade de conversão em massa de uma grande cidade como Nínive.

4) O arrependimento do povo de Nínive foi passageiro e daí a destruição da cidade em 612 a.C. [Nota 67]

5) Não é impossível para um homem sobreviver de forma "natural" dentro de um grande peixe (Segundo ele: existem muitas histórias verídicas a este respeito).[Nota 68]

b) A posição de Aage Bentzen Alude a um caso de sobrevivência dentro de um animal marinho que foi apenas uma invenção de um marinheiro, a qual foi aceita por teólogos ingênuos. Diferentemente de Falcão, ele aceita que o livro é uma parábola.[Nota 69]

c) A posição de D. F. Payne Payne vai contra a interpretação alegórica do livro, mas fica indeciso entre a histórica e a parabólica. Para ele as duas são possíveis, tendo, é claro, pontos contra e a favor de cada posição. Ele destaca, ainda, que o texto é composto, quase que inteiramente, por narrativas, não possuindo oráculos longos, no que se diferencia de todos os outros livros proféticos.[Nota 70]

d) A posição de Asa Routh Crabtree O conceituado professor batista, que atuou por muitos anos no Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil, no Rio de Janeiro, não teve dificuldade de afirmar: "O livro de Jonas é claramente uma parábola que dá ênfase especial à misericórdia do Senhor".[Nota 71]

e) A posição de Norman K. Gottwald Indo contra a opinião de Crabtree, expressa com tanta certeza, está a de Gottwald que defende ser o livro uma historieta satírica, apenas com força

parabólica. Ele argumenta: "Que não é uma parábola direta é evidente pela sua caricatura direta do profeta, em lugar de relato de alguém que poderia ser comparado a profeta. Tampouco é uma alegoria de Israel recusando-se do exílio, sem conseguir ter compaixão das nações".[Nota 72] Segundo este autor, a força presente no livro está em acautelar os judeus contra a atitude preconceituosa e esteriotipada em relação aos gentios.[Nota 73]

f) A posição de T. Desmond Alexander Este autor conclui que os hebreus tinham suas próprias convenções de classificação literária, diferentes das atuais, o que faz com que os rótulos modernos não se encaixem perfeitamente em escritos antigos como este. Assim, acompanhando o que ele chama de consenso da erudição moderna, destaca a natureza didática do texto, pois o autor procurou passar uma lição teológica para seus leitores, e defende que se trata de uma "história didática", relato de acontecimentos reais com o objetivo de ensinar uma lição.[Nota 74]

Obs.: O maior peso para defender a interpretação histórica literal do Livro de Jonas está nas palavras de Jesus em Mateus 12.38-41 e Lucas 11.29-30, as quais devem ser levadas muito a sério. Com certeza, não basta para resolver a questão chamar de ingênuos aqueles que entendem o livro como relato histórico. É necessário explicar a utilização do Livro de Jonas feita por Jesus.

6.3.2. A mensagem do Livro de Jonas

Mesmo que a questão do gênero literário, como foi visto acima, seja um problema que pode influenciar grandemente na interpretação, no geral, a mensagem do livro de Jonas, seja ele um relato histórico ou algum tipo de parábola, fica bastante clara. Ela mostra, entre outras lições, principalmente, que Deus é misericordioso e também se preocupa com outros povos além de Israel. Fica claro na mensagem que a preocupação de Deus com os seres humanos vai além das fronteiras de seu povo escolhido.

6.3.3. A unidade do Livro de Jonas

A unidade do Livro de Jonas tem sido colocada em dúvida, principalmente, por causa do capítulo 2. Ele está em forma poética e pode ser considerado como sendo um salmo. Uma questão que é levantada em relação a ele é a seguinte: Poderia Jonas, ou qualquer outra pessoa, compor esta obra poética no interior de um peixe? A resposta não pode ser muito simples!

Um outro problema a ser resolvido é: Algo neste salmo demonstra que Jonas sabe que está dentro de um peixe?

A resposta só pode ser não! Se for lido em separado do restante do livro, não há nenhuma evidência clara de que o salmo esteja falando de alguém que está dentro de um peixe.

De fato, ele parece mais estar tratando de algum outro acontecimento, talvez um naufrágio (Ver vs. 3 e 5).

Também é bom notar que a narrativa de 1.17 poderia ter uma boa sequência se pulasse, imediatamente, para o texto de 2.10b. Veja como ficaria: "Esteve Jonas três dias e três noites no ventre do peixe..." "...e este vomitou Jonas na terra".

Também contribui para esta suspeita o fato de Jonas, depois de perceber que Deus havia perdoado a cidade (4.1-4), ainda esperar que ela fosse destruída (4.5).

6.4. O Esboço do Livro de Jonas

Quatro partes bem claras se destacam no livro. São elas:

1. JONAS É CHAMADO E TENTA FUGIR (1.1-17)

2. A ORAÇÃO DE JONAS (2.1-10)

3. A PREGAÇÃO DE JONAS CONTRA NÍNIVE (3.1-10)

4. A MISERICÓRDIA DE DEUS DEMONSTRADA À NÍNIVE (4.1-11)

6.5. Destaques que Ajudam na Interpretação do Livro de Jonas

1) Ainda que o material do livro no Texto Hebraico seja o mesmo da maioria das versões atuais é bom destacar que a quantidade de versículos nos dois primeiros capítulos podem ser diferentes. O primeiro capítulo do Texto Hebraico está dividido em dezesseis versículos. Já o capítulo dois em onze, incluindo como seu primeiro versículo aquele que, normalmente, é tratado por outras versões como o último do anterior. Assim, ao encontrar alguma citação de Jonas é bom tomar cuidado para ver se quem cita está utilizando a numeração do Texto Hebraico ou de alguma versão.

2) A palavra peixe aparece no Texto Hebraico em duas formas diferentes, na masculina (*dāg* – דָּג – 1.17 e 2.10) e na feminina (*dāgâ* – דָּגָה – 2.1). Isto levou alguns a discutirem o sexo do animal e outros a cogitarem a possibilidade da existência de dois peixes na história. Contudo, ainda não se chegou a uma solução clara para esta questão. Talvez seja melhor levar em conta o que Earl S. Kalland diz sobre o uso destas palavras. Segundo ele, o masculino *dāg* (דָּג) e o feminino *dāgâ* דָּגָה "aparecem no Antigo Testamento sem, aparentemente, qualquer diferença de significado".[Nota 75]

3) Verificar em um mapa onde ficava Jope, o mar no qual Jonas navegou e a cidade de Nínive, pode evitar a impressão de que Jonas foi deixado pelo peixe próximo à cidade condenada. Não se sabe exatamente onde ele foi deixado em terra (2.10), mas com certeza foi bem longe de Nínive, que se encontra distante do mar. Esta cidade estava a aproximadamente 800 Km de distância de Israel, o que equivaleria a, aproximadamente, um mês de viagem.[Nota 76]

4) A expressão "Nínive era cidade mui importante diante de Deus" (3.3), pode ser um superlativo para indicar o seu grande tamanho.[Nota 77]

5) A afirmação de que Deus se arrepende do mal não deve ser entendida como arrependimento por ter feito algo errado, mas no sentido de voltar atrás no castigo que já havia determinado (3.10 e 4.2).

6) Os números que aparecem no texto talvez sejam melhor interpretados se não forem tomados literalmente, mas sim pelos seus possíveis sentidos simbólicos (1.17; 3.3; 3.4 e 4.11). Por exemplo:

a) Três dias e três noites pode estar indicando mais a certeza de que Jonas foi engolido do que o tempo em que esteve no ventre do peixe. Compare com o dito de Jesus em Mateus 12.40. É só fazer as contas para se perceber que Jesus não ficou três dias e três noites no "coração da terra", pois foi sepultado na sexta à tarde e ressuscitou no domingo de madrugada. Mas as palavras garantem que ele haveria de ser sepultado e depois ressuscitar.

b) O termo “cidade de três dias para percorrê-la” pode estar indicando a importância e a grandeza da cidade, mas não se deve pegar literalmente. Afinal, o próximo versículo parece mostrar que Jonas cumpriu sua tarefa em um dia (3.3-4).

c) O número quarenta é um dos que mais aparece na Bíblia com sentido simbólico de tempo apropriado. Uma possibilidade aqui então seria que no tempo próprio (quarenta dias), a cidade seria destruída (3.4).

d) A expressão “cento e vinte mil”, que aparece em 4.11, mais do que tentar identificar a quantidade exata de pessoas, parece mostrar que a totalidade (3 x 40.000) dos ninivitas não tinha discernimento claro a respeito do que era certo ou errado (mão direita da mão esquerda).

7) A versão Almeida Século 21 apresenta como tradução do hebraico *sukâ* (סֻכָּה) em Jonas 4.5 a palavra “tenda”. Isto pode dar uma ideia muito moderna ao leitor. O correto é dizer que Jonas fez um abrigo provisório com galhos, uma ramada, também chamada de cabana.

8) A planta que Deus fez crescer acima de Jonas, provavelmente, era uma mamoneira (*qîqāyōn* - קִיקָיוֹן).[Nota 78]

9) O livro termina com uma pergunta que já tem sua resposta subentendida (4.10-11). É muito mais razoável compadecer-se de pessoas do que de plantas. Veja o que o Senhor disse nele a Jonas: ...Tens compaixão da planta, que não cultivaste nem fizeste crescer; que numa noite nasceu e na outra morreu. E não teria eu compaixão da grande cidade de Nínive, onde há mais de cento e vinte mil pessoas que não sabem discernir entre a mão direita e a esquerda, e também muito gado?

Nota 63 - MAC LEOD, M. A. Gate-Hefer. Em: J. D. Douglas (ed). O novo dicionário da Bíblia. São Paulo: Edições Vida Nova, 1983, p.653. v.1. [Voltar]

Nota 64 - GUSSO, Antônio Renato. Panorama histórico de Israel para estudantes da Bíblia. 6.ed. Curitiba: A. D. Santos Editora, 2013, p.94, 98, 99. [Voltar]

Nota 65 - FRANCISCO, Clyde T. Introdução ao Antigo Testamento. 2. ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1979, p.123. [Voltar]

Nota 66 - Está claro por esta afirmação que ele também não entende o texto de Lucas 16.19-31, a história do rico e de Lázaro, como parábola [Voltar]

Nota 67 -A cidade foi destruída pelos medos, em agosto deste ano. Veja ALEXANDER, T. Desmond. Jonas. Em: David W. Baker, T. Desmond Alexander e Richard J. Sturz. Obadias, Jonas, Miqueias, Naum, Habacuque e Sofonias: introdução e comentário. São Paulo: Edições Vida Nova, 2001, p.112. [Voltar]

Nota 68 - CRABTREE, Asa Routh. Profetas Menores. Rio de Janeiro: JUERP, 1971, p.91-96. [Voltar]

Nota 69 - BENTZEN. Aage. Introdução ao Antigo Testamento. São Paulo: ASTE, 1968, p.163, 164. v.II. [Voltar]

Nota 70 - PAYNE, D. F. Livro de Jonas. Em: J. D. Douglas (ed). O novo dicionário da Bíblia. São Paulo: Edições Vida Nova, 1983, p. 856, 857. v.2. [Voltar]

Nota 71 - CRABTREE, Asa Routh. Profetas Menores. Rio de Janeiro: JUERP, 1971, p.209. [Voltar]

Nota 72 - GOTTWALD, Norman K. Introdução socioliterária à Bíblia Hebraica. São Paulo: Edições Paulinas, 1988, p.519. [Voltar]

Nota 73 - GOTTWALD, Norman K. Introdução socioliterária à Bíblia Hebraica. São Paulo: Edições Paulinas, 1988, p.520. [Voltar]

Nota 74 - ALEXANDER, T. Desmond. Jonas. Em: David W. Baker, T. Desmond Alexander e Richard J. Sturz. Obadias, Jonas, Miqueias, Naum, Habacuque e Sofonias: introdução e comentário. São Paulo: Edições Vida Nova, 2001, p.87-88. [Voltar]

Nota 75 - KALLAND, Earl S. 401 hg;D; (dāgâ) multiplicar, aumentar. Em: R. Laird Harris (org.) Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento. São Paulo: Edições Vida Nova, 1998, p.298. [Voltar]

Nota 76 - ALEXANDER, T. Desmond. Jonas. Em: David W. Baker, T. Desmond Alexander e Richard J. Sturz. Obadias, Jonas, Miqueias, Naum, Habacuque e Sofonias: introdução e comentário. São Paulo: Edições Vida Nova, 2001, p.137. [Voltar]

Nota 77 - ALEXANDER, T. Desmond. Jonas. Em: David W. Baker, T. Desmond Alexander e Richard J. Sturz. Obadias, Jonas, Miqueias, Naum, Habacuque e Sofonias: introdução e comentário. São Paulo: Edições Vida Nova, 2001, p.136. [Voltar]

Nota 78 - KIRST, Nelson. et.al. Dicionário Hebraico-Português & Aramaico-Português. 2.ed. São Leopoldo: Editora Sinodal; Petrópolis: Vozes, 1989, p.214. [Voltar]

7.

O LIVRO DE MIQUEIAS

Levando-se em conta a introdução do Livro de Miqueias, sua mensagem, primeiramente, foi direcionada à Israel e Judá. De forma mais específica para as capitais Samaria e Jerusalém, representantes oficiais da nação (1.1). Assim, antes de partir para as orientações aqui apresentadas, faça uma leitura atenta de seus poucos capítulos, apenas sete, procurando distinguir o que é para Israel, o que é para Judá, o que é para Israel e Judá ao mesmo tempo e, o mais importante, o que é para todos em todos os tempos, suas lições espirituais eternas.

7.1. O Profeta

O primeiro versículo do Livro de Miqueias apresenta algumas informações a respeito do profeta chamado por este mesmo nome. Ele era procedente da cidade de Moresete, provavelmente Moresete-Gate, conforme nome que surge em 1.14, a qual parece que estava situada nas proximidades da cidade filisteia de Gate.[Nota 79] Se esta Moresete ficava mesmo perto da cidade filisteia de Gate, o profeta, então, sendo natural dela, também era das proximidades de Jerusalém, a capital do Reino do Sul, pois Gate ficava a mais ou menos trinta quilômetros de distância desta importante cidade.[Nota 80]

O nome do profeta, *Mîkâ* (מִיכָה), normalmente transliterado por Miqueias nas versões bíblicas em português, é uma forma abreviada da palavra hebraica *mîkāyāhû* (מִיכָיָהוּ) ou *mîkāyâ* (מִיכָיָה), a qual é de uso bastante frequente no hebraico[Nota 81] e tem um significado bem sugestivo para um profeta. Este nome pode ser traduzido pela seguinte indagação: "Quem é como Yavé?".[Nota 82]

Destoando da maioria dos outros profetas seu nome não é apresentado junto com o de seu pai. De fato, nada se sabe a respeito dos pais do profeta, o que sugere, não com certeza, que ele fosse de origem humilde.[Nota 83]

7.2. A Situação Histórica, a Autoria e a Data de Miqueias

A primeira metade do século oitavo foi um período de grande prosperidade para Israel e Judá. Jeroboão II, rei de Israel, o Reino do Norte, conseguiu reaver parte do território que havia sido perdido para Síria e controlou as rotas do comércio, o que trouxe grande prosperidade em forma de impostos de outras nações. Judá, governada por Uzias (783-742 a.C.), também alcançou prosperidade. Esta situação próspera, contudo, veio a resultar em um ambiente saturado de corrupção e desonestidade na época do profeta Miqueias. A injustiça e a imoralidade tomaram conta dos dois países irmãos,[Nota 84] onde os grandes e poderosos cada vez mais se engrandeciam praticando a injustiça e oprimindo os mais fracos (Mq 3.1-3).

Se foi o próprio Miqueias o autor dos escritos é possível de se chegar a uma época aproximada da data em que foram produzidos. Porém, é bom lembrar que, deixando-se de lado os três primeiros

capítulos, os demais ainda não são aceitos de forma geral como tendo sido produzidos por este profeta. William S. Lassor chegou a afirmar que "com certeza, a edição canônica final do livro dá a impressão de que vêm do início do pós-exílico".[Nota 85] Na verdade, isto não é tão relevante, o importante é buscar a mensagem que o texto reserva para o povo de Deus.

O profeta Miqueias foi contemporâneo de Isaías. Ele pregou no tempo dos reis Jotão, Acaz e Ezequias, como pode ser visto já no início do livro (1.1). O Livro de Jeremias também confirma que Miqueias atuou na época do rei Ezequias (Jr 26.18-19). Contudo, a data exata de suas profecias não pode ser determinada. Pode-se dizer com certeza que ele atuou antes de 722 a.C., mas não se sabe quanto tempo antes e muito menos até quando profetizou. Além disso, pode ter havido certo período entre o registro por escrito das profecias e o momento em que elas foram proferidas.

7.3. Características Gerais do Livro de Miqueias

Nem todos aceitam que o Livro de Miqueias seja uma unidade. Os primeiros três capítulos, em muitos casos, têm sido analisados em separado dos demais. Contudo, também aqueles que assim agem não chegam a um acordo satisfatório a respeito do assunto. As opiniões a respeito do livro variam de forma radical. "Alguns defendem que o livro não tem nenhuma estrutura global, mas é simplesmente um conjunto desconexo de oráculos proféticos. Outros consideram as estruturas extremamente complexas e sofisticadas".[Nota 86]

Mesmo com muitas opiniões contrastantes a respeito do livro, alguns pontos, na opinião de Raymond B. Dillard & Tremper Longman III, são incontestáveis: 1) Os oráculos não foram proferidos em uma única ocasião; 2) A cronologia não é base para a estrutura da composição e 3) As mensagens estão dispostas, mais ou menos, em uma sequência que indica a seguinte ordem: ameaça e esperança.[Nota 87]

7.4. A Mensagem do Livro de Miqueias

A base do pecado combatido no livro é a injustiça social, exploração dos mais pobres, aliada ao culto aparente. Como diz Gleason Archer Jr., a mensagem central busca mostrar que "o produto essencial da fé salvadora é a reforma social e a prática baseada na justiça e soberania de Deus".[Nota 88] É evidente no livro de Miqueias que Deus não se deixa enganar por aqueles que pretendem esconder suas más ações apresentando-lhe culto. Ele exige a prática da justiça, misericórdia e humildade (Mq 6.6-8).

7.5. O Esboço do Livro de Miqueias

O livro pode ser resumido em uma sequência de profecias de desgraças seguidas por profecias de promessas, divididas assim:

1. AMEAÇAS CONTRA ISRAEL E JUDÁ (Profecias de desgraças) 1-3
2. MENSAGEM DE ESPERANÇA E RESTAURAÇÃO (Profecias de Promessas) 4-5
3. JULGAMENTO DE ISRAEL PELOS SEUS PECADOS (Profecia de desgraças) 6.1-7.7
4. DEUS PERDOARÁ ISRAEL E O LIVRARÁ (Profecia de Promessas) 7.8-20

7.6. Destaques que Ajudam na Interpretação do Livro de Miqueias

1) Os nomes de cidades utilizados em 1.10-15 bem demonstram a habilidade poética do profeta. A mensagem que ele transmite está ligada ao jogo de palavras que ele relaciona com cada uma das localidades mencionadas. Veja, a seguir, algumas das possibilidades de significados, ou mensagens, dos nomes empregados por ele, seguidos dos textos completos dos versículos:

- v. 10 Gate – Cidade da Notícia, Anunciação Bete-Le-Afra – Casa do Pó "Não conteis isso em Gate; não choreis em Aco; revolvei-vos no pó em Bete-Leafra".
- v. 11 Safir – Cidade Ornamento, Vista esplêndida Zaanã– Partida, Saída Bete-Ezel – Cidade Vizinha, Casa de Separação "Passa em vergonhosa nudez, ó moradora de Safir; a moradora de Zaanã não saiu; o pranto de Bete-Ezel tomará a vossa morada".
- v. 12 Marote – Lamento Amargo Jerusalém – O significado total deste nome é desconhecido, mas é de consenso que ele está relacionado com o termo "paz". "Pois a moradora de Marote espera ansiosamente pelo bem; pois a desgraça desceu do SENHOR até a porta de Jerusalém".
- v. 13 Laquis – Cidade da Corrida, Cidade de Cavalos Sião – Nome do monte onde estava situada a cidade de Jerusalém. Pode-se entender como sendo a casa de Deus (Mq 4.2)."Ata o cavalo ligeiro ao carro, ó moradora de Láquis; foste o princípio do pecado para a filha de Sião, pois as transgressões de Israel partiram de ti".
- v.14 Moresete-Gate – Noiva de Gate Aczibe– Fonte Mentirosa, Local de Engano "Por isso darás presentes de despedida a Moresete-Gate; as casas de Aczibe se tornarão em engano para os reis de Israel".
- v. 15 Maressa – Cidade de Conquista, Cidade Hereditária Adulão– Cidade Cananita onde o rei Davi esteve escondido em uma caverna (1Sm 22:1).[Nota 89]

"Ó moradora de Maressa, ainda trarei a ti aquele que te possuirá; a glória de Israel irá até Adulão".

2) Rapar a cabeça, como aparece em 1.16, é um sinal de lamento.

3) A acusação: "Lançais fora as mulheres do meu povo dos seus lares queridos" (2.9), deve ser uma referência às injustiças praticadas contra as viúvas. Desprotegidas eram enganadas e lesadas no pouco que tinham. Perdiam até os filhos que, em muitos casos, eram vendidos como escravos para pagar dívidas do falecido.[Nota 90]

4) A expressão cobrir o bigode, ou lábio (*sāpām* – שָׂפָם) que aparece em 3.7, é um sinal de luto (Ez 24.17 e 22) ou de humilhação (Lv 13.45). Como destaca John B. Taylor, o ato de cobrir os bigodes era obrigatório para o leproso, era um sinal de vergonha. "Tratava-se de cobrir com véu a parte inferior do rosto, desde o nariz para baixo".[Nota 91]

5) O profeta fala por meio de poesia e assim utiliza um vocabulário específico deste tipo de literatura. Por exemplo: quando usa os termos Jacó e Israel, em 3.8, não está se referindo a dois países diferentes, mas, simplesmente, está enfatizando quem é o objeto de sua mensagem. Da mesma forma em 3.12, onde Sião e Jerusalém descrevem a mesma cidade.

6) A promessa de destruição de 3.12 nunca foi cumprida. Ela diz o seguinte: "Portanto, Sião será lavrada como um campo, e Jerusalém se tornará um montão de ruínas, e o monte desta casa, como uma elevação coberta de mato". O texto de Jeremias 26.18 mostra que houve arrependimento do povo e que Deus, então, cancelou o que iria fazer. Se em Jeremias não existisse esta informação,

provavelmente, muitos interpretariam a profecia como tendo sido cumprida mais tarde, quem sabe até no período romano, em 70 d.C. Para que fique mais claro é interessante ler todo o capítulo 26 de Jeremias.

7) Os termos "chifres de ferro" e "unhas de bronze" em 4.13 indicam força.

8) O significado do texto no Antigo Testamento não muda por causa da interpretação que aparece no Novo. Os autores do Novo Testamento veem algo nele que os leitores ou ouvintes da profecia na época do Antigo Testamento não podiam ver. Assim, em Mq 5.2, em seu contexto imediato, em estilo poético, está previsto o nascimento de um libertador político, o qual os ajudaria contra as investidas da Assíria (5.5). Mateus e João, utilizando este texto, mostraram que pela ocasião do nascimento e ministério de Jesus esta passagem era interpretada como messiânica (Mt 2.4-6 e Jo 7.40-41) e que se aplicava em seu ensino geral, não se levando em conta os detalhes da poesia ou específicos para a época em que foi proferida, perfeitamente a Jesus, descendente de Davi e nascido em Belém.

9) As expressões "a terra da Assíria" e "a terra de Ninrode" utilizadas em 5.6 são sinônimas, indicam o mesmo lugar. Como bem observou Richard Julius Sturz, neste texto, a "Assíria é identificada com seu fundador, filho de Cuxe, o primogênito de Cam" (Gn 10.6-12).[Nota 92]

10) O culto aceitável exige prática de justiça, misericórdia para com o próximo e humildade diante de Deus. É só ler o texto de Miqueias 6.6-8, como segue, para se perceber esta verdade bíblica:

> 6 Com que me apresentarei diante do SENHOR e me prostrarei diante do Deus Excelso? Devo apresentar-me diante dele com sacrifícios, com bezerros de um ano?
>
> 7 O SENHOR se agradaria com milhares de carneiros, ou com dez mil ribeiros de azeite? Darei o meu primogênito pela minha transgressão, o fruto do meu corpo pelo meu pecado?
>
> 8 Ó homem, ele te declarou o que é bom. Por acaso o SENHOR exige de ti alguma coisa além disto: que pratiques a justiça, ames a misericórdia e andes em humildade com o teu Deus?

11) Algumas versões bíblicas, como é o caso da Revista e Atualizada de Ferreira de Almeida (ARA), trazem a palavra tribos no texto de 6.9. Contudo, na língua original, o termo que aparece é tribo (*matteh* – מַטֶּה), no singular. Isto tem levado outros tradutores, como os que trabalharam na NVI, por exemplo, a interpretar o termo como uma referência à tribo de Judá. O termo também pode ser entendido como "vara" e assim tem sido utilizado por alguns. O texto é muito confuso e ainda não está claro seu significado.

12) Onri e Acabe, pai e filho, foram dois dos reis de Israel, Reino do Norte. Levaram a nação a uma boa situação econômica às custas de muita injustiça e decadência moral e religiosa. Acabe teve Jezabel como esposa, mulher que procurou implantar à força a religião de Baal em Israel.[Nota 93] Assim, seguir os estatutos de Onri e Acabe, como aparece em 6.16, é o mesmo que se desviar claramente dos caminhos propostos por Deus.

13) O termo minha inimiga (*'ōyabttî* – אֹיַבְתִּי) que aparece em 7.8 e 10 é uma referência à alguma nação inimiga. Ela não pode ser identificada com segurança na atualidade.

14) Basã e Gileade em 7.14, devem ser entendidos como símbolos de fertilidade.

15) O termo “esquece” que aparece em 7.18 não deve ser entendido literalmente, o que estaria afirmando que Deus esquece. Ele aparece no texto como sinônimo de perdão. Veja o paralelismo sinonímico no versículo, conforme a NVI:

a) que perdoas o pecado

b) e esqueces a transgressão

Nota 79 - BENTZEN, Aage. Introdução ao Antigo Testamento. São Paulo: ASTE, 1968, p.165. v.2. [Voltar]

Nota 80 - ARCHER, Jr., Gleason L. Merece confiança o Antigo Testamento? 4.ed. São Paulo: Edições Vida Nova, 1986, p.256. [Voltar]

Nota 81 - BENTZEN, Aage. Introdução ao Antigo Testamento. São Paulo: ASTE, 1968, p.165. v.2. [Voltar]

Nota 82 - ARCHER, Jr., Gleason L. Merece confiança o Antigo Testamento? 4.ed. São Paulo: Edições Vida Nova, 1986, p.255. [Voltar]

Nota 83 - ARCHER, Jr., Gleason L. Merece confiança o Antigo Testamento? 4.ed. São Paulo: Edições Vida Nova, 1986, p.256. [Voltar]

Nota 84 - CRABTREE, Asa Routh. Profetas menores. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, p.122, 123. [Voltar]

Nota 85 - LASOR, William S. e HUBBARD, David A. e BUSH, Frederic W. Introdução ao Antigo Testamento. São Paulo: Edições Vida Nova, 1999. p.294. [Voltar]

Nota 86 - DILLARD, Raymond B. e LONGMAN III, Tremper. Introdução ao Antigo Testamento. São Paulo: Edições Vida Nova, 2006, p.382. [Voltar]

Nota 87 - DILLARD, Raymond B. e LONGMAN III, Tremper. Introdução ao Antigo Testamento. São Paulo: Edições Vida Nova, 2006, p.382, 383. [Voltar]

Nota 88 - ARCHER, Jr., Gleason L. Merece confiança o Antigo Testamento? 4.ed. São Paulo: Edições Vida Nova, 1986, p.255. [Voltar]

Nota 89 - Os significados destes nomes, menos os de Jerusalém, Sião e Adulão, foram tirados da seguinte obra: STURZ, R. J. Em: D. W. Baker; T. D. Alexander & R. J. Sturz. Obadias, Jonas, Miqueias, Naum, Habacuque e Sofonias: introdução e comentário. São Paulo: Edições Vida Nova, 2001, p.200. [Voltar]

Nota 90 - STURZ, Richard J. Miqueias. Em: David W. Baker, T. Desmond Alexander e Richard J. Sturz. Obadias, Jonas, Miqueias, Naum, Habacuque e Sofonias: introdução e comentário. São Paulo: Edições Vida Nova, 2001, p.211, 212. [Voltar]

Nota 91 - TAYLOR, John B. Ezequiel: introdução e comentário. São Paulo: Edições Vida Nova, 1984, p.164. [Voltar]

Nota 92 - STURZ, Richard J. Miqueias. Em: David W. Baker, T. Desmond Alexander e Richard J. Sturz. Obadias, Jonas, Miqueias, Naum, Habacuque e Sofonias: introdução e comentário. São Paulo: Edições Vida Nova, 2001, p.246. [Voltar]

Nota 93 - GUSSO, Antônio Renato. Panorama histórico de Israel para estudantes da Bíblia. 6.ed. Curitiba: A. D. Santos Editora, 2013, p.96, 97. [Voltar]

8.

O LIVRO DE NAUM

Não se tem dado muita ênfase no meio cristão para o livro de Naum. Sua mensagem direcionada à cidade de Nínive é bastante específica e, assim, a maioria dos cristãos não encontra nele assuntos claros que lhes interessem.

Porém, se visto com cuidado, também nesta obra se encontram lições importantes a respeito de Deus e seu relacionamento com os povos. Como são poucos versículos podem ser estudados em maior detalhe. Uma leitura atenciosa, antes da observação dos pontos que aqui seguem pode ser de grande ajuda para sua compreensão.

8.1. O Profeta

Não se sabe praticamente nada a respeito da vida particular deste profeta. O livro o apresenta apenas como Naum o elcosita (1.1), sem indicar nem mesmo quem era seu pai, conforme costumeiramente é feito na apresentação da maioria dos outros profetas do Antigo Testamento. Seu nome, *Nahûm* (µWjnæ) no texto original, vem de uma raiz que transmite o sentido de consolar, e daí foi entendido por alguns como significando "compaixão"[Nota 94], o que, certamente, não condiz com a dureza de sua mensagem condenatória. Ele não aparece em nenhuma outra parte do Antigo Testamento.

A indicação da cidade do profeta, Elcós, não contribui muito para a identificação do mesmo e, ainda que o nome da cidade esteja claro, sua localização continua incerta e pelo menos quatro possibilidades têm sido apresentadas a respeito deste assunto. Elas são as seguintes:

1) Jerônimo a localizou como sendo uma cidade da Galileia;

2) Outros defendem que Elcós é a mesma Cafarnaum, ou seja, "Vila de Naum", que teve seu nome mudado devido à fama deste profeta;

3) Outros chegam a identificar a localidade como sendo uma cidade da Assíria;

4) Outros defendem que é uma vila de Judá.[Nota 95]

8.2. A Situação Histórica e a Data de Naum

A atuação do profeta Naum tem como limite as datas de 663 a.C., que marca a queda da cidade de Tebas, capital do Egito (3.8-10) conquistada pelos assírios, e a destruição de Nínive em 612 a.C., conquistada pela Babilônia com o reforço dos medos. O tom de iminência encontrado no livro pode estar apontando para uma época bem próxima desta segunda data limite sugerida.[Nota 96] Contudo, alguns também têm proposto uma data posterior a 612 a.C. com o argumento que ele foi composto como uma obra litúrgica a respeito da queda de Nínive.[Nota 97] O livro, de fato, pode ter sido utilizado na liturgia posterior, mas defender sua composição direcionada para isto mais parece uma

tentativa de, apenas, explicar o cumprimento da profecia como algo escrito como depois do acontecido.

Pelo texto como se encontra hoje, o que está claro mesmo é que na visão do profeta a destruição de Nínive estava próxima. A Assíria havia passado cerca de 500 anos oprimindo outras nações e, agora, a sua hora também estava chegando.

Isto pode explicar o certo tom de alegria que parece tomar conta do profeta ao descrever com prazer a manifestação da justiça de Deus sobre a cidade.

Ainda que isto possa parecer estranho ao leitor cristão moderno, a alegria do profeta se justifica quando se toma conhecimento de alguns dos feitos realizados pelos reis da Assíria. Os seguintes são interessantes:

1) Senaqueribe escreveu: "Eu varri toda esta terra como furacão; devastei 34 cidades, queimando-as com fogo...";

2) Esar-Hadon levou o rei Manassés ao cativeiro, preso por ganchos (2Cr 33.11);

3) Assurbanípal informou que "rasgou os lábios e as mãos de reis e que pôs arreios em três reis" e os obrigou a puxarem o seu carro de guerra.

Como se vê era natural para eles praticarem a violência e a injustiça e se acharem seguros na cidade fortificada por um muro de 30 metros de altura e um fosso de 40 metros de largura.[Nota 98]

8.3. Características Gerais do Livro de Naum

Dois itens a respeito do livro em si serão destacados neste ponto. São eles: O tema do livro e sua posição no Cânon.

8.3.1. O tema central do Livro de Naum

O tema central do livro é a manifestação da justiça de Deus na história, demonstrada pela promessa de destruição de Nínive, capital da Assíria.

8.3.2. A posição do Livro de Naum no Cânon

Em todos os tipos de versões antigas Naum encontra-se na posição de sétimo dos profetas menores, logo após Miqueias, com exceção da Septuaginta (LXX) onde ele aparece logo após o livro de Jonas. Uma sugestão a respeito deste motivo é que isto aconteça por ter sido ele interpretado pelos tradutores da LXX como sendo da mesma época de Jonas.

Sem dúvidas a cidade de destaque nos escritos de Naum, Nínive, também influenciou esta posição. Há, ainda, uma possibilidade do estilo de escrito ter contribuído para isto.

Afinal, tanto Jonas quanto Naum terminam com uma interrogação, maneira incomum de se finalizar um livro.

8.4. O Esboço do Livro de Naum

O livro pode ser dividido em três partes principais levando-se em conta a sua divisão natural em

capítulos.

Cada uma de suas partes está ligada às demais pelo tema central de toda a profecia. Ele pode ficar assim:

1. O ANÚNCIO DA JUSTIÇA DE YAVÉ (1)
   1.1. Introdução Descritiva do Livro (1.1)
   1.2. Descrição do Poder de Yavé (1.2-6)
   1.3. Promessa de Justiça (1.7-14)
   1.4. Convite Para se Alegrarem Pelo Castigo do Opressor (1.15)
2. DESCRIÇÃO DA TOMADA DE NÍNIVE (2)
   2.1. Descrição do Invasor e Suas Armas (2.1-4)
   2.2. Descrição da Reação dos Moradores de Nínive (2.5-10)
   2.3. Descrição da Desolação da Cidade (2.11-13)
3. O ANÚNCIO DO FIM DE NÍNIVE (3)
   3.1. Descrição da Batalha Final (3.1-3)
   3.2. O Motivo da Destruição (3.4)
   3.3. Descrição da Ruína (3.5-7)
   3.4. Nínive Cairá Assim Como Outras Cidades (3.8-12)
   3.5. Não Há Como Evitar a Queda de Nínive (3.13-19)

8.5. Destaques que Ajudam na Interpretação do Livro de Naum

1) Alguns autores têm defendido que o texto do primeiro capítulo era, originalmente, um poema em forma de poesia alfabética. Ou seja, com cada uma de suas estrofes iniciando com uma das letras do Alfabeto Hebraico em sua ordem natural. Mas, como se encontra na atualidade, o texto não apresenta esta forma. O que se pode verificar é uma possível ordem alfabética, com alguns arranjos, no texto que vai de 1.2-8, contendo as 11 primeiras letras do alfabeto, em ordem, como iniciantes de estrofes.

2) A palavra sentença (*massā'* – מַשָּׂא), ainda que não sempre, é normalmente empregada com o sentido de ameaça, por isso, em alguns casos ela é traduzida por "peso" ou "sentença pesada contra..." . Ela por si só, neste contexto, já demonstra que a mensagem é de condenação (1.1).

3) A referência "Livro da visão de Naum", em seu primeiro versículo (1.1), "indica que a profecia de Naum é de algum modo diferente de outras. A maioria dos profetas era de pregadores e suas profecias eram compilações de seus discursos. Naum, ao que tudo indica, escreveu o livro."[Nota 99] Sua mensagem pode ter sido por escrito desde sua origem, o que pode explicar sua boa estrutura poética.

4) É importante notar que, mesmo o texto descrevendo Deus como alguém sujeito à ira e vingador (1.2-6), também o apresenta como bom (1.7). Ou seja, a manifestação da ira de Deus não faz com

que Ele deixe de ser bom. Quando o Antigo Testamento fala em ira de Deus está fazendo alusão à manifestação punitiva de sua justiça. Também é bom entender a afirmação "Deus jamais inocenta o culpado" à luz do restante da Bíblia. Como juiz e testemunha ao mesmo tempo seu julgamento é infalível, ele não se engana, sabe quem é o culpado. Isto não significa que Deus não perdoa àqueles que se arrependem e pedem perdão.

5) O homem vil, ou de más intenções, que é citado em 1.11,14 e 15, deve ser Senaqueribe, o rei da Assíria, ou uma referência genérica a todos os reis assírios que vinham conquistando o mundo.

6) A desgraça da Assíria (a nação opressora) era uma boa notícia para Judá (a oprimida), como se vê em 1.15: "Os pés do que traz boas novas, do que anuncia a paz, estão sobre os montes! Ó Judá, celebra as tuas festas, cumpre os teus votos, porque nunca mais o ímpio te invadirá; ele será completamente destruído".

7) No Texto Hebraico o primeiro capítulo do livro tem apenas 14 versículos. Assim, o versículo 15, que aparece na maioria das versões em português, no Texto Hebraico é o primeiro do capítulo 2. A Bíblia de Jerusalém segue a numeração da Bíblia Hebraica.

8) O texto de 2.4 não deve ser visto fora de seu contexto e interpretado como se fosse uma profecia a respeito de cidades modernas com seus automóveis velozes, como alguns já interpretaram. Ele faz parte de uma descrição poética a respeito do cerco de Nínive. O texto é o seguinte: "Os carros andam furiosamente nas ruas; cruzam as praças em todas as direções; parecem tochas e correm como relâmpagos".

9) *Nō' 'āmōn* (נא אמון), em 3.8, é o mesmo que Tebas, a antiga capital do Egito.

10) Em 3.18 o profeta chama a atenção para o estado de dormência dos líderes da Assíria. A NTLH interpretou que eles já estavam mortos e, por isso, não poderiam ajudar o povo, mas parece que está sendo destacada apenas a inoperância de cada um deles. O paralelísmo sinonímico, dizendo o mesmo em duas linhas diferentes aponta para isto. Veja como fica:

> Os teus pastores dormem, ó rei da Assíria;
> os teus nobres dormitam;
> o teu povo se derrama pelos montes,
> e não há quem o ajunte.

11) A derrota da opressora Assíria traria alegria para os outros povos que bateriam palmas ao ouvirem esta notícia, como se vê no último versículo do livro que diz: "Não há cura para tua ferida; tua chaga é grave. Todos os que ouvirem da tua fama baterão palmas por ti; pois quem não tem sofrido por causa da tua maldade? (3.19).

Nota 94 - DILLARD, Raymond B. e LONGMAN III, Tremper. Introdução ao Antigo Testamento. São Paulo: Edições Vida Nova, 2006, p.387. [Voltar]

Nota 95 - ARCHER, Jr. Gleason L. Merece confiança o Antigo Testamento? 4.ed. São Paulo: Edições Vida Nova, 1986, p.290, 291. [Voltar]

Nota 96 - LASOR, William S. e HUBBARD, David A. e BUSH, Frederic W. Introdução ao Antigo Testamento. São Paulo: Edições Vida Nova, 1999, p.344, 345. [Voltar]

Nota 97 - BAKER, David W. Naum. Em: David W. Baker; T. Desmond Alexander & Richard J. Sturz. Obadias, Jonas, Miqueias, Naum, Habacuque e Sofonias: introdução e comentário. São Paulo: Edições Vida Nova, 2001, p.297. [Voltar]

Nota 98 - CRABTREE, Asa Routh. Profetas menores. p.193-195. [Voltar]

Nota 99 - DILLARD, Raymond B. E LONGMAN III, Tremper. Introdução ao Antigo Testamento. São Paulo: Edições Vida Nova, 2006, p.389 [Voltar]

9.

O LIVRO DE HABACUQUE

O Livro de Habacuque é uma jóia preciosa. São apenas três capítulos com cinquenta e seis versículos que podem ser lidos em poucos minutos. Contudo, sua leitura não é para ser feita rapidamente. Ele trata de assuntos profundos que merecem muito a atenção do leitor. Assim, antes de seguir na leitura destas orientações, o melhor mesmo é partir para a leitura detalhada do texto bíblico. Feito isto, aí sim, volta-se para as linhas que seguem, mas sempre conferindo-as com os textos citados.

9.1. O Profeta

Pouco se sabe a respeito de Habacuque. Nem o nome de seu pai nem o local de seu nascimento, ou tribo de origem, aparece no livro. Ele simplesmente é identificado de forma semelhante a Ageu e Zacarias, profetas que atuaram no período depois do cativeiro na Babilônia, como sendo o profeta (1.1). Título este que, na opinião de alguns, sugere que ele tenha sido um dos profetas profissionais que trabalhavam no templo de Jerusalém.

Existe a possibilidade de seu nome (*habaqqûq* – חֲבַקּוּק ser de uma raiz hebraica que significa abraçar (*hbq* – חבק), mas como defende Baker, apoiado por outros, o nome do profeta também pode ser acadiano e descrever uma planta ou árvore frutífera.[Nota 100]

Fora deste livro o profeta Habacuque é mencionado em algumas versões do Antigo Testamento em um acréscimo ao Livro de Daniel, na história apócrifa de Bel e o dragão.

O texto em que ele é mencionado, ajudando Daniel na cova dos leões, é o seguinte:

> Ora, o profeta Habacuque vivia naquele tempo na Judeia.
> Acabava de cozinhar um caldo e picava pão dentro dele numa panela, para levá-lo aos ceifadores no campo. Mas um anjo do Senhor disse-lhe: "Leva esta refeição à Babilônia, a Daniel, que se encontra na cova dos leões." – Senhor, disse Habacuque, nunca vi Babilônia, e não conheço essa cova." Então, o anjo, segurando-o pelo alto da cabeça, transportou-o pelos cabelos, num fôlego, até Babilônia, em cima da cova. "Daniel, Daniel, disse Habacuque, toma a refeição que Deus te envia." E Daniel respondeu: "Ó Deus, vós pensastes em mim! Vós não abandonastes aqueles que vos amam! Depois disto se pôs a comer, enquanto o anjo do Senhor transportava de volta Habacuque a seu domicílio (Dn 14.32-39).[Nota 101]

Esta escassez de informações a respeito de Habacuque deve ser a responsável pela aparição de inúmeras lendas a seu respeito. Como aquela que o identifica como levita, reflexo de sua ligação com o templo, ou como o filho da mulher sunamita, provavelmente inspirada no termo abraçar que pode estar presente em seu nome (2Rs 4.16), ou, ainda, àquela que o identifica como o atalaia que se faz menção em Isaías 21.5-10, certamente pelo uso que o profeta faz da figura do atalaia em seu próprio

livro (Hc 2.1).[Nota 102]

O texto de Isaías 21.5-10 é o seguinte:

5 Põe-se a mesa, estendem-se tapetes, come-se e bebe-se. Levantai-vos, príncipes, untai o escudo.

6 Pois assim me disse o Senhor: Vai, põe o atalaia, e ele que diga o que vir.

7 Quando vir uma tropa de cavaleiros de dois a dois, uma tropa de jumentos e uma tropa de camelos, ele que escute diligentemente com grande atenção.

8 Então, o atalaia gritou como um leão: Senhor, sobre a torre de vigia estou em pé continuamente durante o dia e de guarda me ponho noites inteiras.

9 Eis agora vem uma tropa de homens, cavaleiros de dois a dois. Então ergueu ele a voz e disse: Caiu, caiu Babilônia; e todas as imagens de escultura dos seus deuses jazem despedaçadas por terra.

10 Oh! Povo meu, debulhado e batido como o trigo da minha eira! O que ouvi do SENHOR dos Exércitos, Deus de Israel, isso vos anunciei (ARA).

9.2. A Situação Histórica e a Data de Habacuque

Muitas são as datas propostas para o período de atuação do profeta Habacuque. Elas têm variado entre os anos 700 e 300 a.C. Contudo, há uma tendência cada vez mais forte de situar o profeta como contemporâneo de Sofonias, Naum e Jeremias, entre os ano 625 a.C., quando Nabopolassar assume o trono da Babilônia e dá início à expansão do chamado Império Neobabilônico, e o ano de 598 a.C., pouco antes da invasão e deportação de parte da população de Judá para a Babilônia. Isto com base no relato de Habacuque 1.6-11, onde são descritas as ações bélicas dos babilônios.[Nota 103]

9.3. Características Gerais do Livro de Habacuque

Aqui serão tratados dois assuntos distintos: 1) A questão do tema do livro; 2) O problema a respeito da unidade ou não da obra.

9.3.1. O tema central do Livro de Habacuque

O tema principal que percorre o livro é a questão do sofrimento do justo como vítima do injusto. O profeta, assim como muitos até mesmo na atualidade, não conseguia entender como um Deus justo tolerava a opressão causada pelo injusto contra aquele que era mais justo do que ele (1.13). Isto o levou a questionar Deus e a aguardar dele uma resposta satisfatória a este respeito (2.1). A resposta veio na frase chave do livro: "o justo viverá pela fé" (2.4), e na declaração do julgamento do ímpio (2.5-20). Resposta que convenceu o profeta (3.16-19).

9.3.2. A unidade do Livro de Habacuque

O terceiro capítulo do livro é um salmo. Isto tem levado alguns a pensar na possibilidade da obra não ser uma unidade. Em favor desta hipótese há, ainda, o fato de ter sido encontrado em Qunram

um comentário de Habacuque contendo apenas os dois primeiros capítulos atuais. Por outro lado, embora não se saiba a partir de quando, não deve ser menosprezada a evidência de unidade sugerida pela Septuaginta, obra do Período Intertestamentário, que traz em si o terceiro capítulo. Como informa Raymond B. Dillard o terceiro capítulo em forma de salmo é encontrado em todos os manuscritos completos da LXX e também em um manuscrito do início do segundo século d.C., encontrado no Wadi Murabba'.[Nota 104]

Mesmo que a obra não forme uma unidade literária há uma boa possibilidade do capítulo 3 ser do mesmo autor dos capítulos 1 e 2. Isto porque: 1) Eles possuem o mesmo tema geral; 2) São escritos em linguagem semelhante; e 3) O texto de 3.2 é uma referência a 2.1-4.[Nota 105]

9.4. O Esboço do Livro de Habacuque

Não é difícil de se traçar um esboço do Livro de Habacuque. Ainda que ele misture gêneros literários é bastante claro em sua sequência, o que facilita sua apresentação. Veja o esboço básico como segue.

1. OS CLAMORES DO PROFETA E AS RESPOSTAS DE DEUS (1.1-2.5)
   1.1. Pedido de Justiça Contra os Ímpios de Judá (1.1-4)
   1.2. Promessa de Castigo Por Meio dos Caldeus (1.5-11)
   1.3. O Questionamento a Respeito do Instrumento de Deus (1.12-2.1)
   1.4. A Resposta de Deus (2.2-5)
2. O CASTIGO VIRÁ SOBRE O OPRESSOR (2.6-20)
   2.1. Está Decretado o Castigo Para o Saqueador (2.6-8)
   2.2. Está Decretado o Castigo Para o Conspirador (2.9-11)
   2.3. Está Decretado o Castigo Para o Promotor da Violência (2.12-14)
   2.4. Está Decretado o Castigo Para o Zombador (2.15-17)
   2.5. Está Decretado o Castigo Para o Idólatra (2.18-20)
3. UM SALMO DE ESPERANÇA EM DEUS (3)
   3.1. Identificação do Salmo (3.1)
   3.2. Um Pedido Introdutório (3.2)
   3.3. Uma Descrição do Poder de Deus (3.3-15)
   3.4. A Resposta de Fé do Profeta (3.16-19)

9.5. Destaques que Ajudam na Interpretação do Livro de Habacuque

1) As mensagens do livro chegaram ao profeta em forma de visão. O profeta (*nābî'* – נָבִיא) viu (*hāzâ* – חָזָה) o que estava para acontecer (1.1).

2) Os caldeus, citados literalmente em 1.6, são os babilônios. Algumas versões, como é o caso da AS21 já trazem o termo hebraico *kāśeddîm* (כַּשְׂדִּים) traduzido para babilônios.

3) Em 1.10 está descrita uma das táticas dos babilônios ao invadirem uma cidade fortificada. Eles amontoavam terra ao lado externo dos muros de tal maneira que formavam rampas de acesso à cidade, por cima deles. O texto diz: "Debocham dos reis e zombam dos príncipes; riem de todas as fortalezas, pois as tomam fazendo rampas de terra".

4) Rede, como aparece em 1.15, é um símbolo de juízo no Antigo e no Novo Testamento (Ec 7.26, Ez 32.3, Mt 13.47-50), e mesmo fora dos Escritos Sagrados, no antigo Oriente Médio, onde foram encontradas figuras de prisioneiros vencidos envoltos em redes.[Nota 106]

5) No primeiro capítulo o profeta havia questionado o fato de Deus castigar um povo lançando mão de outro pior para isto, agora ele aguarda a resposta de Deus sobre este assunto. Colocar-se na "torre de vigia" é uma figura de linguagem para se dizer: "Ficarei alerta", isto aguardando a resposta (2.1).

6) A ordem divina para que a visão seja escrita em tábuas de tal maneira que aquele que passa correndo a possa ler, aponta para a clareza da mensagem. A mensagem era para todos e, assim, deveria ser escrita de tal maneira que qualquer um a entendesse (2.2).

7) Quando Habacuque em 2.4 contrasta o soberbo (arrogante, ímpio) e o justo está apontando para a Babilônia (soberbo) e Judá (justa). Neste contexto, a expressão "o justo viverá pela fé", refere-se à sobrevivência na ocasião do cerco de Judá e não à vida eterna, nos moldes do Novo Testamento. O texto diz assim: "Vede o arrogante! A sua alma não é correta; mas o justo viverá por sua fé".

8) A palavra vinho em 2.5 (*yayin* – יַיִן), foi traduzida na Nova Tradução na Linguagem de Hoje pelo termo "riqueza". Esta é uma possibilidade se a palavra for entendida como figura de linguagem.

9) A interjeição ai! (*hôi* – הוֹי) que aparece em 2.6,9,12,15 e 19 é utilizada 50 vezes no Antigo Testamento, apenas uma vez fora dos livros proféticos. Em quarenta de suas ocorrências envolve ameaças de castigo físico e advertências negativas da parte de Deus.[Nota 107] Assim, pode estar sendo utilizada como uma fórmula de maldição como entenderam os tradutores da Bíblia de Jerusalém que utilizaram para esta passagem o seguinte título: "As cinco imprecações".

10) O texto de 2.14, onde está escrito que "a terra se encherá do conhecimento da glória do SENHOR, como as águas cobrem o mar", é uma citação parcial de Isaías 11.9 e aponta para a certeza do triunfo do bem.

11) O capítulo três completo é um salmo. Contém, inclusive, orientações musicais como o termo "*shigyōnôt"* (שִׁגְיֹנוֹת) (3.1), que pode estar indicando um salmo de lamento, o termo *selâ* (סֶלָה) em 3.3,9,13, que só aparece em salmos, e a menção de que deveria ser orientado por um mestre de música, acompanhado por instrumento de corda (3.19b).

12) A informação de que "Deus vem de Temã" que está em paralelo com "e do monte Parã vem o Santo" (3.3), aponta para o livramento histórico de Deus na época dos juízes (Jz 5.4). Temã e Parã fizeram parte do território de Edom. Deus veio daquela região em socorro de seu povo na época da juíza Débora.

13) Habacuque sabia que Deus poderia fazer os seus pés como os da corça (v. 19b), ou, melhor ainda, seguindo uma tradução mais literal, Deus poderia fazer os seus pés como corças. A palavra corça está no plural e precedida de uma preposição que pode ser traduzida pelo comparativo "como" (*kā'ayyālôt* – כָּאַיָּלוֹת). Corça, também conhecida como cerva, é a fêmea do corço, espécie de veado de pequeno porte, muito ágil. Em outras palavras Habacuque estava dizendo que Deus lhe daria agilidade, como a destes animais, capacitando-o para fugir para lugares seguros, montanhosos.

Nota 100 - David W. Baker. Habacuque. Em: David W. Baker; T. Desmond Alexander & Richard J. Sturz. Obadias, Jonas, Miqueias, Naum, Habacuque e Sofonias: introdução e comentário. São Paulo: Edições Vida Nova, 2001, p.323. [Voltar]

Nota 101 - BÍBLIA, Português, Bíblia sagrada, Centro Bíblico Católica de São Paulo, São Paulo: Editora Ave Maria, 1959. [Voltar]

Nota 102 - DILLARD, Raymond B. e LONGMAN III, Tremper. Introdução ao Antigo Testamento. São Paulo: Edições Vida Nova, 2006, p.392. [Voltar]

Nota 103 - LASOR, William S. e HUBBARD, David A. e BUSH, Frederic W. Introdução ao Antigo Testamento. São Paulo: Edições Vida Nova, 1999, p.349. [Voltar]

Nota 104 - DILLARD, Raymond B. e LONGMAN III, Tremper. Introdução ao Antigo Testamento. São Paulo: Edições Vida Nova, 2006, p.393. [Voltar]

Nota 105 - SELLIN, Ernst e FOHRER, Georg. Introdução ao Antigo Testamento. São Paulo: Edições Paulinas, 1977, p.684. v.II. [Voltar]

Nota 106 - BAKER, David W. Habacuque. Em: David W. Baker; T. Desmond Alexander & Richard J. Sturz. Obadias, Jonas, Miqueias, Naum, Habacuque e Sofonias: introdução e comentário. São Paulo: Edições Vida Nova, 2001, p.337. [Voltar]

Nota 107 - WEBER, Carl Philip. y/h (hôy). Em: R. Laird Harris; Gleason L. Archer, Jr. e Bruce K. Waltke. Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento. São Paulo: Edições Vida Nova, 1998, p.349. [Voltar]

10.

O LIVRO DE SOFONIAS

O livro de Sofonias é quase desconhecido das igrejas de hoje. Como é composto por poucos versículos, apenas 53, e pode ser apresentado em até duas ou três páginas em algumas versões, perde-se na vastidão do Antigo Testamento.

Contudo, apresenta uma mensagem forte e muito atual que deve ser relembrada pelo povo de Deus. Assim, antes de ler as notas que seguem neste livro de apoio ao texto bíblico, o primeiro passo é uma leitura atenta do próprio Livro de Sofonias, buscando descobrir os assuntos predominantes.

10.1. O Profeta

Mesmo aparecendo no título deste livro os nomes de quatro dos antepassados do profeta Sofonias sua identificação continua difícil. Este é um dos profetas mais desconhecidos de Judá. O nome do profeta, *Tsepanyâ* (צְפַנְיָה), significa "Yavé ocultou/escondeu/protegeu". Ele não aparece em nenhum outro lugar da Bíblia, a não ser no primeiro versículo de seu próprio livro e, talvez, esteja indicando "o favor divino sobre uma criança nascida durante o sangrento e perigoso reinado de Manassés (686-642 a.C.; cf 2Rs 21.16; 24.3-4)".[Nota 108]

O nome de Ezequias na lista de antepassados de Sofonias levou alguns a pensarem que ele era membro da família real.

Mas, ainda que isto seja possível, não se pode afirmar que este Ezequias, mencionado em Sofonias 1.1, era mesmo aquele que foi rei em Judá. Pois se este fosse o rei, provavelmente, junto com o seu nome apareceria também o seu título real.

Na opinião de Ernst Sellin esta forma de apresentação, com a lista de antepassados, foi uma tentativa de evitar um mal entendido, para não dar a impressão que o profeta era filho de um etíope (*Cûshî* – כּוּשִׁי) e não de um judeu.[Nota 109]

Ernst Sellin só não explica a razão de quatro gerações terem sido citadas. Será que três ou duas não seriam suficientes para este propósito de mostrar que o profeta era judeu?

Por outro lado, será que a lista de seus antepassados não se estendeu até Ezequias exatamente para demonstrar a ligação do profeta com a realeza? Nenhuma resposta segura pode ser dada. A verdade é que se esta lista de antepassados foi colocada no livro com a intenção de não causar problemas quanto à origem do pai do profeta não atingiu o seu objetivo a longo prazo. Tanto é assim que Aage Bentzen, por exemplo, viu a possibilidade de *Cûshî* (כּוּשִׁי), ou seja, "etíope ou negro", pertencer a uma família de escravos, a qual, segundo ele, provavelmente servia ao pessoal do templo.[Nota 110]

Está claro que isto não passa de uma sugestão, não há nenhuma evidência concreta indicando que o pai do profeta era escravo. Porém, esta observação serve para nos alertar quanto ao perigo de se tomar decisões em relação a fatos tão obscuros. Ao mesmo tempo em que alguns têm tratado o profeta Sofonias como membro de uma família real, outros o consideram membro de uma família de escravos.

10.2. A Situação Histórica e a Data de Sofonias

Sofonias profetizou nos dias do rei Josias (1.1), que reinou de 639-609 a.C. Isto não significa que seu ministério profético tenha sido tão longo quanto o período de atuação deste rei, mas sim que ele está inserido dentro deste contexto. Sua pregação deve ter ocorrido antes da reforma religiosa efetuada por Josias em 621 a.C., pois no livro existe uma alusão ao culto estrangeiro a Baal e a outros ídolos, que foram, aparentemente, exterminados por este rei.[Nota 111] Desta forma a data mais provável para a pregação de Sofonias fica dentro do período de 639-621 a.C.

Mudanças significativas estavam acontecendo naquela época. Entre elas, as mais importantes, a queda do império assírio e a ascensão no cenário mundial do poderio babilônico, que viria influir diretamente na vida dos moradores de Judá.

10.3. Características Gerais do Livro de Sofonias

Neste ponto serão destacados dois itens: 1) O tema do livro; 2) A questão de sua unidade literária.

10.3.1. O tema central do Livro de Sofonias

Não há muita dificuldade para se perceber qual é o tema geral desta composição. A repetição de termos acompanhados da palavra dia e semelhantes, que se espalham por todas as partes da composição, apontam claramente para "o anúncio do dia de Yavé".

10.3.2. A unidade do Livro de Sofonias

A unidade temática do livro é clara, em especial seu tema central aponta para isto, mas o texto é composto por unidades literárias menores que são completas em si mesmas.

Um exemplo disto é o salmo de júbilo que se encontra em 3.14-17. David W. Baker defende que sua estrutura é a do paralelismo concêntrico, onde o primeiro elemento tem relação com o último, o segundo com o penúltimo e assim por diante, até chegar aos temas mais importantes que se encontram no centro da estrutura. Ele apresenta o salmo como tendo sido escrito nesta estrutura:

A O cântico de Sião (3.14a)
B As exultações de Israel (3.14b)
C O Júblio de Jerusalém (3.14c)
D O livramento de Yavé (3.15a, b)
E A presença de Yavé, o rei (3.15c)
F Fim do temor (3.15d)
G A futura mensagem a Jerusalém (3.16a)
F' Fim do temor (3.16b, c)
E' A presença de Yavé, o Deus (3.17a)
D' O poderoso libertador (3.17b)
C' O júbilo de Deus (3.17c)
B' O silêncio de Yavé (3.17d)
A' O cântico de Yavé (3.17e)[Nota 112]

David W. Baker também chama a atenção para o paralelismo sintético que é utilizado nos dois últimos versículos da composição (3.19-20) que pode ser diagramado desta forma:
A Naquele tempo – arrebanhamento

B Louvor e honra

C Em toda a terra

A1 Naquele tempo – arrebanhamento

B1 Louvor e honra

C1 Entre todos os povos[Nota 113]

Seguindo-se a versão Revista e Atualizada, levando-se em conta a proposta de David W. Baker, o texto ficaria dividido, mais ou menos assim:
A – Eis que, Naquele tempo, procederei contra todos os que te afligem; salvarei os que coxeiam, e recolherei os que foram expulsos,
B – e farei deles um louvor e um nome
C – em toda a terra em que sofrerem ignomínia.
A1 Naquele tempo, eu vos farei voltar e vos recolherei;
B1 certamente, farei de vós um nome e um louvor
C1 entre todos os povos da terra, quando eu vos mudar a sorte diante dos vossos olhos, diz o SENHOR.

A unidade do livro tem sido defendida, também, pela utilização de um *inclusio* na obra. Ou seja, da repetição de palavras-chave, ou temas, no início e no fim da obra literária.

No caso de Sofonias isto acontece com a utilização do nome de Yavé na primeira e na última frase onde é informado que a mensagem que será falada é de Yavé (1.1 – Palavra de Yavé) e que a mensagem que foi falada, foi falada por Yavé (3.20– Diz Yavé).[Nota 114]

10.3.3. Ensinos do Livro de Sofonias a respeito do Dia de Yavé

Vários são os ensinos a respeito do Dia de Yavé que se encontram neste livro. A lista de ensinamentos, a seguir, bem demonstra isto. Perceba que, na opinião do profeta, o Dia de Yavé:

a) Será época de grande destruição (1.2-6 e 2.4-15);

b) Está perto (1.7 e 14);

c) Trará uma época de terror (1.14b e 17);

d) Virá para julgamento do pecado (1.17);

e) Será uma demonstração da ira do Senhor (2.2);

f) Virá tanto para Judá quanto para outras nações (2.4-15);

g) Permitirá que um resto sobreviva (2.3 e 3.11-13);

h) Mudará a sorte, para melhor, do restante fiel (2.7 e 3.16-20).

10.4. O Esboço do Livro de Sofonias

Pelo esboço que segue dá para perceber que o tema do livro se destaca em todas as suas partes. Nas três divisões principais se destaca o "Dia de Yavé".

1. O DIA DE YAVÉ VIRÁ SOBRE JUDÁ (1.1-2.3)
   1.1. Anúncio de Castigo Contra Judá (1.1-6)
   1.2. Descrição do Dia de Yavé (1.7-18)
   1.3. Convite ao Arrependimento (2.1-3)
2. O DIA DE YAVÉ VIRÁ SOBRE OUTRAS NAÇÕES (2.4-15)
   2.1. Anúncio de Castigo Contra Filistia (2.4-7) 2.2. Anúncio de Castigo Contra Moabe e Amom (2.8-11)
   2.3. Anúncio de Castigo Contra Etiópia e Assíria (2.12-15)
3. O DIA DE YAVÉ É CORRETIVO (3.1-20)
   3.1. Jerusalém Não Aproveitou a Oportunidade de Arrependimento (3.1-7)
   3.2. O Castigo Virá Sobre Todos (3.8)
   3.3. O Castigo Purificará os Povos (3.9)
   3.4. Após o Castigo Yavé Fará Jerusalém se Voltar Para Ele (3.10-20)

10.5. Destaques que Ajudam na Interpretação do Livro de Sofonias

1) Jurar pelo Senhor e ao mesmo tempo por outra divindade, como aparece em 1.5, era o mesmo que reconhecer esta divindade como sendo igual ao Deus verdadeiro. Isto era proibido pela Lei e se constituía em grande ofensa a Deus (Ex 20.3; Dt 5.7; Js 23.7).

2) Mais dois destaques devem ser feitos em 1.5. O primeiro deles é que o povo de Judá estava adorando divindades astrais (exército do céu), deuses que eram adorados pelos cananeus e também pelos assírios. E o segundo é que a última palavra do versículo, dependendo de como seja vocalizada no hebraico, pode significar "Milcom", que seria o mesmo deus "Moloque", ao qual eram oferecidas crianças em sacrifício, ou "o rei deles", indicando que este era o avalista do juramento do povo.

3) A expressão "vestiduras estrangeiras" (1.8) pode estar indicando roupas especiais utilizadas em algum tipo de culto pagão ou a influência estrangeira que também levava à adoração de deuses estrangeiros. O texto diz: "No dia do sacrifício do SENHOR, castigarei os oficiais, os filhos do rei e todos os que se vestem com trajes estrangeiros".

4) Não é possível de se ter certeza a respeito do significado da expressão "saltar sobre a soleira" (*haddôlēg ʿal hammipttān* – הַדּוֹלֵג עַל־ הַמִּפְתָּן – 1.9), mas parece que é referência a uma prática pagã. Alguns têm apontado esta prática como algo que fazia parte do culto filisteu ao deus Dagon. Não há certeza. [Nota 115] O texto diz assim: "Castigarei também naquele dia todos os que pulam a soleira dos ídolos, que enchem de violência e engano a casa do seu senhor".

5) Aqueles que pesam prata, como é traduzida a forma hebraica *netîlê kāsep* (נְטֵלֵי כָסֶף), por exemplo, na ARA (1.11), devem ser comerciantes de todo gênero.

6) A informação de que havia em Judá pessoas pensando que "Deus não faz bem nem mal" (1.12),

demonstra o ambiente de incredulidade da época. Muitos viviam como se Deus não existisse. A figura de linguagem "esquadrinhar Jerusalém com lanternas", no mesmo versículo, aponta para uma busca minuciosa destes pecadores. Eles não teriam como escapar.

7) A expressão "tão certo como eu vivo", utilizada por Deus em 2.9, significa que ele está jurando por si mesmo.

8) Para aqueles que estudam o hebraico bíblico talvez seja interessante saber que em 3.8 são encontradas todas as letras do Alfabeto Hebraico, inclusive com as vogais e letras finais.

9) Fazer um nome (*shêm* – שֵׁם), como aparece em 3.19 e 20, é o mesmo que engrandecer, dar motivos de orgulho, fazer famoso. Este sentido já é encontrado em Gn 11.4 quando o povo de Babel procurava por meio de uma construção fenomenal fazer para si mesmo um nome, ou tornar célebre seu nome.

Nota 108 - BAKER, David Weston. Sofonias. Em: David W. Baker, T. Desmond Alexander e Richard J. Sturz. Obadias, Jonas, Miqueias, Naum, Habacuque e Sofonias: introdução e comentário. São Paulo: Edições Vida Nova, 2001, 368. [Voltar]

Nota 109 - SELLIN, Ernst e FOHRER, Georg. Introdução ao Antigo Testamento. São Paulo: Edições Paulinas, 1977, p.689. [Voltar]

Nota 110 - BENTZEN, Aage. Introdução ao Antigo Testamento. São Paulo: ASTE, 1968, p.173. v.2. [Voltar]

Nota 111 - BENTZEN, Aage. Introdução ao Antigo Testamento. São Paulo: ASTE, 1968, p.173. v.2. [Voltar]

Nota 112 - BAKER, David W. Sofonias. Em: David W. Baker; T. Desmond Alexander & Richard J. Sturz. Obadias, Jonas, Miqueias, Naum, Habacuque e Sofonias: introdução e comentário. São Paulo: Edições Vida Nova, 2001, p.372. [Voltar]

Nota 113 - BAKER, David W. Sofonias. Em: David W. Baker; T. Desmond Alexander & Richard J. Sturz. Obadias, Jonas, Miqueias, Naum, Habacuque e Sofonias: introdução e comentário. São Paulo: Edições Vida Nova, 2001, p.373. [Voltar]

Nota 114 - BAKER, David W. Sofonias. Em: David W. Baker; T. Desmond Alexander & Richard J. Sturz. Obadias, Jonas, Miqueias, Naum, Habacuque e Sofonias: introdução e comentário. São Paulo: Edições Vida Nova, 2001, p.373. [Voltar]

Nota 115 - BAKER, David W. Baker. Sofonias. Em: David W. Baker; T. Desmond Alexander & Richard J. Sturz. Obadias, Jonas, Miqueias, Naum, Habacuque e Sofonias: introdução e comentário. São Paulo: Edições Vida Nova, 2001, p.382. [Voltar]

11.

O LIVRO DE AGEU

O Livro de Ageu, apesar de sua brevidade, é uma jóia preciosa. Ele registra o poder transformador de Deus por meio da palavra pregada. Sua leitura não é complicada e com as orientações aqui fornecidas ficará ainda mais simples. Primeiramente leia o texto bíblico para familiarizar-se com a mensagem, em seguida, com o texto bíblico aberto para consulta, leia as notas que seguem.

11.1. O Profeta

Pouco se sabe atualmente a respeito da pessoa de Ageu.

Alguns defendem que ele era um homem de idade avançada (2.3) quando recebeu o chamado de Deus para incentivar o seu povo a reconstruir o templo; e que possivelmente tenha vivido na Babilônia e ido com outros cativos para Jerusalém. Alguns pensam que ele pode ter vivido em Jerusalém antes mesmo de 586 a.C.[Nota 116] Isto, porém, é contestado por alguns que dizem não ser possível deduzir, com certo grau de garantia, que Ageu fosse muito idoso, a partir dos textos 2.3 ss, utilizados normalmente para esta alegação[Nota 117]; e outros, ainda, acham provável que ele tenha voltado ainda criança da Babilônia, o que fez com que não houvesse nenhuma menção de seu nome entre os exilados que retornaram[Nota 118]

Na verdade, existe uma tradição judaica que o apresenta como natural da Babilônia e estudante orientado por Ezequiel, o principal profeta do exílio. Quanto ao seu nome não constar da lista dos que voltaram da Babilônia, pode ser explicado pela possibilidade de ter ele chegado a Jerusalém mais tarde, não com o primeiro grupo,[Nota 119] mas com outros desconhecidos que naturalmente devem ter retornado.

A LXX apresenta-o como *'Aggaios* (Aggaio") e a Vulgata como *Aggaeus*, o que resultou nas versões em português o nome "Ageu".[Nota 120] No hebraico, porém, seu nome original é *haggay* (חַגַּי) e deriva de *hag* (חג – festa; festival), e pode significar minha festa ou festivo. Como esta palavra *hag* (חג) está associada a três festas (Pães Asmos, das Semanas e dos Tabernáculos) é possível que Ageu tenha nascido durante uma delas. O fato do nome do pai do profeta não ser mencionado juntamente com o dele nenhuma vez, pode significar que Ageu fosse de um lar humilde, ou que seu pai já caíra no esquecimento, ou, ainda, que o próprio Ageu era bem conhecido, dispensando, assim, este item em sua apresentação.[Nota 121]

O seu nome, se tomado pelo significado de "festivo", pode estar demonstrando a forte convicção religiosa de seus pais,[Nota 122] mas se visto por outro lado como "Minha Festa", pode estar ligado ao objetivo de sua pregação: a restauração do templo, para que as festas religiosas pudessem ser celebradas de uma maneira melhor.[Nota 123] Com certeza não há como saber a real intenção deste nome para o profeta, o qual só aparece, fora de seu próprio livro, na Bíblia, em Esdras 5.1 e 6.14, sempre associado ao nome de outro profeta de seu tempo, Zacarias filho de Ido.

A Septuaginta também o associa com Zacarias como sendo o autor dos salmos 137, 145-148.[Nota 124] Além disto, outras versões lhe atribuem mais alguns. Isto pode estar refletindo o interesse do profeta pelo culto no templo.[Nota 125] O título do Salmo 137 na LXX é o seguinte: "Salmo para Davi, de Ageu e Zacarias" (*psalmos tō Dauid Angaiu kai Zachariu* – yalmo;"tw|Dauid,Aggaiou kai; Zacariou). Já no conjunto de Salmos 145-148 aparece como "Aleluia! De Ageu e Zacarias"(*Allēluia! Angaiu kai Zachariu* – Allhlouia· Aggaiou kai; Zacariou).

Como é possível de verificar nos textos de 1.1; 1.3; 2.1 e 2.10, Ageu era simplesmente conhecido pelo título de "o profeta" (*hannābî'* – הַנָּבִיא) o que demonstra que haviam poucos profetas em sua época, e que ele era bem conhecido na pequena sociedade judaica do período imediatamente pós-exílico.

Alguns comentaristas sugerem que ele era um camponês.

O conteúdo do livro, porém, mostra que Ageu tinha um bom embasamento teológico e conhecimento de assuntos ligados à classe sacerdotal, como se verifica claramente em 2.12-14. Além disso, ele possuía uma boa noção da teologia do templo (2.1-9) e uma forte ligação com a religião institucionalizada. Fatos estes que podem estar apontando para uma possível origem sacerdotal.[Nota 126]

Até o momento ainda são poucas as informações a respeito deste personagem tão importante. Quanto à sua vida ou descendência existem algumas hipóteses, porém nada confirmado. Kunstmann chega a afirmar que nada se sabe da vida ou descendência de Ageu.[Nota 127] Ainda que seja assim, isto não diminui em nada o valor daquele que foi o primeiro profeta, registrado na Bíblia, a ministrar ao povo de Judá após o cativeiro babilônico.

11.2. Data e Autoria do Livro de Ageu

O próprio texto do Livro de Ageu apresenta informações precisas a respeito das datas dos acontecimentos. Eles tiveram lugar durante um curto período, apenas quinze semanas, no segundo ano do rei Dario I, ou seja, em 520 a.C.[Nota 128]

A primeira mensagem foi pregada no dia primeiro de *elul* (agosto-setembro), a segunda no dia 21 de *tisri* (setembro-outubro, a terceira e a quarta no dia 24 de *quislau* (dezembro-janeiro).[Nota 129] Mas, apesar do texto apresentar de forma tão clara estas datas dos acontecimentos, nada informa a respeito da data da escrita. Isto, de certa forma, depende da questão de autoria, e o livro apresenta-se como anônimo.

Talvez o próprio profeta Ageu o tenha escrito. Mas, como nele é utilizada a forma da terceira pessoa, o que difere de Zacarias 1-8, que está na primeira pessoa e, geralmente, é aceito como da mesma época de Ageu, é possível que o livro tenha sido escrito por um discípulo ou, até mesmo, em conjunto, por um círculo de discípulos do profeta. Isto em um período um pouco posterior aos acontecimentos.[Nota 130]

Verhoef aponta, com razão, como argumento contra a autoria do livro pelo próprio Ageu, além do uso da terceira pessoa, o que não seria algo normal, a utilização do título "o profeta" (*hannābî'* – הַנָּבִיא) ao lado de seu nome.[Nota 131] Realmente, soaria um pouco estranho o profeta se dirigir a si mesmo, em um texto escrito, utilizando um título.

A data exata da escrita até pode ser questionada, mas quanto à época geral em que as mensagens

foram redigidas não é questão de disputa nem mesmo entre liberais e conservadores.[Nota 132] Mesmo que seja Ageu o autor, ou algum discípulo ou conhecido seu, isto não influi de forma decisiva na data da escrita, pois ela não deve ser, na pior das hipóteses, muito depois da proclamação das mensagens, senão perderia o seu valor promocional em relação à construção do templo.

11.3. Características Gerais do Livro de Ageu

Para um melhor entendimento do Livro de Ageu serão tratadas nesta parte as seguintes questões: 1) Natureza literária, o item mais polêmico deste ponto; 2) O texto; e 3) A mensagem. O tratamento será breve, mas procurará abordar os pontos de maior interesse e que poderão ajudar na hora da interpretação do livro.

11.3.1. A natureza literária do Livro de Ageu

A natureza literária do livro é de difícil definição. Herbert Wolf acha que as mensagens não possuem ornatos literários e podem fazer parte de uma série de livros de procedência não poética. Suas características de estilo podem colocá-lo na classificação de "prosa nobre".[Nota 133]

Ernst Sellin defende, contra a opinião de Herbert Wolf, que os oráculos não foram formados em prosa, mas transmitidos na forma poética do verso breve. Contudo, para ele, uma questão, obrigatoriamente, continua em aberto: não é possível dizer se Ageu pregou nesta modalidade suas mensagens ou colocou-as mais tarde na forma atual, pelo fato de ser ela a forma do metro narrativo. [Nota 134]

Para Joyce G. Baldwin, não há certeza, devido à falta de rima, mas as mensagens de Ageu podem ter sido colocadas em forma poética. Isto facilitaria a transmissão e a memori-zação. Segundo ela, alguns detalhes da poesia hebraica ainda podem ser identificados no livro. Por exemplo: pode ser percebido um ritmo distinto em 1.9-11 e paralelismos em 1.6,[Nota 135] os quais serão destacados mais adiante.

Na verdade é possível identificar no texto: partes em prosa histórica, algumas partes ritmadas e também a presença do paralelismo poético,[Nota 136] o que não permite uma classificação clara e única quanto à natureza literária.

11.3.2. O texto do Livro de Ageu

O livro na forma atual é resultado de uma compilação e revisão dos oráculos de Ageu. O compilador colocou introduções redacionais; dirige-se a Ageu como "o profeta"(*hannābî'* – הַנָּבִיא), e mostra que a Palavra de Deus foi dirigida ou transmitida por intermédio de Ageu. Literalmente: pela mão de Ageu (*beyad haggay* – בְּיַד חַגַּי).[Nota 137] Apenas na última mensagem não é utilizada a formula "pela mão de Ageu".

As intervenções do redator podem ser percebidas na moldura colocada em 1.1,3, 12-15; 2.1, 10, 20, e na condução do diálogo de Ageu com os sacerdotes em 2.13,14; onde estão registradas as expressões: "e disse Ageu" (*way'omer haggay* – וַיֹּאמֶר חַגַּי) e "e respondeu Ageu" (*way'an haggay* – וַיַּעַן חַגַּי).

O livro, basicamente, é formado por quatro mensagens proferidas pelo profeta Ageu. Cada uma delas começa com a forma literária "veio a palavra de Yavé" (*hāyâ dabar yhwh* – הָיָה דְבַר יהוה). Isto pode

ser verificado em 1.1; 2.1; 2.10 e 2.20.[Nota 138]

A "fórmula do mensageiro" é muito utilizada no livro.

O profeta procura deixar claro a seus ouvintes que ele é um mensageiro de Yavé. Por isso age com cuidado, para que sua própria personalidade não interfira na mensagem.[Nota 139] Ele não se contenta em anunciar apenas na introdução de cada sermão que a mensagem é de Yavé, e repete este anúncio muitas vezes. De fato, chega a utilizar a formula do mensageiro "assim diz Yavé" (*koh 'āmar yhwh* – כֹּה אמַר יהוה) e a frase "oráculo de Yavé", ou "declaração de Yavé" (*ne'um yhwh* –

hw;hy] µaun]), treze vezes nestes poucos versículos.

O título para Deus, "Yavé dos Exércitos" (*yhwh tsebā'ôt* – נְאֻם יְהוָה), é usado quatorze vezes no texto. Perguntas retóricas são utilizadas sete vezes, e o imperativo "considerai", literalmente "colocai os vossos corações" (*sîmû lebabkem* – שִׂימוּ לְבַבְכֶם), aparece cinco vezes.

Ao que parece, o livro não é uma coleção de sermões completos do profeta Ageu. Ele é uma coleção de partes indispensáveis de quatro de suas mensagens dirigidas ao povo de Judá,[Nota 140]as quais foram compiladas em ordem cronológica, dentro de uma moldura literária, por um redator, na forma em que hoje se encontram.

11.3.3. A mensagem do Livro de Ageu

Ageu é "um homem de uma só mensagem".[Nota 141] Ainda que no texto seja possível distinguir quatro mensagens específicas, o propósito delas é o mesmo: levar o povo a reconstruir o templo de Yavé.[Nota 142]

Para alcançar este objetivo, Ageu mostra que o fracasso nos vários setores da vida da comunidade era devido à negligência que estava ocorrendo em relação à Casa de Deus.[Nota 143]

Se Deus fosse colocado em primeiro lugar, e isto, naquela ocasião, dependia da atenção dada ao seu templo, o fracasso se tornaria em prosperidade.[Nota 144] Esta mensagem não era nova, afinal, Deus sempre exigiu o primeiro lugar na vida de seu povo e, aqui, faz questão de mostrar isto por meio destas breves mensagens.[Nota 145]

11.4. O Esboço do Livro de Ageu

O esboço do livro é muito simples. Tirando-se os versículos sete e oito do primeiro capítulo que ficariam melhor se colocados depois do versículo onze, como uma conclusão para a primeira mensagem, a sequência geral é bastante lógica e natural. Uma possibilidade de esboço, sem muitos detalhes é a seguinte:

1. A CAUSA DO FRACASSO E A EXORTAÇÃO AO ARREPENDIMENTO (1.1-11)
2. A RESPOSTA POSITIVA DO POVO RECONSTRUINDO O TEMPLO (1.12-15)
3. ÂNIMO PARA OS CONSTRUTORES (2.1-9)
4. COM A CONVERSÃO VIRÃO AS BÊNÇÃOS (2.10-19)
5. A PROMESSA FEITA A ZOROBABEL (2.20-23)

11.5. Destaques que Ajudam na Interpretação do Livro de Ageu

1) A palavra por meio de Ageu é enviada primeiramente aos líderes de Judá, ao governador Zorobabel e ao sumo sacerdote Josué (1.1). Como nesta época não havia rei em Judá, eles eram as autoridades máximas.

2) O título governador (*pehâ* – פֶּחָה) é um termo emprestado do acadiano e bem mostra a limitação política que enfrentavam. Ainda que o governador Zorobabel fosse de linhagem real, da família de Davi, na verdade, naquela ocasião não passava de um funcionário do governo persa.

3) Uma leitura do Livro de Esdras capítulos 1-6 pode ser útil para mostrar o que levou à desistência da reconstrução do Templo por tantos anos.

4) É difícil de afirmar o que realmente descreve a palavra "revestidas" (*sepûnîm* – סְפוּנִים) no texto de Ageu 1.4. Ela deriva de uma raiz que possuí pelo menos estes três significados básicos todos aplicáveis a uma residência: cobrir, revestir e forrar.[Nota 146] Contudo, não há como saber qual era, exatamente, o caso nesta ocasião. Seja como for, o importante é perceber que esta atitude estava desagradando a Yavé. O povo de Judá estava pensando mais em si mesmo do que em Deus. Eles se preocupavam, correta ou incorretamente, com o próprio bem estar, enquanto negligenciavam o Templo de Deus.

5) A advertência: "Prestem atenção ao que tem acontecido" (1.5) é uma tradução dinâmica da expressão que poderia ser traduzida literalmente como "coloquem o coração diante dos caminhos de vocês" (*sîmû lebabekem 'al darkîkem* –שִׂימוּ לְבַבְכֶם עַל דַּרְכֵיכֶם). Colocar o coração é utilizado, inclusive no hebraico moderno, para expressar a ordem "preste atenção!". Na versão Revista e Atualizada de Ferreira de Almeida ela foi traduzida como "considerai o vosso passado" e na Nova Tradução na Linguagem de Hoje (NTLH) por "pensem bem no que tem acontecido com vocês". Elas descrevem bem o que é que Yavé está pedindo. Colocar o coração nos caminhos é analisar o trajeto que já foi feito, é olhar para trás e avaliar, cuidadosamente, o que tem acontecido e, então, tirar alguma conclusão. Yavé está chamando o povo de Judá a fazer uma avaliação do que tem acontecido com eles.

6) Para que fique mais clara a forma poética utilizada em 1.6, a seguir serão destacados os paralelismos, em uma tradução livre, separados por duas colunas e unidos pela conjunção adversativa "mas". Como pode ser observado, a primeira parte de cada frase, de uma ou outra maneira, combina com a segunda em seu sentido contrário do esperado, fazendo a chamada "rima de pensamentos" ou "rima de ideias", neste caso, contrárias. Esta rima de pensamentos é uma característica básica da poesia hebraica. Veja no quadro abaixo como o paralelismo de ideias está presente neste versículo:

Têm semeado muito	mas	têm colhido pouco
Têm comido	mas	continuam com fome
Têm bebido	mas	não se embriagam
Têm vestido roupas	mas	não se aquecem
Têm recebido salário	mas	não têm dinheiro

Em todas as partes do versículo a ênfase é uma só: O resultado de suas ações nunca era aquilo que

esperavam. Em outras palavras, para eles, ainda que se esforçassem para obter resultados positivos, e até mesmo normais em relação ao que estavam fazendo, tudo estava dando errado.

7) Fica claro na primeira parte do livro, Ageu 1.1-11, o motivo pelo qual eles estavam passando dificuldades. Deus não estava em primeiro lugar na vida deles. Assim, Deus mesmo estava contra eles. Olhando por este lado logo se percebe que a penúria econômica pela qual passavam não era a causa pela qual a casa de Deus estava abandonada, mas o resultado que eles colhiam, exatamente por terem abandonado a casa de Deus.

8) Ageu foi um dos poucos profetas, registrados na Bíblia, que tiveram o privilégio de ver, imediatamente, o povo obedecendo à sua mensagem.[Nota 147] Os versículos de 1.12-15 mostram como foi. O texto mostra que não apenas os líderes deram ouvidos, ou seja, atenderam à voz de Deus, mas todo o povo juntamente com eles. Zorobabel, o governador, e Josué, o sumo sacerdote, são citados nominalmente por serem os líderes e representantes do povo diante de Deus. Os demais, o povo, como geralmente acontece, estavam prontos para segui-los em suas decisões. O que chama a atenção para a grande responsabilidade dos líderes em todos os tempos. Eles têm sido a voz e a consciência do povo. Suas atitudes carregam consequências que vão muito além de suas próprias pessoas.

9) A expressão "deram ouvidos à voz de Yavé", do hebraico *shāma'* (שָׁמַע), aparece muitas vezes na Bíblia com seu sentido básico que é: ouvir. Porém, aqui, como em outros vários lugares das Escrituras, o significado melhor é "dar ouvidos a", ou seja, atender a uma solicitação. Um exemplo deste uso está em Gênesis 3.17, quando Adão atendeu à voz de Eva ou, melhor dizendo, seguiu a orientação de Eva, sua esposa.[Nota 148] Neste texto em questão, Ageu 1.12, da mesma forma, os líderes e o povo não apenas ouviram o som de uma mensagem que vinha da parte de Deus. Eles ouviram, entenderam e seguiram a orientação, certamente aquela que foi dada no versículo 8 deste primeiro capítulo: a de que deviam subir ao monte, trazer madeira e reiniciar a obra na casa de Yavé.

10) Uma outra palavra, em 1.12, que merece mais alguma explicação é a que foi traduzida por "temeram" (*yārē'* – יָרֵא). Ela tem, pelo menos, dois significados básicos bastante distintos: temer e reverenciar. Nesta ocasião os dois podem ser aplicados. Eles devem ter temido Yavé, ficado com medo, pois Ele estava castigando-os e eles reconheceram que mereciam. Mas, também, reverenciaram a Yavé, atendendo à sua palavra, assim que perceberam o erro que estavam cometendo.

11) A ajuda de Yavé já se faz sentir em 1.14. Ele é claro em afirmar que foi Yavé o causador do despertamento do "espírito" dos líderes e do povo em geral. A tradução "Yavé fez despertar o espírito de Zorobabel...", mostra bem o sentido do verbo *'ûr* (עוּר), que aqui está sendo utilizado no *hifil*, que é um grau causativo do verbo hebraico. O texto mostra, assim, que o despertamento que ocorreu foi causado pela atuação de Yavé na vida deles.

12) A palavra *rûah* (רוּחַ), normalmente traduzida por espírito, ainda que possua vários outros significados, dependendo dos contextos, na passagem de 1.14 deve ser compreendida como "disposição ou ânimo". O que Yavé fez foi despertar o ânimo, ou renovar a disposição, dos líderes e do povo, para que eles reiniciassem a reparação necessária no templo que estava abandonado. Assim

que tiveram o ânimo reavivado por Yavé, puseram-se a trabalhar para consertar, não só o templo, mas, também, o erro que haviam cometido por tê-lo negligenciado. A versão Almeida Século 21 já traduziu *rûah* (רוּחַ), neste texto, levando em consideração o significado de "ânimo". A tradução ficou assim: "Então o SENHOR deu ânimo ao governador de Judá, Zorobabel, filho de Sealtiel, e ao sumo sacerdote Josué, filho de Jeozadaque, e a todo o restante do povo; e eles foram e começaram a trabalhar no templo do SENHOR dos Exércitos, seu Deus".

13) Este reinício das obras de reparo do templo aconteceu em 21 de setembro de 520 a.C.[Nota 149], vinte e três dias depois de terem recebido a primeira mensagem por intermédio do profeta Ageu (veja a data da primeira mensagem em 1.1). A reação foi surpreendente. Provavelmente, este período de vinte e três dias foi necessário para que encerrassem as atividades normais que vinham executando, era um mês de colheitas[Nota 150] e, ainda, para a preparação do material que seria utilizado na obra. Tão logo se encontraram em condições, partiram em conjunto ao trabalho, enfrentando o desafio que lhes havia sido proposto pela instrumentalidade do profeta.

14) A utilização da expressão "o restante do povo", em 2.2, ainda que não se possa afirmar categoricamente, pode estar dizendo mais do que apenas a totalidade do povo. Seguindo a linha de pensamento do profeta Isaías, o qual profetizou que depois da destruição que abateria a nação um "remanescente", ou "resto", sobreviveria, o que está sendo dito é que estes que agora tinham a oportunidade de reconstruir o templo, é que são "o remanescente",[Nota 151] aqueles que foram poupados, conforme Deus prometera. Eles eram o fruto da graça de Deus.

15) As três perguntas utilizadas em 2.3, mesmo não sendo respondidas, mostram dois pontos reveladores. Em primeiro lugar percebe-se que no meio do povo existiam alguns idosos, que tinham visto o templo em sua primeira forma, antes da destruição efetuada pelo exército da Babilônia. Em segundo lugar, que as perspectivas de embelezamento e imponência para o novo templo estavam muito aquém daquilo que ele havia sido no passado, e isto era desanimador.

16) Ainda que seja normal nos dias atuais distinguir o templo reconstruído na época de Ageu como sendo um segundo templo, e não está incorreto assim tratá-lo, pois são edifícios muito diferentes, é bom notar que o texto em foco não faz esta distinção. A primeira pergunta retórica feita ao povo: "Quem de vocês, do remanescente, que viu esta casa em seu primeiro esplendor?", mostra que não se tratava de um novo templo, mas, sim, uma nova forma dele. O esplendor era outro, no passado era muito superior, mas o templo era o mesmo. A história do templo de Jerusalém, então, ainda que com divisões muito claras, como esta, tem uma sequência ininterrupta, e deve ser respeitada.

17) A palavra aliança, ou pacto, no hebraico *berit* (בְּרִית), não aparece em 2.5, como algumas versões podem dar a entender.[Nota 152] Mas o que há no texto assim pode ser interpretado. Nele aparece a expressão "a palavra que cortei"

(*haddābār 'asher– kārattî* – הַדָּבָר אֲשֶׁר כָּרַתִּי). Ou seja, foi feita uma promessa seguida de juramento, uma aliança.

18) Alguns estudiosos têm interpretado 2.6 e 7, onde se encontra a promessa de fazer tremer os céus, a terra e o mar, de forma literal e, com isto, procuram explicar a razão de ainda não terem ocorrido os distúrbios cósmicos, segundo eles, aqui anunciados. A forma mais simples e cômoda

para resolver este problema é dizer que o profeta está anunciando acontecimentos relacionados com a segunda vinda de Jesus.[Nota 153] Mas, as dificuldades com este ponto de vista são insuperáveis. Por exemplo: como explicar o sentido tão claro do texto que afirma que estas coisas aconteceriam dentro de pouco tempo? Estaria o texto falando da segunda vinda de Cristo quando Ele ainda não tinha vindo nem pela primeira vez? Que valor teria isto para pessoas que estavam enfrentando problemas sérios e desejavam resolvê-los o quanto antes? Parece que o caminho a ser trilhado para uma boa compreensão do texto não é este. Na verdade, se o contexto em que se encontra a passagem for analisado com cuidado e mente aberta, não será difícil de se perceber que o profeta está lançando mão de figuras de linguagem. Ele não está falando em um, digamos, terremoto (abalo da terra), um maremoto (abalo do mar) e, ainda, criando uma nova palavra, um "ceuremoto" (abalo do céu), sem contar o abalo das nações que aparece no versículo seguinte. Ele está, simplesmente, utilizando figuras de linguagem para descrever a intervenção divina que resultará em esplendor para o templo que está sendo reconstruído. Querer mais do que isto é complicar o que está simples. Também é salutar observar que a expressão "abalar o céu e a terra" se repete em 2.21, em uma promessa direta a Zorobabel.

19) A palavra hebraica *hemddâ* (חֶמְדָּה, – coisas desejáveis) aparece no texto em sua forma singular, ainda que acompanhada pelo verbo no plural (2.7). Isto tem levado alguns a interpretarem a passagem como se referindo ao Messias e a traduzirem o vocábulo com o significado de "o Desejado", no lugar de coisas desejáveis. Para manter o substantivo no singular, como estaria correto em uma tradução ultraliteral, seria necessário deixar de traduzir o verbo de forma correta, pois, senão, a tradução ficaria assim: "virão o Desejado". Não tem saída. O mais provável é que neste ponto existe um erro gramatical, ou que a palavra *hemddâ* (חֶמְדָּה,) está sendo utilizada de forma coletiva. O contexto é que pode mostrar o caminho. Ele indica que a passagem não está falando do Messias, mas, sim, das riquezas, coisas desejáveis, das nações. Na atualidade, a maioria das versões tem abandonado esta tradução messiânica que se tornou popular por causa da Vulgata,[Nota 154] a versão oficial da Igreja Católica Romana.

20) Como não tem sido possível verificar, literalmente, um esplendor como o prometido (2.9) no período do chamado "Segundo Templo", alguns têm interpretado que esta promessa, em sua plenitude, apontava para um futuro mais distante. O qual acabou por se cumprir no chamado "Templo de Herodes", muito conhecido pela riqueza que ostentava. Ou, ainda, que esta glória é uma referência à vinda de Jesus para o templo.[Nota 155] Não é possível determinar com exatidão quando e como isto aconteceu, porém, deve-se destacar, neste ponto, a soberania e o poder de Yavé que pode distribuir as riquezas como bem entender.

21) Provavelmente, assim como tantos outros, Ageu era um profeta que estava ligado aos serviços do templo.[Nota 156] Daí a utilização da opinião dos sacerdotes a respeito do puro e impuro (2.13), ritualmente falando, em sua mensagem. Com certeza ele se encontrava pregando no templo,[Nota 157] quando por inspiração divina recebeu a ordem para dirigir algumas pergunta aos sacerdotes que ali estavam. O que ele estava fazendo, ao dirigir perguntas aos sacerdotes a respeito da lei, não era nada estranho. Os sacerdotes tinham mesmo a função de esclarecer o povo a respeito das questões que envolviam a lei de Deus (Ml 2.7)[Nota 158] e a diferenciação entre o que era puro e impuro (Ez

44.23). Só que ele não estava querendo tirar as suas dúvidas, ele é quem tinha algo para ensinar naquele momento. Ele tinha uma mensagem da parte de Yavé, e ela seria explanada a partir das respostas recebidas, as quais, com certeza, Ageu, como profeta que exercia as suas atividades no templo, já conhecia de antemão.

22) A "carne santa" (*besar-qōdesh* – בְּשַׂר קֹדֶשׁ), em 2.12, é uma referência à porção de carne que foi separada como oferta para Deus. Ela não é especial por ela mesma, não possui nenhuma "virtude" própria, é santa porque foi ou será oferecida em ato de culto.

23) A dura declaração de 2.14: "Assim é este povo", tem levado alguns autores a pensarem que Yavé não está se referindo aos judeus, mas sim, a algum outro povo. Uma hipótese apresentada é que Ageu está falando dos samaritanos, os quais haviam causado a interrupção da obra no passado (Ed.4.1-5).[Nota 159] Uma outra tentativa é aplicá-la aos persas que, com sua presença em grande número na cidade e suas interferências, ainda que para o progresso da obra, na opinião do profeta, estavam contaminando tudo.[Nota 160] Tanto uma quanto a outra opinião carece de maior apoio no texto. Se Ageu estivesse falando de um outro povo, que não o judeu, certamente o teria feito de forma clara. Não há base sólida para estas interpretações. Não há nenhum motivo aparente para que alguma nação estrangeira seja incluída aqui de forma tão abrupta e inesperada. O melhor mesmo é seguir o sentido geral do texto, aplicando a frase "Assim é este povo" para os judeus mesmo. Eram eles que estavam na condição de impuros e, da mesma forma, como consequência disto, tudo o que faziam e todas as ofertas que traziam para Deus assim estavam. A contaminação era geral. Aquilo que eles tocavam se tornava impuro, porque eles estavam impuros. Era uma situação sem volta. Não havia nem mesmo como oferecer ofertas para que se purificassem, pois estas, tocadas pelos impuros, também se tornavam impuras. Mas esta situação de calamidade estava prestes a ser modificada. A volta do interesse do povo para com a casa de Yavé estava servindo como uma oferta purificadora. Estava dando ao povo, novamente, a condição de aptos cerimonialmente falando, e isto traria as bênçãos de Deus sobre eles.

24) Ainda que Yavé os havia castigado, e duramente, havia um bom propósito em tudo isto. O texto de 2.17 diz: "Mas ninguém voltou para mim". Ele os castigava na intenção de que o sofrimento os fizesse perceber que estavam desobedecendo, e isto os levasse a voltar para Deus. Não era um castigo com a simples intenção de punir por punir. Yavé está acima disto. Havia um propósito positivo bem claro, a conversão da nação. Como o resultado esperado não foi obtido, é de se pensar que o castigo tornou-se cada vez mais pesado. Quanto mais tempo se leva para tornar a Deus, maiores são as dificuldades enfrentadas.

25) A frase "naquele dia" que dá início ao versículo final do livro, é típica da literatura apocalíptica e aponta para uma ocasião em que o Reino de Deus será estabelecido e as nações lhe renderão culto.[Nota 161] Sendo assim, só há duas maneiras de interpretar a profecia em questão. A primeira é pensar que Ageu tenha entendido que o reino messiânico está prestes para ser inaugurado e que Zorobabel é o messias escolhido. Ainda que existam inúmeras dificuldades para se aceitar esta hipótese, muitos pensam assim, e especulam que o desaparecimento misterioso de Zorobabel da literatura da época, depois desta mensagem de Ageu ter sido pregada, e o templo reconstruído, tenha sido fruto de uma tentativa de rebelião ou coroação do mesmo como rei de Judá. A qual foi, imediatamente, sufocada pelo poder persa. A segunda possibilidade de interpretação mostra que o

Reino de Deus será inaugurado, não se sabe quando, mas que a linhagem de Zorobabel, ou melhor dizendo, a de Davi, de quem Zorobabel descende, voltou a receber a graça de estar debaixo da aliança que Deus havia feito com seu servo no passado. Como o reino messiânico não foi inaugurado na época de Zorobabel, pois é de conhecimento geral que o Messias não surgiu em sua época, a segunda hipótese, ainda que não esteja livre de dificuldades, parece ser muito mais viável. A promessa feita para Zorobabel, de fato, cumpriu-se muito tempo depois em Jesus Cristo, seu descendente segundo a carne. Isto pode parecer estranho, e até um pouco frustrante, para o leitor atual. Afinal, quando uma pessoa, nos dias atuais, recebe uma promessa para si, acredita que esta só pode ser cumprida nela mesma, ainda em sua vida. Mas não o era assim para as pessoas que viviam no ambiente em que surgiu o Antigo Testamento. Para eles, que pensavam em sobreviver em seus descendentes, não havia nenhum problema em saber que as promessas que lhes pertenciam seriam, mesmo, cumpridas em seus filhos, netos ou outros descendentes. Que o texto é de conteúdo messiânico não se pode negar. Os termos "meu servo", "anel de selar" e "escolhi", bem demonstram isto.[Nota 162] O que fica difícil é poder afirmar que Ageu, ou pior ainda, Deus, pois a mensagem era Dele, pensava que Zorobabel seria o Messias. O melhor mesmo é seguir o conteúdo geral das Escrituras e concluir que um de seus descendentes o seria. Assim como Abraão foi contemplado com o cumprimento das promessas que lhe foram feitas, nos descendentes de seus filhos, Zorobabel pode ter sido, também, em algum de seus descendentes; notoriamente em Jesus de Nazaré.

26) É bom observar o significado do termo "anel de selar"(*hôtām* – חוֹתָם). O anel de selar era um instrumento utilizado pelos reis como o seu selo oficial, sua marca registrada. Era o sinal ocasionado por ele que dava valor aos decretos sancionados. O Livro de Ester possui bons exemplos do valor e da utilização de um anel de selar. Quando em certa ocasião Hamã apresentou um projeto de extermínio dos judeus para o rei Assuero, este "tirou o seu anel da mão, deu-o a Hamã, filho de Hamedata, agagita, adversário dos judeus, e lhe disse: Essa prata seja tua, como também esse povo, para fazeres dele o que melhor for do teu agrado" (Et 3.10-11). Em outras palavras, o rei estava dando ao possuidor do anel toda a sua real autoridade para agir. Ele não perdeu tempo e, logo em seguida é possível ler que Hamã escreveu cartas em nome do rei Assuero, como se fosse ele, com a autoridade dele, e as selou com o anel (Et 3.12b). Desde o surgimento da monarquia, o rei, em Israel, era considerado um representante de Deus. Ele deveria ser aquele que autenticaria os decretos de Deus para o seu povo. Na teoria, Israel nunca deixou de ser uma teocracia. Contudo, em passado não muito distante, pouco antes do cativeiro babilônico, as atitudes negativas dos reis os levaram a perder esta função tão preciosa. Ficou registrado no Livro de Jeremias, de forma especial, a perda deste privilégio por parte dos descendentes de Davi. Em sua indignação contra o rei Jeconias (o mesmo Joaquim), avô do governador Zorobabel que aparece como figura de destaque neste Livro de Ageu, Yavé promete de forma solene: "Por minha vida, diz o SENHOR, ainda que tu, Joaquim, filho de Jeoaquim, rei de Judá, fosses o anel do selo da minha mão direita, eu te arrancaria" (Jr 22.24).

Ainda que a tradução citada acima possa estar demonstrando que Jeconias, de fato, não era o anel do selo de Yavé, alguns eruditos têm defendido que a tradução poderia ser diferente, demonstrando que o simples fato dele estar investido da autoridade real implicava em autoridade vinda da parte de Deus.[Nota 163] Seja como for, nesta passagem, percebe-se que Yavé está cortando qualquer tipo de relacionamento com Jeconias, na época, o descendente de Davi que liderava seu povo. Em Ageu a

situação é invertida. Zorobabel, outro descendente de Davi, é chamado por Yavé de seu anel de selar. Contudo, não é preciso deduzir disto que Zorobabel, em pessoa, estaria recebendo a autoridade para reinar em nome de Yavé. No momento havia muitas dificuldades políticas para isto. Mas, é possível notar que a aliança que havia sido quebrada pelos descendentes de Davi no decorrer da história, agora estava sendo reatada por iniciativa de Deus. O anel de selar de Yavé, aquele que reinaria soberano, como representante de Deus, haveria de proceder desta família.

Nota 116 - YATES, K. M. Los profetas del Antiguo Testamento. El Paso: Casa Bautista de Publicaciones, 1984, p.284. [Voltar]

Nota 117 - SELLIN, Ernst e FOHRER, Georg. Introdução ao Antigo Testamento. São Paulo: Edições Paulinas, 1977, p.692. [Voltar]

Nota 118 - WRIGHT, J. S. Ageu, Livro de. In: J. D. Douglas. ed. ger. O novo dicionário da Bíblia. São Paulo: Edições Vida Nova, 1983, p.41. [Voltar]

Nota 119 - ELLISEN, S. A. Conheça melhor o Antigo Testamento. Deerfield, Flórida: Editora Vida, 1991, p.329. [Voltar]

Nota 120 - KUNSTMANN, W. Os profetas menores: comentário bíblico. Porto Alegre: Concórdia Editora Ltda, 1983, p.151. [Voltar]

Nota 121 - WOLF, Herbert. Ageu e Malaquias. Miami: Editora Vida, 1986, p.10. [Voltar]

Nota 122 - COELHO FILHO, Isaltino Gomes. Ageu: nosso contemporâneo: um estudo contextualizado do Livro de Ageu. Rio de Janeiro: JUERP 1991, p.13. [Voltar]

Nota 123 - ELLISEN, S. A. Conheça melhor o Antigo Testamento. Deerfield, Flórida: Editora Vida, 1991, p.329. [Voltar]

Nota 124 - YATES, K. M. Los profetas del Antiguo Testamento. El Paso: Casa Bautista de Publicaciones, 1984, p.284. [Voltar]

Nota 125 - WOLF, Herbert. Ageu e Malaquias. Miami: Editora Vida, 1986, p.10. [Voltar]

Nota 126 - COELHO FILHO, Isaltino Gomes. Ageu: nosso contemporâneo: um estudo contextualizado do Livro de Ageu. Rio de Janeiro: JUERP 1991, p.13. [Voltar]

Nota 127 - KUNSTMANN, W. Os profetas menores: comentário bíblico. Porto Alegre: Concórdia Editora Ltda, 1983, p.151. [Voltar]

Nota 128 - BALDWIN, Joyce G. Ageu, Zacarias e Malaquias: introdução e comentário. São Paulo: Edições Vida Nova, 1982, p.23. [Voltar]

Nota 129 - ARCHER Jr., Gleason L. Merece confiança o Antigo Testamento?: panorama de introdução. São Paulo: Edições Vida Nova, 1986, p.370. [Voltar]

Nota 130 - BENTZEN, Aage. Introdução ao Antigo Testamento. São Paulo: ASTE, 1968, p.176. [Voltar]

Nota 131 - VERHOEF, P. A. The books of Haggai and Malachi. Grand Rapids, 1986, p.9-13. [Voltar]

Nota 132 - WOLF, Herbert. Ageu e Malaquias. Miami: Editora Vida, 1986, p.11. [Voltar]

Nota 133 - WOLF, Herbert. Ageu e Malaquias. Miami: Editora Vida, 1986, p.6. [Voltar]

Nota 134 - SELLIN, Ernst e FOHRER, Georg. Introdução ao Antigo Testamento. São Paulo: Edições Paulinas, 1977, p. 696. [Voltar]

Nota 135 - BALDWIN, Joyce G. Ageu, Zacarias e Malaquias: introdução e comentário. São Paulo: Edições Vida Nova, 1982, p.24. [Voltar]

Nota 136 - JAMIESON, R. Comentario exegetico y explicativo de la Biblia: el Antiguo Testamento. El Paso, Texas: Casa Bautista de Publicaciones, 1977, p.940. [Voltar]

Nota 137 - SELLIN, Ernst e FOHRER, Georg. Introdução ao Antigo Testamento. São Paulo: Edições Paulinas, 1977, p.694. [Voltar]

Nota 138 - PAPE, Dionísio. Justiça e esperança para hoje: a mensagem dos profetas menores. São Paulo: ABU Editora S.C., 1983, p.107. [Voltar]

Nota 139 - BALDWIN, Joyce G. Ageu, Zacarias e Malaquias: introdução e comentário. São Paulo: Edições Vida Nova, 1982, p.25. [Voltar]

Nota 140 - BALDWIN, Joyce G. Ageu, Zacarias e Malaquias: introdução e comentário. São Paulo: Edições Vida Nova, 1982, p.23. [Voltar]

Nota 141 - BALDWIN, Joyce G. Ageu, Zacarias e Malaquias: introdução e comentário. São Paulo: Edições Vida Nova, 1982, p.26. [Voltar]

Nota 142 - YATES, K. M. Los profetas del Antiguo Testamento. El Paso: Casa Bautista de Publicaciones, 1984, p.287. [Voltar]

Nota 143 - ELLISEN, S. A. Conheça melhor o Antigo Testamento. Deerfield, Flórida: Editora Vida, 1991, p.331. [Voltar]

Nota 144 - ARCHER Jr., Gleason. Merece confiança o Antigo Testamento?: panorama de introdução. São Paulo: Edições Vida Nova, 1986, p.369-370. [Voltar]

Nota 145 - TURNER, D. D. Turner. Introdução ao Antigo Testamento II. São Paulo: Imprensa Batista Regular, 1986, p.269. [Voltar]

Nota 146 - KIRST, Nelson. et al. Dicionário hebraico-português & Aramaico-português. São Leopoldo: Editora Sinodal; Petrópolis: Editora Vozes, 1989, p.170. [Voltar]

Nota 147 - BERQUIST, J. L. Haggai. In: W. E Mills e R. F. Wilson. Mercer comentary on the Bible. Macon, Georgia: Mercer University Press, 1994, p.790. [Voltar]

Nota 148 - HARRIS, R. L. et al. Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento. São Paulo: Edições Vida Nova, 1998, p.1586. [Voltar]

Nota 149 - BALDWIN, Joyce G. Ageu, Zacarias e Malaquias: introdução e comentário. São Paulo: Edições Vida Nova, 1982, p.23. [Voltar]

Nota 150 - BALDWIN, Joyce G. Ageu, Zacarias e Malaquias: introdução e comentário. São Paulo: Edições Vida Nova, 1982, p.33-34. [Voltar]

Nota 151 - BALDWIN, Joyce G. Ageu, Zacarias e Malaquias: introdução e comentário. São Paulo: Edições Vida Nova, 1982, p.32-33. [Voltar]

Nota 152 - A Edição Revista e Atualizada no Brasil, de 1969, da Sociedade Bíblica do Brasil, traduziu: “segundo a palavra da aliança que fiz convosco, quando saístes do Egito”. [Voltar]

Nota 153 - WOLF, Herbert. Ageu e Malaquias. Miami: Editora Vida, 1986, p. 37-42. [Voltar]

Nota 154 - BALDWIN, Joyce G. Ageu, Zacarias e Malaquias: introdução e comentário. São Paulo: Edições Vida Nova, 1982, p.37-38. [Voltar]

Nota 155 - BALDWIN, Joyce G. Ageu, Zacarias e Malaquias: introdução e comentário. São Paulo: Edições Vida Nova, 1982, p.38. [Voltar]

Nota 156 - KOCH, K. The prophets: the babylonian and persian periods. Philadelphia: Fortress Press, 1984, p.162. [Voltar]

Nota 157 - BALDWIN, Joyce G. Ageu, Zacarias e Malaquias: introdução e comentário. São Paulo: Edições Vida Nova, 1982, p.39. [Voltar]

Nota 158 - WOLF, Herbert. Ageu e Malaquias. Miami: Editora Vida, 1986, p.46. [Voltar]

Nota 159 - WOLF, Herbert. Ageu e Malaquias. Miami: Editora Vida, 1986, p.46 [Voltar]

Nota 160 - BERQUIST, J. L. Haggai. In: W. E Mills e R. F. Wilson. Mercer comentary on the Bible. Macon, Georgia: Mercer University Press, 1994, p.791. [Voltar]

Nota 161 - BALDWIN, Joyce G. Ageu, Zacarias e Malaquias: introdução e comentário. São Paulo: Edições Vida Nova, 1982, p.157. [Voltar]

Nota 162 - COELHO FILHO, Isaltino Gomes. Ageu: nosso contemporâneo: um estudo contextualizado do Livro de Ageu. Rio de Janeiro: JUERP 1991, p.47. [Voltar]

Nota 163 - CRAIGIE, P. C. e KELLEY, P. H. e DRINKARD, Jr. Jeremiah 1-25. Dallas, Texas: Word Books, Publisher, 1991, p.319. [Voltar]

12.

O LIVRO DE ZACARIAS

O Livro de Zacarias é um dos mais difíceis de toda a Bíblia. Assim, antes de se passar para a leitura das notas que seguem, é melhor fazer uma leitura muito atenta do livro como um todo, destacando as porções que necessitam de esclarecimentos. Depois disto, aí sim, pode-se passar para a leitura destas notas, com a Bíblia em mãos para que todas as passagens citadas sejam verificadas.

12.1. O Profeta

Não há certeza, mas o profeta Zacarias, contemporâneo do profeta Ageu, deve ter nascido na Babilônia, no final do período do exílio. Seu nome no hebraico (*zekaryâ* – זְכַרְיָה) significa "Yavé se lembra", ou "Yavé se lembrou". Ele é um nome bastante comum, utilizado por mais de trinta personagens do Antigo Testamento.

O nome do pai do profeta era Berequias. O profeta aparece como filho de Berequias em Zc 1.1 e como filho de Ido em Ed 5.1 e 6.14, mas não há nenhuma contradição nisto, pois no hebraico utiliza-se a mesma palavra (*bēn* – בֵּן) tanto para filho quanto para neto ou, mais ainda, para descendente em geral. Como é possível notar em Zc 1.1, Ido é o avô do profeta. Ido aparece em uma lista de sacerdotes e levitas em Ne 12.4. Quando o profeta é identificado como filho de Ido, então, está sendo feita uma alusão ao seu antepassado mais famoso e não diretamente a seu pai.

Evidências internas no livro também apontam para a possibilidade de Zacarias ter sido um sacerdote. Nota-se nele profundo interesse na reconstrução do templo; alto conceito das responsabilidades do Sumo Sacerdote; e o entendimento de que o sacerdote era necessário para um relacionamento com Deus.

12.2. A Situação Histórica, a Data e a Autoria de Zacarias

Até o sec. XVII não existiam dúvidas quanto a autoria do livro. Nesta época Joseph Mede (1586-1638) tentou descobrir a relação entre Zc 11.13 e Mt 27.9-10 o que acabou dando início a uma grande variedade de opiniões sobre o assunto. Veja os textos, segundo a versão ARA de João Ferreira de Almeida: "Então o Senhor me disse: Arroja isso ao oleiro, esse magnífico preço em que fui avaliado por eles. Tomei as trinta moedas de prata, e as arrojei ao oleiro na casa do Senhor" (Zc 11.13).

"Então se cumpriu o que foi dito por intermédio do profeta Jeremias: Tomaram as trinta moedas de prata, preço que foi estimado aquele a quem alguns dos filhos de Israel avaliaram; e as deram pelo campo do oleiro, assim como me ordenou o Senhor" (Mt 27.9-10).

Uma confusão entre as palavras hebraicas *'ôtser* (אוֹצָר – tesouro) e *yôtsēr* (יוֹצֵר – oleiro) pode estar na raiz do problema. Em Zacarias 11.13 aparece a palavra *yôtsēr* (יוֹצֵר – oleiro), sem vogais *ytsr* (יצר), quando *'ôtser* (אוֹצָר – tesouro), sem vogais *'tsr* (אצר), poderia dar outro sentido, talvez melhor.

Para que se tenha uma ideia da confusão que teve início a partir desta época, segue uma lista de

opiniões a respeito da autoria do livro:

1) Zacarias da época pós-exílica;

2) Jeremias, no período pré-exílio;

3) Outro profeta, mas no pré-exílio, com o mesmo nome de Zacarias;

4) Algum discípulo do próprio Zacarias;

5) Profeta anônimo do pré-exílio;

6) Profeta anônimo da época dos Macabeus;

7) Sem período histórico definido, escrito por Zacarias no fim da vida, como um drama apocalíptico;

8) Não é possível determinar a data e, com isso, seu autor;

9) Atualmente a maioria dos autores opta pelo período grego;

10) Outros dizem que a obra tem muitos autores (Neste caso trata-se de um mosaico).

12.3. Características Gerais do Livro de Zacarias

Neste ponto abordaremos duas questões relativas ao livro em si. Veremos a questão do gênero literário e a mensagem geral. Depois disto é que partiremos para o estudo de seu conteúdo geral.

12.3.1. O gênero literário do Livro de Zacarias

O livro pode ser dividido em duas partes bem distintas. A primeira parte, 1-8, é escrita quase que na totalidade em prosa, com alguns trechos em verso. Já a segunda parte, 9-14, é escrita quase toda em verso, com alguns trechos em prosa. No geral pode-se dizer que o gênero literário da obra como um todo é o apocalíptico. Alguns sugerem a divisão em três partes sendo, 1-8, 9-11 e 12-14. Estas duas últimas divisões também são conhecidas pelos nomes de Dêutero-Zacarias (9-11) e Trito Zacarias (12-14).

12.3.2. A mensagem do Livro de Zacarias

A mensagem, ou mensagens, será vista em detalhes mais adiante. Aqui é suficiente dizer que o livro de Zacarias sofreu grande influência dos profetas pré-exílicos. Mais de vinte alusões aos livros proféticos pré-exílicos são feitas em Zacarias. Alguns exemplos com base na ARA são os seguintes:

1) “O SENHOR, porém, está no seu santo templo; cale-se diante dele toda a terra” (Hc 2.20). “Cale-se toda carne diante do SENHOR, porque ele se levantou da sua santa morada” (Zc 2.13).

2) Subverti alguns dentre vós, como Deus subverteu a Sodoma e Gomorra, e vós fostes como um tição arrebatado da fogueira; contudo, não vos convertestes a mim, disse o SENHOR” (Am 4.11). “Mas o SENHOR disse a Satanás: O SENHOR te repreende, ó Satanás; sim, o SENHOR, que escolheu a Jerusalém, te repreende; não é este um tição tirado do fogo?” (Zc 3.2).

3) “Mas assentar-se-á cada um debaixo da sua videira e debaixo da sua figueira, e não haverá quem os espante, porque a boca do SENHOR dos Exércitos o disse” (Mq 4.4). “Naquele dia, diz o

SENHOR dos Exércitos, cada um de vós convidará ao seu próximo para debaixo da vide e para debaixo da figueira" (Zc 3.10).

12.4. O Esboço do Livro de Zacarias

Ainda que existam outras propostas, um esboço geral do livro pode ser apresentado assim:

1. PRIMEIRA PARTE (1-8)
   1.1. Introdução à Primeira Parte – 8º mês do 2º ano de Dario – 520 a.C. (1.1-6)
   1.2. A Visão de Zacarias – 24º dia do 10º mês do 2º ano de Dario – 520 a.C. (1.7-6.15)
   1.3. Mensagens em Resposta à Pergunta sobre Jejum – 4º ano de Dario – 518 a.C. (7.1-8.19)
   1.4. Conclusão da Primeira Parte (8.20-23)
2. SEGUNDA PARTE (9-14)
   2.1. Intervenção de Yavé – A rejeição do pastor (9.1-11.7)
   2.2. Intervenção final de Yavé (12-14)

12.5. O Conteúdo da Primeira Parte do Livro de Zacarias (1-8)

Devido à complexidade do Livro de Zacarias a nossa abordagem a respeito do conteúdo será um pouco diferente dos demais livros que foram analisados até aqui. Seguiremos parte por parte.

12.5.1. A introdução (1.1-6)

Os primeiros seis versículos do livro são utilizados como uma introdução geral à sua primeira parte. Neles podemos destacar o seguinte:

a) O objetivo

O objetivo é levar o povo ao arrependimento e à conversão.

b) As palavras-chave

Tornai-vos para mim
e
tornarei para vós

Isto está baseado no passado do povo.

Os profetas clamavam v. 4

O povo não ouvia v. 4

Vem o castigo vs. 5 e 6

Caem em si v. 6

c) A aplicação

A rebelião contra Deus é castigada, não há escape.

Se tornarmos para Deus, Deus tornará para nós.

Devemos aprender com as lições do passado.

12.5.2. A visão de Zacarias (1.7-6.15)

Alguns têm falado das visões de Zacarias, como é o caso dos títulos que aparecem na Versão Revista e Atualizada de Ferreira de Almeida, que divide o texto em primeira visão, segunda visão etc., até a oitava visão. Mas, na realidade, trata-se de apenas uma visão que pode ser dividida em oito partes. Ela, como um todo, foi apresentada a Zacarias em uma única ocasião, no vigésimo quarto dia do décimo primeiro mês do segundo ano do reinado de Dario sobre a Pérsia (1.7), o que, de acordo com Joyce G. Baldwin, corresponde a 15 de fevereiro de 519 a.C.[Nota 164]

No quadro que segue está um resumo do conteúdo da visão de Zacarias que se divide, então, em oito partes principais mais a conclusão.

QUADRO GERAL DA VISÃO DE ZACARIAS

Parte	Textos	Descrição Básica	Pontos que definem a mensagem	Mensagem central
1	1.7-17	Os cavalos.	1 – Tudo está tranquilo na terra (1.7-11). 2 – A ira de Deus está aplacada (1.12-13). 3 – O Senhor já perdoou, agora abençoará (1.14-17).	Deus está prestes a abençoar o seu povo.
2	1.18-21 No Texto Hebraico 2.1-4	Quatro chifres e quatro ferreiros.	1 – Deus está indignado contra as nações soberbas (1.15). 2 – Os instrumentos de Deus se excederam (1.15). 3 – Aqueles que levantaram seu poder contra Judá são amedrontados (1.21).	Os opressores do povo de Deus serão castigados.
3	2.1-13 No Texto Hebraico 2.5-17	O medidor.	1 – Multidão de habitantes (2.4). 2 – Deus será um muro de fogo (2.5). 3 – Deus habitará em Sião (2.10-12). 4 – Deus já está agindo (2.13).	Jerusalém será poderosa e Deus mesmo a protegerá.
4	3	O sumo sacerdote Josué diante do tribunal.	1 – Josué representa o povo. 2 – Josué com roupas sujas (3.1-3) 3 – Mudam as roupas de Josué (3.4-5). 4 – A iniquidade da terra é tirada (3.9).	Deus aceita o arrependimento e perdoa a nação.
5	4	O candelabro de ouro e duas oliveiras.	1 – Duas oliveiras = dois líderes (4.3). 2 – O espírito de Deus estaria agindo (4.6). 3 – Os obstáculos diminuirão diante de Zorobabel (4.7). 4 – Zorobabel iniciou e terminará o templo (4.9). 5 – O começo foi humilde, mas será visto o prumo na mão de Zorobabel (4.10). 6 – Os ungidos de Deus (4.14).	Encorajamento a Zorobabel e Josué para que continuem a reconstrução do templo.
6	5.1-4	O rolo voador.	1 – Infratores serão excluídos da aliança (5.3). 2 – Infratores serão castigados (5.4).	Será feita justiça e os pecadores serão castigados
7	5.5-11	A mulher dentro do efa.	1 – A impiedade tomava conta de Judá (5.6). 2 – A impiedade foi detida (5.8). 3 – A impiedade foi transportada para Sinear (babilônia) – (5.9).	A injustiça será removida de Israel.
8	6.1-8	Os quatro carros de guerra.	1 – Cavaleiros saem de diante de Deus (6.5-7). 2 – Os cavaleiros fazem o espírito de Deus repousar no norte (6.8).	Os executores da vontade divina começam o trabalho.

Obs.: O texto de 6.9-15 forma uma conclusão geral da visão, sendo destacada a necessidade de obediência para que tudo seja cumprido (6.15).

12.5.3. Mensagens em resposta à pergunta sobre jejum – 4º ano de Dario – 518 a.C. (7.1-8.19)

No texto de Zacarias 8.19 aparecem quatro jejuns da época do cativeiro. São eles:

1 – O jejum do 10º mês, que relembrava o cerco de Jerusalém (2Rs 25.1 e Jr 39.1);

2 – O jejum do 4º mês, que relembrava a captura da cidade na época de Zedequias (Jr 39.2; 52.6-7);

3 – O jejum do 5º mês, que relembrava o incêndio do Templo (2Rs 25.8-9 e Jr 52.12-14);

4 – O jejum do 7º mês, que relembrava o assassinato do governador Gedalias (2Rs 25.25 e Jr 41.1-3).

Obs.: Estes jejuns, que consistiam em aflição, pranto e privação de alimentos, continuavam a ser guardados após o cativeiro babilônico.

A Divisão do Texto

1) Introdução e pergunta sobre o jejum 7.1-3

Dois esclarecimentos são importantes para esta parte, o primeiro diz respeito à data e o segundo à procedência da comitiva que foi até Jerusalém consultar a respeito do jejum.

A data que aparece em 7.1 corresponde ao dia 7 de dezem-bro de 518 a.C., dois anos e três meses após a primeira mensagem de Ageu, conforme registrado em seu livro (Ag 1.1), e quase dois anos depois da visão de Zacarias (Zc 1.7). Assim, esta parte está bem separada, no tempo, do assunto imediatamente anterior do livro.

Olhando para o texto hebraico não é fácil de se decidir de onde vem a comitiva que aparece em 7.2. A maioria das versões tem entendido que ela vem de Betel, mas há a possibilidade, também, de Betel fazer parte do nome de uma das pessoas componentes da comitiva, a qual seria conhecida como Betel-Sarezer. Joyce G. Baldwin, por exemplo, observando esta possibilidade, defende que a comitiva tenha partido da Babilônia e não da cidade de Betel, que estava tão próxima de Jerusalém. Para ela, os judeus que habitavam na Babilônia, e que guardavam o jejum por décadas, agora desejavam saber se deveriam continuar a fazê-lo ou não. No entender dela, o texto assim abordado tem mais sentido. [Nota 165]

2) Respostas

2.1. Resposta a – em forma de pergunta 7.4-7

2.2. Resposta b – relembrando o jejum verdadeiro 7.8-14

3) Mensagem de esperança (Podem ter sido textos de diversos sermões)[Nota 166] 8.1-17

4) Resposta final – Jejum se torna em alegria 8.18-19

12.5.4. Conclusão da primeira parte (8.20-23)

Estes versículos compõem a conclusão de toda a primeira parte do livro. É uma volta ao assunto de 2.11, mostrando que Jerusalém é o centro espiritual do mundo. Em 2.11 diz o seguinte: “Naquele dia, muitas nações se ajuntarão ao SENHOR e serão o meu povo; habitarei no meio de ti, e saberás que o SENHOR dos Exércitos é quem me enviou a ti” (ARA).

12.6. Destaques que Ajudam na Interpretação da Primeira Parte do Livro de Zacarias (1-8)

1) Zacarias é auxiliado por um anjo na interpretação de partes da visão (Zc 1.9, 19-21; 2.3; 4.1-5, 11-13; 5.2-3, 5-6,10; 6.4). Isto é um indício claro de literatura apocalíptica (Veja, por exemplo, o Livro de Apocalipse).

2) É bom destacar que "o anjo do Senhor" em 1.9, 11 e 12 não é o próprio Senhor, como aparece em outras passagens do Antigo Testamento, mas apenas um anjo.

3) O texto de 2.6-13 está em forma poética, diferenciando-se da visão em si.

4) Em 2.18-21 deve ser levado em conta o significado simbólico do número "quatro" que aponta para totalidade e para "chifre! que simboliza força, poder.

5) Em 3.1-2 aparece três vezes a palavra Satanás. No hebraico ela aparece com o artigo definido o que indica claramente não se tratar de nome próprio, pois no hebraico os nomes próprios não são utilizados com artigos, eles já são definidos por natureza. Assim, o termo *hassātān* (הַשָּׂטָן) ficaria melhor traduzido como "o acusador" ou "o adversário". Neste caso a melhor tradução parece ser "o acusador", pois o contexto aponta para algum tipo de julgamento.

6) Sinear, em 5.11, é um sinônimo para Babilônia.

7) Em 7.13 é utilizado um padrão quiástico (eu – eles – eles – eu / a b b a) que expressa muito bem a ideia da justa retribuição de Deus. Na versão Almeida Século 21 ficou assim: Assim como clamei, e eles não ouviram, também eles clamaram, e eu não ouvi, diz o SENHOR.

12.7. O Conteúdo da Segunda Parte do Livro de Zacarias (9-14)

Esta segunda parte do Livro de Zacarias é de dificílima interpretação pelos seguintes motivos:

1) São utilizadas muitas figuras de linguagem;

2) Não há uma concordância mínima entre os estudiosos a respeito da data da escrita;

3) Não se tem certeza quanto ao autor;

4) Existem várias dificuldades textuais.

Para se ter uma ideia do grau de dificuldade encontrado na interpretação é bom salientar que, por exemplo, apenas "os três pastores" de 11.8, já recebem cerca de quarenta sugestões sobre quem seriam (O texto diz: "Destruí os três pastores num só mês; porque me cansei deles, e eles também se cansaram de mim").

A maioria dos estudiosos da atualidade divide esta segunda parte de Zacarias em outras duas, 9-11 e 12-14.

Alguns também são da opinião que esta segunda parte de Zacarias é formada por três profecias anônimas, acrescentadas a Zacarias. Na opinião destes cada uma das profecias começaria com a frase "Sentença pronunciada pelo Senhor".

Assim, esta parte se estenderia até o Livro de Malaquias, com as seguintes divisões:

1 – Zacarias 9.1;

2 – Zacarias 12.1;

3 – Malaquias 1.1

Isto explicaria a falta de relação entre as duas últimas partes de Zacarias (9-14) e a primeira (1-8).

12.7.1. Os capítulos 9-11 de Zacarias

O tema dominante nestes três capítulos é a intervenção de Yavé e o destaque está na rejeição de seu pastor. Eles podem ser esboçados assim:

1 – Yavé triunfa sobre os povos 9.1-8

2 – O rei chega a Sião 9.9-10

3 – Júbilo e prosperidade 9.12-10.1

4 – Os líderes são repreendidos 10.2-3a

5 – Júbilo e restauração 10.3b-11.3

6 – O péssimo destino do bom pastor 11.4-17

12.7.2. Os capítulos 12-14 de Zacarias

Os três últimos capítulos possuem um tema central e um propósito claro. Pode-se dizer que, pela frequência com que surge neste texto a expressão "naquele dia" (*bayyōm hahû'* – בַּיּוֹם הַהוּא) (dezessete vezes), que o tema é o seguinte:

Os acontecimentos daquele dia.

O propósito do texto é dar esperanças aos fiéis.

Segue um esboço possível para esta parte:

1) Jerusalém enfrenta dificuldades, mas Deus está com ela 12.1-9

2) Haverá arrependimento em Jerusalém 12.10-14

3) Perdão e purificação 13.1-9

4) Jerusalém enfrenta dificuldades, mas Deus está com ela 14.1-15

5) Arrependimento mundial 14.16-19

6) Perdão e purificação 14.20-21

Alguns têm visto vários paralelos entre estes capítulos e passagens do Novo Testamento. Algumas sugestões são as seguintes:

Zc 12.10 com Jo 19.34-37 e Ap 1.7 – O transpassado

Zc 13.7 com Mt 26.31 e Mc 14.27 – O pastor de Deus

Zc 14.4 com At 1.11 – Os pés do Senhor no Monte das Oliveiras

Zc 14.8 com Ap 22.1 – Águas vivas em Jerusalém

Zc 14.9 com Mc 1.15 – Rei sobre toda a Terra

Zc 14.11 com Ap 22.3 – Não haverá maldição e Jerusalém habitará segura

Zc 14.21 com Mt 21.12-13 e Mc 11.17 – Não haverá mercador no Templo

Zc 14.20-21 com o ensino geral sobre a vida eterna – Não existirá diferença entre sagrado e profano

12.8. Destaques que Ajudam na Interpretação da Segunda Parte do Livro de Zacarias (9-14)

1) O contexto histórico da primeira parte (9-11) desta segunda divisão do livro, realmente é indefinido. Muitos já o colocaram no período pré-exílico, mas outros insistem em colocá-lo no pós-exílico, bem depois da época de Zacarias, no tempo dos Macabeus. Na opinião de Joyce G.Baldwin o conteúdo não tem um contexto histórico fixo. O autor estaria utilizando acontecimentos do passado para explicar eventos futuros, o que seria uma característica da literatura apocalíptica.[Nota 167] Ainda que não afirme, quando Baldwin opta por esta hipótese também está optando por um contexto histórico pós-exílico.

2) O termo "minha casa" que aparece em 9.8 pode ser uma referência ao Templo de Jerusalém, mas também para toda a Terra de Judá.

3) Em 9.9 está um texto muito conhecido por ter sido parcialmente citado no Novo testamento (Mt 21.5 e Jo 12.15). A atitude de Jesus, claramente relembrando esta passagem, ajuda-nos na interpretação. Ele, Jesus, demonstra que é o rei messiânico esperado pelo povo. Veja abaixo o texto de Zacarias e as citações do Novo Testamento:

> Zacarias 9.9: "Alegra-te muito, ó filha de Sião; exulta, ó filha de Jerusalém; o teu rei vem a ti; ele é justo e traz salvação; ele é humilde, e vem montado num jumento, num jumentinho, filho de jumenta".
>
> Mateus 21.5: "Dizei à filha de Sião: Eis que o teu Rei vem a ti, humilde e montado num jumento, num jumentinho, cria de animal de carga".
>
> João 12.15: "Não temas, ó filha de Sião; o teu Rei vem montado sobre a cria de uma jumenta".

4) O termo pastor (*rō'eh* – רֹעֶה), conforme utilizado nos capítulos 10 e 11, descreve cargos de liderança em geral.

5) O fato das moedas terem sido pesadas em 11.12 aponta para uma época anterior ao período grego, pois na época dos gregos as moedas já tinham o seu valor nominal, como na atualidade.

6) As feridas mencionadas em 13.6 podem estar localiza-das nos braços ou entre os braços. Se for entre os braços seria no corpo. Trata-se de prováveis ferimentos recebidos durante momento de êxtase em algum culto idolátrico.

7) A expressão "naquele dia" (*bayyōm hahû'* – בְּיוֹם הַהוּא) é um indício seguro de que se trata de literatura apocalíptica (Capítulos 12-14). A expressão "naquele dia" (*bayyōm hahû'* – בְּיוֹם הַהוּא), termo que se repete muitas vezes dentro dos capítulos 12-14 do Livro de Zacarias, é um indício seguro de que se trata de literatura apocalíptica.

É preciso atualizar as informações sobre o autor que se encontram na segunda capa. Por exemplo: Onde está "Coordenador e Professor do Mestrado em Teologia das Faculdades Batista do Paraná", poderia ser "ex-Coordenador do Mestrado da Faculdade Batista Pioneira". Talvez seja interessante aparecer que, atualmente, "atuo como professor do Mestrado em Teologia e pró-reitor da FABAPAR

(Faculdades Batista do Paraná)".

Nota 164 - 164 BALDWIN, Joyce G. Ageu, Zacarias e Malaquias: introdução e comentário. São Paulo: Edições Vida Nova, 1991, p.74. [Voltar]

Nota 165 - BALDWIN, Joyce G. Ageu, Zacarias e Malaquias: introdução e comentário. São Paulo: Edições Vida Nova, 1991, p.114-117. [Voltar]

Nota 166 - BALDWIN, Joyce G. Baldwin. Ageu, Zacarias e Malaquias: introdução e comentário. São Paulo: Edições Vida Nova, 1991, p.121. [Voltar]

Nota 167 - BALDWIN, Joyce G. Ageu, Zacarias e Malaquias: introdução e comentário. São Paulo: Edições Vida Nova, 1991, p.130. [Voltar]

13.

O LIVRO DE MALAQUIAS

O Livro de Malaquias não é o último da Bíblia Hebraica, pois ela se encerra com Crônicas, mas é o último do conjunto hebraico conhecido como Livro dos Doze, e também o último do Antigo Testamento das Bíblias Cristãs. Ele fecha o ciclo dos profetas e já aponta para o Novo Testamento quando prevê a volta de Elias, a quem Jesus identifica com João Batista. Isto por si só já faz dele um livro muito importante. Portanto, leia seu texto com atenção e, em seguida, passe para as notas que seguem, sempre acompanhando as leituras bíblicas indicadas.

13.1. A Autoria e o Título do Livro de Malaquias

São muitos os que pensam que o livro é anônimo. De fato não é fácil decidir por isso ou não. Por exemplo, a Septuaginta utilizou o nome Malaquias para o livro, mas ao traduzir o primeiro versículo, onde aparece o nome, não transliterou o suposto nome do profeta, mas o traduziu por "seu mensageiro". Assim, onde em várias versões aparece o texto: "Palavra do SENHOR contra Israel, por intermédio de Malaquias" (1.1), na Septuaginta, se traduzida para o português, encontramos algo parecido com: "Sentença pronunciada pelo Senhor contra Israel pela mão do seu mensageiro".

O nome próprio Malaquias (*mal'ākî* – מַלְאָכִי) significa "meu mensageiro". Talvez a LXX esteja baseada em alguma variação textual onde o escriba entendeu o sufixo pronominal hebraico da primeira pessoa (y), que significa "de mim" (meu), como sendo o sufixo pronominal masculino singular da terceira pessoa (w), que difere apenas no tamanho da letra, mas que significa "dele".

Para complicar um pouco mais a situação os Targuns parafraseiam 1.1 assim: "pela mão do meu mensageiro, cujo nome se chama Esdras o escriba". Talvez isto seja o que levou Calvino "a pensar que Malaquias era o apelido de Esdras".[Nota 168]

Marcos cita Malaquias 3.1, texto onde também aparece a expressão *mal'ākî* (מַלְאָכִי), atribuindo a passagem ao profeta Isaías (Mc 1.2), o que lança ainda mais dúvidas quanto à autoria.

Ainda que exista uma tradição judaica alegando que Malaquias é nome próprio e dizendo que este personagem fazia parte da Grande Sinagoga, vários argumentos são utilizados contra a historicidade de um Malaquias. Por exemplo:

1) A confirmação de que Malaquias só foi utilizado como nome próprio no período do 2º Século a.C;

2) Não aparece em outro lugar do Antigo Testamento;

3) Não há identificação paterna;

3) A tradução do nome.

13.2. A Data de Malaquias

O livro tem sido datado em cerca de 435 a.C. Chega-se a esta data por meio das seguintes evidências internas:

1) O Templo já está reedificado (1.7,10; 3.1);

2) A utilização do termo persa *pehạ̄h* (פַּחָה) para o governador (1.8);

3) O combate aos mesmos pecados enfrentados por Neemias no seu 2º período de ofício em Jerusalém. Alguns exemplos são os seguintes:

a) Levitas displicentes (1.6 com Ne 13.4-9);

b) Descuido dos dízimos (3.7-12 com Ne 13.10-13);

c) Casamentos mistos (2.10-16 com Ne 13.23-28);

d) Exploração do próximo (3.5 com Ne 5.1-15).

Este período localiza-se no tempo mais ou menos 80 anos após Ageu e Zacarias. Não estava acontecendo nada de extraordinário. Continuavam servindo a estrangeiros.

"O povo tinha perdido o ânimo, questionando o amor e a justiça de Deus (Ml 1.2; 2.17). Reinava o ceticismo (Ml 3.14-15); o desrespeito pelos mandamentos e a opressão dos menos privilegiados predominava (3.5), e a religião organizada era desprezada (1.7-14; 3.7-12)".[Nota 169] Era, então, uma incômoda época de espera.

13.3. A Unidade Literária e o Esboço de Malaquias

Ainda que o autor de Malaquias não utilize nenhuma estrutura para apresentar sua mensagem, pois os assuntos vão surgindo, ao menos aparentemente, por acaso, não se discute muito a respeito de sua unidade. Sua unidade fica clara, em especial, pela utilização do método de discussão que percorre todo o livro, no início de cada seção.[Nota 170] La Sor apresentou um interessante esboço do livro com base nas discussões. Veja como ficou, com pequenas adaptações:

Cabeçalho (1.1) Oráculo de Yavé por meio de meu mensageiro

Primeira discussão (1.2-5) Yavé ama Israel.

Yavé: Eu vos tenho amado.

O povo: Em que nos tem amado?

Yavé: Amei a Jacó (Sinônimo para Israel), mas aborreci a Esaú (Sinônimo para Edom).

Segunda discussão (1.6-2.9) O Pai de Israel merece honra.

Yavé: Por que vós, os sacerdotes, desprezais o meu nome?

Os sacerdotes: Em que desprezamos o teu nome?

Yavé: Ofereceis sacrifícios imundos.

Os sacerdotes: Em que te havemos profanado?

Yavé: Trazeis animais defeituosos, coxos ou enfermos.

Terceira discussão (2.10-16) Yavé odeia o divórcio.

O profeta: Yavé não aceitará as tuas ofertas.

O povo: Por que?

O profeta: Porque quebraste a aliança de matrimônio com a mulher da tua mocidade.

Quarta discussão (2.17-3.5) Deus é justo – Parte 1.

O profeta: Vós Enfadais a Yavé.

O povo: Em quê?

O profeta Questionando sua justiça, pensando que os que fazem o mal prosperarão. Deus punirá os perversos.

Quinta discussão (3.6-12) Dar o dízimo é indício de arrependimento.

O profeta: Tornai-vos a Yavé.

O povo: Em quê?

O profeta: Vós roubais a Deus.

O povo: Em quê?

O profeta: Nos dízimos e nas ofertas.

Sexta discussão (3.13-4.3 [TM 3.13-3.21]) Deus é justo – Parte 2.

Yavé: Vós tendes falado contra mim.

O povo: O que temos falado contra ti?

Yavé: Dizendo que é inútil servir a Deus. Eu punirei os perversos e recompensarei os fiéis.

Primeira conclusão (4.4 [TM 3.22]) Guardai a Lei de Moisés.

Segunda conclusão (4.5-6 [TM 3.23-24]) Elias virá antes do Dia de Yavé.[Nota 171]

13.4. O Tema Central do Livro de Malaquias

O tema central do Livro de Malaquias é claro e pode ser descrito da seguinte forma: Yavé abençoa os que o temem e castiga os que negligenciam os seus conselhos.

13.5. Destaques que Ajudam na Interpretação de Malaquias

1) No Texto Massorético[Nota 172] o livro é composto por apenas três capítulos e não por quatro como nas versões modernas. O conteúdo, porém, é o mesmo. Simplesmente, o capítulo três contém, além do texto normal (3.1-17), os versículos que aparecem no capítulo quatro das versões (4.1-6).

2) O início do capítulo 3, tanto no hebraico quanto nas versões, logo depois de 2.17 também não é adequada. O assunto segue por mais cinco versículos e a divisão deveria ser feita após 3.5.

3) Em hebraico, a primeira palavra do livro é *maśśā'* (מַשָּׂא). Normalmente ela é traduzida por "peso" ou "carga", ainda que em alguns contextos possa ter o sentido de "oráculo". Traduzir por "oráculo" neste versículo não é correto, pois ela é seguida pela expressão "da palavra de Yavé", o que

seria uma redundância, pois um oráculo já é uma palavra de Yavé. Assim, em 1.1, ela aponta para a responsabilidade do profeta e da nação. O "peso", a "carga de Yavé", está sobre ele e sobre a nação, até que provoque mudança de situação.

4) Em Ml 1.2,3 onde está escrito: "amei a Jacó, porém aborreci (odiei) a Esaú", deve ser entendido apenas como uma declaração de preferência e não de forma absoluta. Deus preferiu, escolheu, Jacó. Ou, melhor ainda, Deus escolheu o povo de Israel e não o de Edom, os quais são representados por Jacó e Esaú. Contudo, a forma como os edomitas agiram contra Jerusalém, durante o cerco desta pelos soldados da Babilônia, em 587a.C., atraiu sobre esta nação o castigo de Deus. Ao que parece, por esta época, Edom já havia sido devastao pelos nabateus.

5) O termo *mal'ākî* (מַלְאָכִי) é utilizado em 1.1, onde pode ser nome próprio "Malaquias" ou, ainda, ser traduzido por "meu mensageiro". Ele é utilizado em 3.1, com o sentido claro de "o meu mensageiro", e em uma forma um pouco diferente em 2.7 (*mal'ah yhwh tsebā'ôt* – מַלְאַךְ יהוה צְבָאוֹת) significando "o mensageiro de Yavé dos Exércitos".

6) A palavra "nome" (*shēm* – שֵׁם) utilizada em 1.6,11 e 2.2 descreve a pessoa de Deus. Assim, desprezar o "nome de Deus" é desprezar Deus (1.6); reconhecer que o "nome de Deus" é grande é reconhecer que Deus é grande (1.11); dar honra ao "nome de Deus" é honrar a Deus (2.2).

7) Em 1.7, pão imundo (ou alimento impuro) é a tradução de *lehem megōāl* (לֶחֶם מְגֹאָל) e, pelo contexto, percebe-se que é uma referência à oferta de animais fora do padrão estabelecido pela Lei. Já a referência à mesa do Senhor é uma alusão às mesas descritas em Ezequiel 40.39-43, onde os sacerdotes matavam os animais para os sacrifícios. Os sacerdotes estavam cansados do ritual.

8) Malaquias 1.11, além de destacar que o nome de Deus é grande, também diz que "em todo lugar oferecem incenso ao nome dele. Como a palavra lugar (*māqōm* – מָקוֹם) também possui o significado de "santuário", alguns têm entendido que este texto faz referência a cultos idólatras que acabam honrando ao Deus verdadeiro. Esta interpretação não condiz nem com o contexto do livro nem com o contexto geral da Bíblia. O texto é difícil e, talvez, o que esteja mais perto da solução seja interpretá-lo como uma profecia escatológica, antecipando a adoração que será praticada por todas as nações.[Nota 173]

9) Em 2.2, "*Amaldiçoarei as vossas bênçãos* tem sido interpretado de duas maneiras. Por um lado 'bênçãos' pode significar os recursos naturais, os bens pessoais, que os sacerdotes recebiam em forma dos dízimos do povo (Nm 18.21); por outro lado, pode ser o privilégio dos sacerdotes de pronunciar as palavras da bênção (Nm 6.24-26). Nos dois casos as bênçãos recairiam sobre eles como maldição". [Nota 174]

10) O texto de 2.7 além de chamar a atenção para a função de conselheiro do sacerdote, é o único no Antigo Testamento que mostra de forma clara o sacerdote como "mensageiro de Deus", uma atribuição, normalmente, do profeta. O texto diz assim: "Os lábios do sacerdote devem guardar o conhecimento, e da sua boca os homens devem procurar a instrução na lei, porque ele é mensageiro do SENHOR dos Exércitos" (Ml 2.7).

11) O contexto mostra que em 2.10 não há uma preocupação do profeta com a confraternização universal de todos os homens. Ele está preocupado apenas com a situação dentro do povo de Israel, com os participantes da aliança. O mesmo "pai" pode significar Jacó ou Deus, não está claro.

Mas isto não muda a mensagem. Nos dois casos aponta para a ascendência comum do povo de Judá.[Nota 175] O texto diz: "Não temos todos o mesmo Pai? Não fomos criados pelo mesmo Deus? Por que então somos infiéis uns aos oytros, quebrando a aliança de nossos pais?".

12) Em 3.1 aparece duas vezes a palavra *mal'āk* (מַלְאָךְ). Normalmente a primeira tem sido traduzida como "mensageiro" e a segunda como "anjo", mas, pelo contexto, ambas poderiam ser traduzidas por mensageiro, sem prejuízo do significado. Jesus identifica este mensageiro como sendo João Batista (Mt 11.10 e Lc 7.27). O termo "o senhor" deste versículo é a tradução de *hā'ādōn* (הָאָדוֹן) e não o nome de Deus (YHWH – יהוה). Entendo que Jesus, ao aplicar a primeira parte para João Batista também aplicou a segunda para si mesmo. No texto está escrito: "Enviarei o meu mensageiro, que preparará o caminho diante de mim; e de repente o Senhor, a quem buscais, o mensageiro da aliança, a quem desejais, virá ao seu templo. Ele vem, diz o SENHOR dos Exércitos".

13) O termo filhos de Jacó, em 3.6, pode estar indicando a natureza enganadora do povo. Isto com base no significado do nome Jacó: suplantador, enganador. Assim como Deus não muda, continua sendo bom e amando a Jacó (o povo de Israel), também os descendentes de Jacó não mudam, continuam sendo enganadores, como Jacó era.

14) Algumas versões têm traduzido o particípio *'ōkēl* (אֹכֵל) de 3.11 por "devorador". Ele descreve algum tipo de gafanhoto. Não há nenhuma razão plausível para ligar o termo a algum demônio.

15) Em Malaquias 4.5 há uma referência a Elias, assim: "Eu vos enviarei o profeta Elias, antes que venha o grande e temível dia do SENHOR". Jesus identificou o Elias citado em 4.5 como sendo João Batista (Mt 11.7-15).

16) A Septuaginta (LXX) trocou a ordem dos três últimos versículos do livro, colocando-os assim: 5, 6 e 4. A provável intenção desta mudança foi não encerrar o livro com a palavra maldição (*hērem* – חֵרֶם), que descreve a destruição total em oferta a Deus (Ver Josué 7).

Nota 168 - BALDWIN, Joyce G. Ageu, Zacarias e Malaquias: introdução e comentário. São Paulo: Edições Vida Nova, 1991, p.177. [Voltar]

Nota 169 - LASOR, William S. Introdução ao Antigo Testamento. São Paulo: Edições Vida Nova, 1999, p.451. [Voltar]

Nota 170 - BALDWIN, Joyce G. Ageu, Zacarias e Malaquias: introdução e comentário. São Paulo: Edições Vida Nova, 1991, p.178,179. [Voltar]

Nota 171 - LASOR, William S. Introdução ao Antigo Testamento. São Paulo: Edições Vida Nova, 1999, p.452. [Voltar]

Nota 172 - Texto Massorético é o Texto Hebraico com vogais e outros sinais que ajudam na leitura e identificação das palavras. [Voltar]

Nota 173 - BALDWIN, Joyce G. Ageu, Zacarias e Malaquias: introdução e comentário. São Paulo: Edições Vida Nova, 1991, p.192. [Voltar]

Nota 174 - BALDWIN, Joyce G. Ageu, Zacarias e Malaquias: introdução e comentário. São Paulo: Edições Vida Nova, 1991, p.195. [Voltar]

Nota 175 - BALDWIN, Joyce G. Ageu, Zacarias e Malaquias: introdução e comentário. São Paulo: Edições Vida Nova, 1991, p.199. [Voltar]

Referências Bibliográficas

ALEXANDER, T. Desmond. Jonas. Em: BAKER, David W., ALEXANDER, T. Desmond e STURZ, Richard J. Obadias, Jonas, Miqueias, Naum, Habacuque e Sofonias: introdução e comentário. São Paulo: Edições Vida Nova, 2001.

ARCHER, Jr. Gleason L. *Merece confiança o Antigo Testamento?* **.** 4.ed. São Paulo: Edições Vida Nova, 1986.

BAKER, David Weston. Habacuque. Em: David W. Baker, T. Desmond Alexander e Richard J. Sturz. Obadias, Jonas, Miqueias, Naum, Habacuque e Sofonias: introdução e comentário. São Paulo: Edições Vida Nova, 2001.

BAKER, David Weston. Naum. Em: David W. Baker, T. Desmond Alexander e Richard J. Sturz. *Obadias, Jonas, Miqwueias, Naum, Habacuque e Sofonias*: introdução e comentário. São Paulo: Edições Vida Nova, 2001.

BAKER, David Weston. Obadias. Em: David W. Baker, T. Desmond Alexander e Richard J. Sturz. *Obadias, Jonas, Miqwueias, Naum, Habacuque e Sofonias*: introdução e comentário. São Paulo: Edições Vida Nova, 2001.

BAKER, David Weston. Sofonias. Em: David W. Baker, T. Desmond Alexander e Richard J. Sturz. Obadias, Jonas, Miqueias, Naum, Habacuque e Sofonias: introdução e comentário. São Paulo: Edições Vida Nova, 2001.

BALDWIN, Joyce G. *Ageu, Zacarias e Malaquias*: introdução e comentário. Tradução: Hans Udo Fuchs. São Paulo: Edições Vida Nova, 1991.

BALDWIN, J. G. *Ester: introdução e comentário*. São Paulo: Edições Vida Nova, 1986.

BENTZEN, Aage. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: ASTE, 1968.

BERQUIST, J. L. Haggai. In: MILLS, W. E.; WILSON, R. F. *Mercer comentary on the Bible*. Macon, Georgia: Mercer University Press, 1994.

BÍBLIA, Português. Bíblia Sagrada: *A Bíblia de Jerusalém*, nova edição, revista. 2ª. impr. São Paulo: Paulinas, 1985.

BÍBLIA, Português. Bíblia Sagrada: *Almeida Século 21*: Antigo e Novo Testamento. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2010.

BÍBLIA, Português. Bíblia Sagrada: Centro Bíblico Católica de São Paulo, São Paulo: Editora Ave Maria, 1959.

BÍBLIA, Português. Bíblia Sagrada: *Nova Tradução na Linguagem de Hoje*: Antigo e Novo Testamento. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2000.

BÍBLIA, Português. Bíblia Sagrada: *Nova Versão Internacional*. [traduzido pela Comissão de Tradução da Sociedade Bíblica Internacional]. – São Paulo: Editora Vida, 2001.

BÍBLIA, Português. Bíblia Sagrada: Traduzida em Português por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 2 ed.

Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.

BRIGHT, J. *História de Israel*. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.

BRATCHER, Margaret Dee. Joel. Em: ed. ger. E. W. Mills & R.

F. Wilson. *Mercer Commentary on the Bible*. Macon, Georgia: Mercer University Press, 1994.

COELHO FILHO, I. G. *Ageu*: nosso contemporâneo: um estudo contextualizado do Livro de Ageu. Rio de Janeiro: JUERP 1991.
CRABTREE, Asa Routh. *Profetas menores*. Rio de Janeiro: JUERP, 1971.
DILLARD, Raymond B. e LONGMAN III, Tremper. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: Edições Vida Nova, 2006.
DOUGLAS, J. D. Jezreel. Em: DOUGLAS, J. D. (ed. ger.) *O novo dicionário da Bíblia*. . São Paulo: Edições Vida Nova, 1983, p.826. v.II.
ELLISEN, S. A. *Conheça melhor o Antigo Testamento*. Deerfield, Flórida: Editora Vida, 1991.
FRANCISCO, Clyde T. *Introdução ao Antigo Testamento*. 2.ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1979.
GOTTWALD, Norman K. *Introdução socioliterária à Bíblia Hebraica*. São Paulo: Edições Paulinas, 1988.
GREEN, Michael. *II Pedro e Judas*: introdução e comentário. São Paulo: Edições Vida Nova, 1993.
GUSSO, Antônio Renato. *Gramática instrumental do Grego*. 1.ed.revisada. São Paulo: Vida Nova, 2013.
GUSSO, Antônio Renato. *Gramática instrumental do hebraico*.2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2008.
GUSSO, Antônio Renato. *O Livro de Provérbios analítico e interlinear*: curso prático para aprimorar o conhecimento do hebraico bíblico. 2.ed. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.
GUSSO, Antônio Renato. *Panorama histórico de Israel para estudantes da Bíblia*. 6.ed. Curitiba: A. D. Santos Editora, 2013.
GUTHRIE, Donald. *Hebreus*: introdução e comentário. São Paulo: Edições Vida Nova, 1991.
HARRIS, R. L. *et al. Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Edições Vida Nova, 1998.
HARTLEY, John E. 1908 צִי (*tsî*) animal selvagem, habitante do deserto. Em: R. Laird Harris (org.) *Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Edições Vida Nova, 1998.
HEAVENOR, E. S. P. Oseias, livro de. Em: ed. ger. J. D. Douglas. *O novo dicionário da Bíblia*. São Paulo: Edições Vida Nova, 1983.
HUBBARD, David Allan. *Joel e Amós*: introdução e comentário. São Paulo: Edições Vida Nova, 1996.
HUBBARD, David Allan. *Oseias*: introdução e comentário. São Paulo: Edições Vida Nova, 1993.
KALLAND, Earl S. 401 hg;D; (*dāgâ*) multiplicar, aumentar. Em: R. Laird Harris (org.) *Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Edições Vida Nova, 1998.
KIRST, Nelson. et.al. *Dicionário Hebraico-Português & Aramaico-Português*. 2.ed. São Leopoldo: Editora Sinodal; Petrópolis: Vozes, 1989.
KOCH, K. The prophets: the babylonian and persian periods. Phi-ladelphia: Fortress Press, 1984.
KUNSTMANN, W. *Os profetas menores*: comentário bíblico. Porto Alegre: Concórdia Editora Ltda, 1983.
LASOR, William S.; HUBBARD, David A. & BUSH, Frederic W. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: Edições Vida Nova, 1999.Livro da ascensão de Isaías. Em: PROENÇA, Eduardo (org.) *Apócrifos e Pseudo-epígrafos da Bíblia*. São Paulo: Fonte Editorial,

2005.
MacLEOD. M. A. Gate-Hefer. Em: DOUGLAS, J. D. (ed). *O novo dicionário da Bíblia*. São Paulo: Edições Vida Nova, 1983. v.1.
MACRAE, Allan A. 1630 עַלְמָה (*'almâ*) mulher jovem. Em: R.
Laird Harris (org.) *Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Edições Vida Nova, 1998, p.1125-1126.
MONTAGNINI, Felice. *Isaías 1-39*: o olhar do profeta sobre os acontecimentos da história. São Paulo: Edições Paulinas, 1993.
PAPE, D. *Justiça e esperança para hoje*: a mensagem dos profetas menores. São Paulo: ABU Editora S.C., 1983.
PAYNE, D. F. Livro de Jonas. Em: J. D. Douglas (ed). *O novo dicionário da Bíblia*. São Paulo: Edições Vida Nova, 1983. v.2.
RIDDERBOS, J. *Isaías*: introdução e comentário. São Paulo: Edições Vida Nova, 1990.
RIDDERBOS, N. H. Ridderbos. Isaías. Em: DOUGLAS, J. D.(ed. ger.) *O novo dicionário da Bíblia*. . São Paulo: Edições Vida Nova, 1983.
SELLIN, E. & FOHRER, G. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: Edições Paulinas, 1977.
SHÖCKEL, Luis Alonso e DIAZ, J. L. Sicre. *Profetas II*: Ezequiel – Doze profetas menores – Daniel – Baruc – Carta de Jeremias.São Paulo: Paulinas, 1991, p.1034.
SICRE, José Luis. *Profetismo em Israel*: o profeta: os profetas: a mensagem. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.
STURZ, Richard J. Miqueias. Em: David W. Baker, T. Desmond Alexander e Richard J. Sturz. *Obadias, Jonas, Miqueias, Naum, Habacuque e Sofonias*: introdução e comentário. São Paulo: Edições Vida Nova, 2001.
SURMENDI, Jesús Maria. Da proclamação ao livro aberto. Em: José Luis Sicre (org.). *Os profetas*. São Paulo: Paulinas, 1998.
TAYLOR, John B. *Ezequiel*: introdução e comentário. São Paulo: Edições Vida Nova, 1984.
TURNER, D. D. *Introdução ao Antigo Testamento II*. São Paulo: Imprensa Batista Regular, 1986.
VERHOEF, P. A. *The books of Haggai and Malachi*. Grand Rapids, 1986.
WEBER, Carl Philip, y/h – *hôy*. Em: R. Laird Harris (org.). *Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998.
WOLF, H. *Ageu e Malaquias*. Miami: Editora Vida, 1986.
WRIGHT, J. S. *Ageu, Livro de*. São Paulo: Edições Vida Nova, 1983.
YATES, K. M. *Los profetas del Antiguo Testamento*. El Paso: Casa Bautista de Publicaciones, 1984.

Índice de Nomes e Temas

A

Aage Bentzen vii, 40, 74, 110

Abraão 140

Acabe 90

Acaz 83

Aco 85

Aczibe 86

Admá 35

Adulão 87

Ageu xi, 17, 99, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 143, 149, 151, 152, 156, 160, 161, 162, 166, 169, 170, 173

Agostinho 18

Albrigth 40

alegoria 29, 73, 75

Alfabeto Hebraico 95, 117

Amitai 71

Amom 58, 115

Amós iii, viii, 17, 22, 41, 43, 44, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 66, 72, 171

anel de selar 139, 140, 141

apocalíptico 145, 146

Arã 54

árabes 65, 67

Archer, Jr. viii, 29, 40, 66, 106

Asa Routh Crabtree 34, 74

Asdode 60

Assíria 22, 23, 54, 88, 89, 92, 93, 94, 96, 97, 98, 115

Assuero 140

Assurbanípal 93

B

Baal 26, 32, 50, 90, 111
Babel 117
Babilônia 66, 92, 99, 100, 101, 102, 105, 119, 120, 133, 143, 151, 152, 153, 164
Baker 68, 69, 70, 74, 75, 78, 87, 89, 92, 99, 100, 105, 109, 112, 113, 114, 116, 169, 173
Basã 60, 90
Belém 51, 88
Bel e o dragão 100
Ben-Hadade 54
Berequias 143
Bete-Ezel 86
Betel 55, 60, 151
Bete-Le-Afra 85
Bruce 106

C

Cafarnaum 92
Calvino 160
Cam 89
Cânon Evangélico 13, 19
Cânon Hebraico 18, 52
casa de Esaú 70
casa de José 70
Cidade de Deus 18
Clyde T. Francisco vii, 25, 28, 38
Crabtree 33, 34, 74, 75
Credener 40
Cuxe 89

D

Dagon 116
Damasco 58
Dario I 122
Davi 50, 61, 87, 88, 121, 128, 139, 141
David A. Hubbard 35
David W. Baker 69, 70, 74, 75, 78, 87, 89, 92, 100, 105, 109, 112, 113, 114, 116, 169, 173
Débora 106
demônios 46
destruidor 45, 46
Deus se arrependeu 62
devorador 46, 167
D. F. Payne 74
Dia de Yavé x, 44, 45, 58, 114, 115, 163
Duhm 40

E

Earl S. Kalland 78
Edom 58, 66, 67, 68, 69, 70, 106, 162, 164, 165
Efraim 23, 33, 34
Egito 23, 50, 51, 54, 60, 64, 92, 97, 134
Elcós 92
Elias 37, 159, 163, 167
Ernst Sellin vii, 39, 110, 124
Esar-Hadon 93
Esaú 67, 69, 70, 162, 164
Esdras 121, 128, 160
espírito de ciúmes 33
espírito de perversidade 33
espírito de prostituição 32, 33
espírito imundo 33
Espírito Santo 47

Ester 140, 169

Ezequias 83, 110

Ezequiel 18, 19, 24, 43, 45, 70, 87, 120, 165, 173

F

filho de profeta 51

filisteus 65

G

Galileia 71, 92

Gate 71, 81, 82, 85, 86, 172

Gate-Hefer 71, 172

Gaza 58

Gibea 35

Gileade 90

Gomorra 35, 52, 146

Grécia 39

H

Habacuque x, 17, 69, 70, 74, 75, 78, 87, 89, 92, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 107, 109, 112, 113, 114, 116, 169, 173

Hamá 140

Herbert Wolf 124

Herodes o Grande 67

Hubbard 29, 30, 35, 41

I

Idumeus 67

impuros 137, 138

inferno 35

Intertestamentário 67, 103

ira 96, 114, 149

Isaías 18, 19, 43, 44, 49, 50, 83, 101, 106, 133, 160, 172

Israel v, 21, 22, 23, 27, 30, 31, 33, 34, 35, 38, 39, 41, 51, 53, 54, 55, 56, 58, 60, 62, 65, 67, 68, 69, 70, 72, 75, 76, 78, 81, 82, 86, 87, 90, 101, 112, 140, 144, 150, 159, 162, 164, 166, 167, 170, 171, 173

J

Jacó 18, 52, 60, 67, 69, 70, 87, 162, 164, 166, 167

Jeconias 141

jejum xi, 150, 151, 152

Jeoás 65

Jeozadaque 132

Jeroboão 22, 23, 53, 54, 72, 82

Jeroboão II 22, 23, 53, 54, 72, 82

Jerusalém 18, 42, 51, 65, 70, 81, 86, 87, 88, 97, 99, 106, 112, 115, 117, 119, 120, 134, 146, 149, 151, 152, 155, 156, 157, 161, 164, 170

Jeú 27

Jezabel 90

Jezreel 26, 27, 170

João Batista 159, 167

Joás 39, 40, 50, 53, 54, 65

Joel vii, viii, 17, 37, 38, 41, 42, 43, 44, 47, 61, 62, 170, 171

John B. Taylor 87

Joiada 39

Jonas ix, 17, 53, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 87, 89, 92, 94, 100, 105, 109, 112, 113, 114, 116, 169, 172, 173

Jope 78

Joseph Mede 144

Josias 111

Josué 25, 128, 130, 132, 149, 150, 168

Jotão 53, 54, 83

Joyce G. Baldwin 124, 149, 151, 152, 156

Judá v, 23, 34, 41, 44, 51, 53, 54, 58, 63, 64, 65, 69, 70, 81, 82, 89, 92, 97, 102, 103, 105, 109,

110, 111, 114, 115, 116, 117, 122, 126, 128, 129, 132, 139, 141, 149, 150, 156, 166

juramento 61, 116, 134

Jurar 115

justiça 56, 57, 69, 84, 85, 89, 93, 94, 96, 150, 161, 163

justiça social 56

K

Kapelrud 40

Kunstmann 122

L

Laquis 86

lei de talião 70

Levitas 161

literatura apocalíptica 45, 138, 152, 156, 157

Luis Alonso Schökel 45

LXX 94, 103, 120, 121, 160, 167

M

Macabeus 67, 145, 156

Malaquias xii, 17, 43, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 149, 152, 154, 156, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 169, 173

maldição 34, 106, 156, 166, 168

Manassés 93, 109

Marcos 160

Maressa 87

Marote 86

Menaém 23

messiânico 138, 139, 157

Messias 135, 139, 140

Miqueias vi, ix, 17, 70, 74, 75, 78, 81, 82, 83, 84, 85, 87, 89, 92, 94, 100, 105, 109, 112, 113, 114, 116, 169, 173

Moabe 58, 115

moedas 144, 157

Moresete 81, 86

mundo dos mortos 35

N

Nabopolassar 101

Nabucodonozor 65, 66

Naum x, 17, 69, 70, 74, 75, 78, 87, 89, 91, 92, 94, 95, 96, 100, 101, 105, 109, 112, 113, 114, 116, 169, 173

Nazaré 71, 140

nazireus 52, 59, 60

Neobabilônico 102

Nínive 72, 73, 74, 78, 80, 91, 92, 93, 94, 95, 97

Ninrode 89

Norman K. Gottwald 75

O

o anjo do Senhor 100, 153

Obadias ix, 17, 63, 64, 65, 66, 68, 69, 70, 74, 75, 78, 87, 89, 92, 100, 105, 109, 112, 113, 114, 116, 169, 173

O Livro dos Doze Profetas 18

ômer 32

Onri 90

Órion 61

Oseias v–194, vii–194, 17–194, 21–194, 22–194, 23–194, 24–194, 25–194, 26–194, 27–194, 28–194, 29–194, 30–194, 31–194, 32–194, 33–194, 34–194, 35–194, 171–194

P

padrão quiástico 153

Pará 106

parábola 29, 73, 74, 75, 76

paralelismo concêntrico 112

paralelismo sintético 113
Peca 23
Pecaías 23
Pedro 47, 171
Profetas Maiores 13, 18
Profetas Menores b, v, vi, vii, 14, 17, 18, 19, 74, 75
Profetas Posteriores 19
prosa nobre 124

Q

Qunram 102

R

Raymond B. Dillard viii, 40, 49, 57, 84, 103
Reino do Norte 21, 22, 23, 34, 38, 39, 51, 53, 54, 55, 65, 71, 82, 90
Reino do Sul 34, 53, 82
Richard Julius Sturz 89

S

Safir 86
Salomão 53, 65
Salum 23
Samaria 54, 60, 65, 81
Satanás 146, 153
Sealtiel 132
Seir 67
Senaqueribe 93, 96
Septuaginta 94, 103, 121, 159, 167
Sete-estrelo 61
Sião 86, 87, 88, 112, 149, 154, 157
sicômoro 50
Silas Alves Falcão 73

Sinear 150, 153

Síria 54, 82

Sisaque 64

Sodoma 35, 52, 146

Sofonias x, 17, 43, 69, 70, 74, 75, 78, 87, 89, 92, 100, 101, 105, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 169, 173

T

T. Desmond Alexander 69, 70, 74, 75, 78, 87, 89, 92, 100, 105, 109, 112, 113, 114, 116, 169, 173

Tebas 92, 97

Tecoa 51

Temã 106

teocracia 140

Tiglate Pileser III 22

Tiro 39, 58

Torá viii, 52

Tremper Longman III viii, 40, 49, 57, 84

Treves 40

U

Uzias 53, 82

V

Verhoef 123

Vida 14, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 29, 30, 33, 34, 35, 37, 40, 49, 56, 57, 61, 62, 64, 66, 69, 70, 71, 74, 75, 78, 82, 83, 84, 87, 89, 91, 92, 96, 100, 101, 102, 103, 105, 106, 109, 112, 113, 114, 116, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 149, 152, 156, 160, 161, 162, 163, 166, 169, 170, 171, 172, 173

Visão 59, 69, 147

W

Weiser 40

William S. Lassor 83

Y

Young 40

Z

Zaanã 86

Zacarias xi, xii, 17, 23, 99, 121, 122, 123, 125, 126, 127, 132, 133, 135, 136, 138, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 160, 161, 162, 166, 169

Zeboim 35

Zorobabel 128, 130, 132, 135, 138, 139, 140, 141, 150

Índice de Palavras e Expressões Hebraicas

A

ʻām 27
ʻammî 27
ʻămôs 49
ʼamôts 50
haddôlēg ʻal hammipttān 116
hag 120
haggay 120, 125
hannābîʼ 121, 123, 125
haqets 62
hassātān 153
hāyâ dabar yhwh 125
hāzâ 104
hăzôn 69
hăzôn ʻōbadyāh 69
hbq 99
hemddâ 135
hērem 168
hesed 28
hôi 106
hôshēaʻ 22, 25
hôtām 140

B

baʻal 31, 32
bayyōm hahûʼ 155, 157
beerî 26
beʼērî 22

bēn 143
berit 134
besar-qōdesh 137
beyad haggay 125
bôkēr 50
bôlēs shiqmîm 50

C

Cûshî 110

D

dāg 78
dāgâ 78, 171
debēlâ 26
diblāyim 26

E

‘ebed 63
’eliyahu 37
elul 122

G

gōmer 26

H

,
hā’ādōn 167
habaqqûq 99
haddābār ’asher– kārattî 134

K

kā’ayyālôt 107
kāśeddîm 104

kāyits 62

Ketûbîm 18

koh ’āmar yhwh 126

L

lehem megōāl 165

lō’ 27

lō’ ruhāmâ 27

M

mal’ah yhwh tsebā’ôt 165

mal’āk 167

mal’ākî 160, 165

māqōm 165

maśśā’ 164

matteh 89

Mîkâ 82

mîkāyâ 82

mîkāyāhû 82

N

nābî’ 104

Nahûm 91

Nebî’îm 18

netîlê kāsep 116

ne’um yhwh 126

Nō’ ’āmōn 97

nōkēd 50

O

’ōkēl 167

ôtser 144

ʾōyabttî 90

P

pehâ 128
pehāḥ 161
petuʾel 37

Q

quislau 122

R

rōʿeh 157
rûah 132
ruhāmâ 27

S

sāpām 87
selâ 106
sepûnîm 128
shāmaʿ 131
shêm 117
shēm 165
sheol 35
shigyōnôt 106
shiqmah 50
sîmû lebabekem ʿal darkîkem 129
sîmû lebabkem 126

T

Teqôaʿ 51
tisri 122
Tôrâ 18

Tsepanyâ 109

’tsr 145

U

‘ûr 132

W

way‘an haggay 125

way’omer haggay 125

Y

yārē‘ 131

yayin 106

Yh 63

Yhvh 63

yhwh tsebā’ôt 126, 165

yizre‘e’l 26

yô’el 37

yôm 70

yônâ 72

yôtsēr 144

ytsr 144

Z

zekaryâ 143